REVISTA DA SEMANA

Nº 52 ★ 30-12-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **TOMARA QUE CHOVA 3 DIAS SEM PARAR – POLÍTICA NA ZONA RURAL – A LUTA CONTRA A IGNORÂNCIA**



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL

APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFERTAS

GRATIS

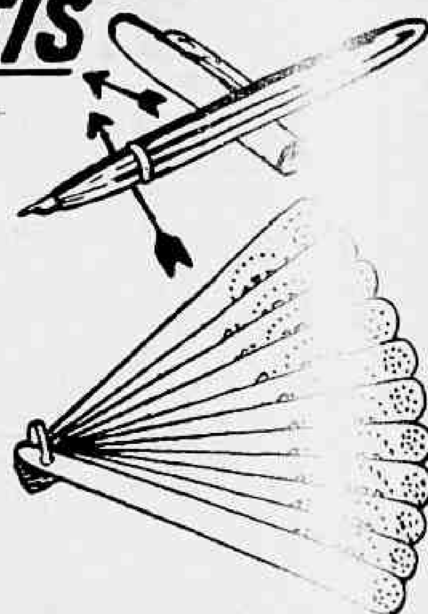
Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso

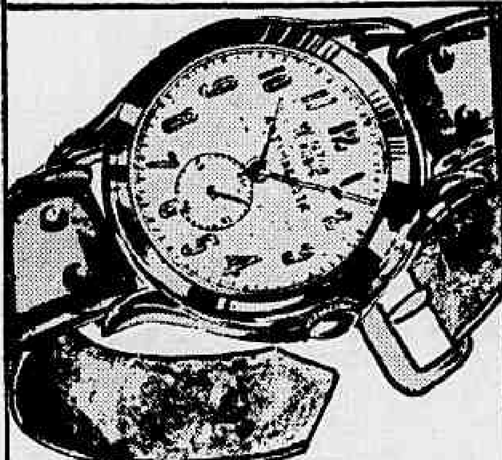
CASAS ROULIEN

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

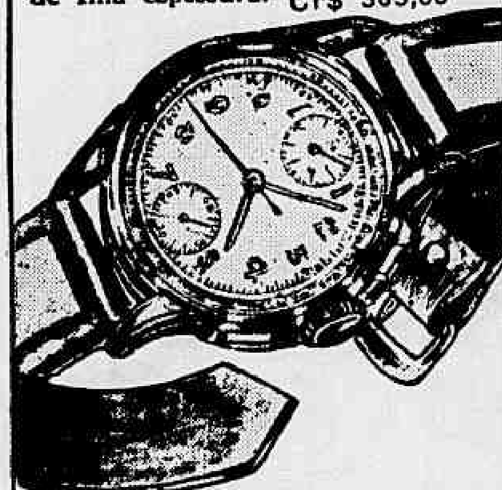
GRATIS

Para compras a c i m a de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artístico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho. Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

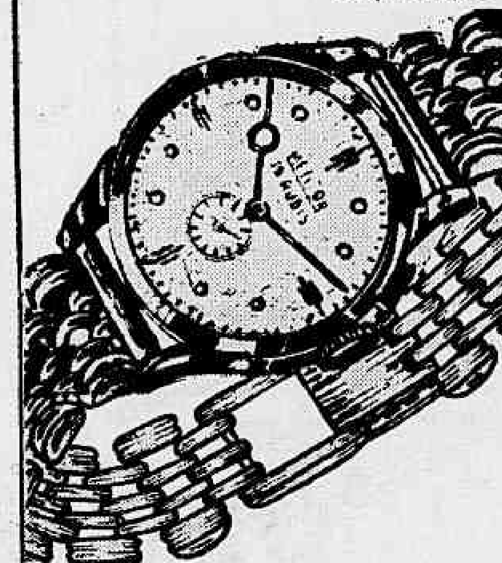




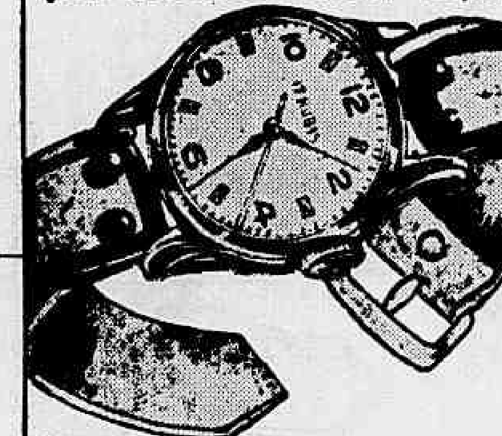
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis. Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica. fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



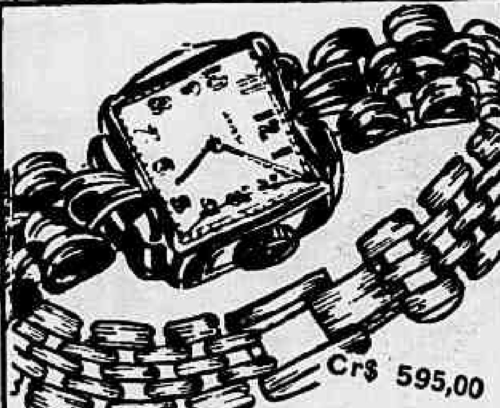
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00

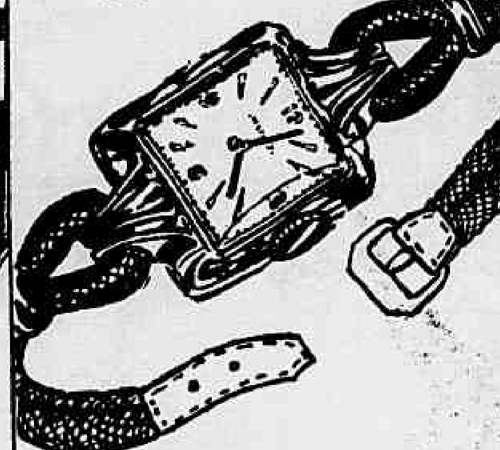


24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00

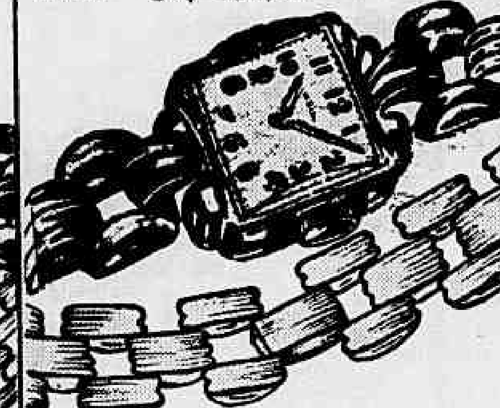


Cr$ 595,00

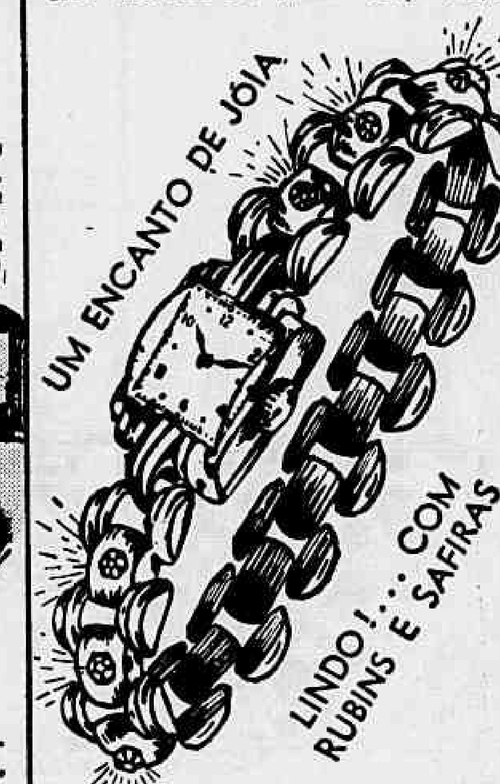
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



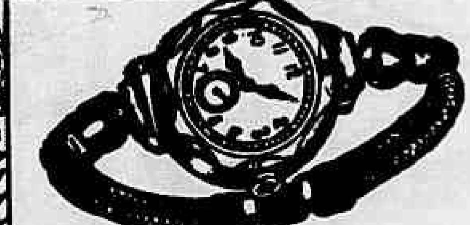
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



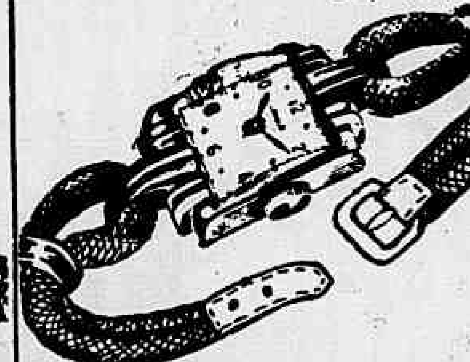
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00



24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ 655,00



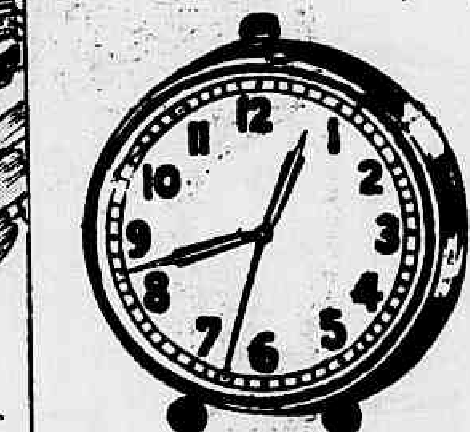
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ 198,00



24183 - MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



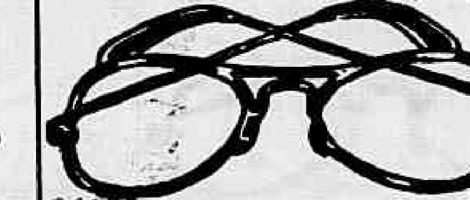
24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça – Cr$ 125,00

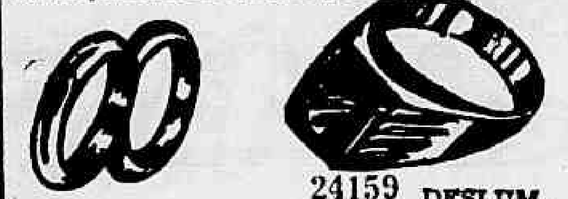


24100 - DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



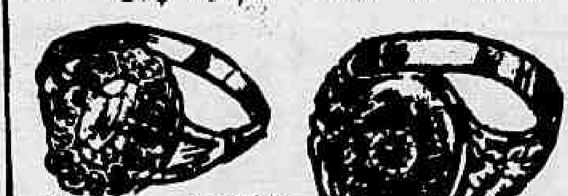
24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110 00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



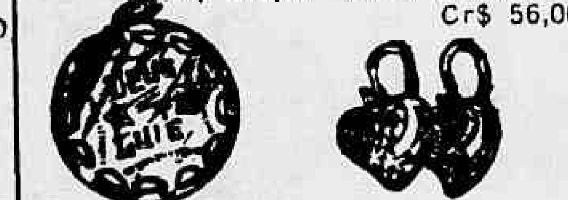
24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da Republica em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

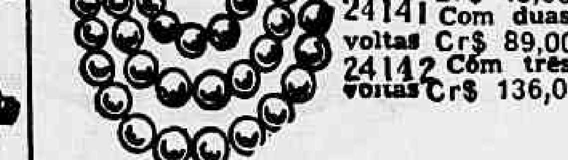
24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia —Cr$ 122,00



24140 COLARES DE PEROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00

24141 Com duas voltas Cr$ 89,00

24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

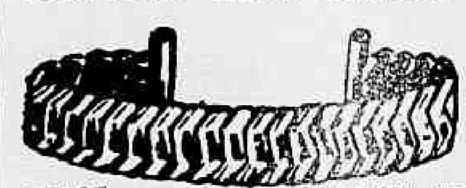


ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM OTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.

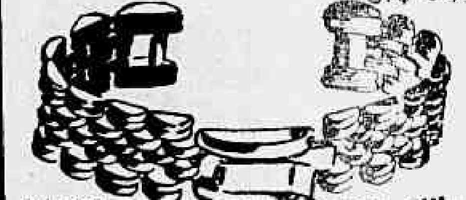


24203 - DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

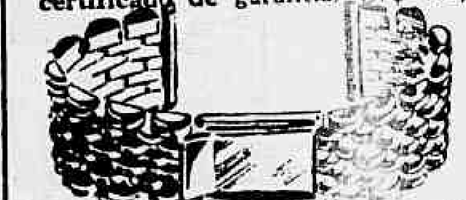
EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167 - DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeiríssima qualidade — Cr$ 95,00

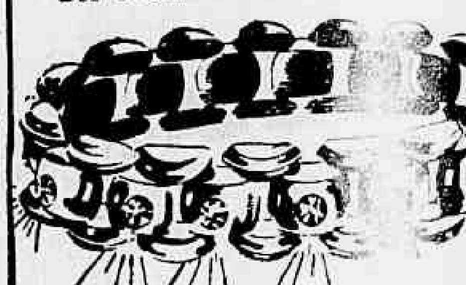


24192 - DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia Cr$ 172,00



24169 - BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 m... com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ ... 00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



24693 - MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis ... 299,00 Não confundir com imitações.



24108 - VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1 e 2.º Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - TEL. 49-0419

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos usam nos mirandes desleais CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil servindo ao povo amigo ha mais de 15 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICILIO — FONE 49-0419

NA RETA DO SÉCULO XXI

JANEIRO de 1951. Transpondo a primeira metade do século XX, os habitantes dêste planeta entram na reta do século que se esboça no horizonte de tôdas as nossas ilusões de felicidade e bem-estar. Um século em face da eternidade é como uma fôlha na imensidão das florestas amazônicas. Nada significa. Entretanto, para os viventes da espécie humana, como é longo e interminável um século! Não obstante, todos nós já passamos a depor as nossas esperanças nos séculos. Antigamente, até antes de 1914, crianças, adultos e velhinhos de ambos os sexos, exultavam com a chegada de mais um Ano Novo. E em tôdas as paredes e muros aí por essas cidades do interior e do litoral, a gente acordava a 1.º de Janeiro, entre mensagens de contentamento: VIVA O ANO NOVO!

O Ano Novo, evidentemente, não ia trazer muita coisa de melhor; mas, em compensação, também não era portador de tanta coisa de pior. Havia uma espécie de equilíbrio, diante do qual só a vida ia-se modificando com o envelhecimento dos que estavam vivos. Tudo o mais era sereno, tranqüilo, feliz.

Na escola, as crianças decoravam as regras da Gramática e soletravam palavras para aprender a ler. Adotava-se o Paleógrafo, para decifrar, no futuro, as receitas médicas. A Tabuada continha as torturas das Patacas e a simpatia quadrangular dos Cruzados. E as professôras só abriam as "classes" com uma oração à Virgem e umas palavras sôbre as grandezas do Brasil. Nos fins de Ano, muito antes do Natal, não havia mensagens estereotipadas e cretinas; trocavam-se presentes: bolos, perus recheados, cestas de frutas, flôres, saudações originais e amáveis. À frente das igrejas ou nos pátios das feiras, os coretos onde se exibiam os Pastoris.

Papai Noel, indivíduo inventado pela literatura francesa, não tinha cartaz. Tudo girava em tôrno do Menino Jesus deitadinho no cocho forrado de capim. Olhando-o, embevecidos, na singeleza inocente dos irracionais, o burrinho, a vaquinha e o carneirinho. Montados em seus camelos ajaezados de ouro e sêdas orientais, os Magos iluminados pelo fulgor da Estrêla de Belém. Em muitas cidades, o Reisado com seus cânticos e danças folclóricas de delicioso sabor. Em Reis, a queima das lapinhas, entre festas e futuros casamentos. Um quilo de carne custava quinhentos réis; ovos, três por um tostão; baralho da "Caxias" para a bisca familial, um cruzado, com o lucro de 50% para o comerciante. Uma casa, com quintal, um rio passando atrás e o trem à frente, acomodando família de seis pessoas, era de quinze mil réis mensais, sem fiador, sem contrato, sem "golpes". Como era feliz aquela humanidade! Como eram belas as mensagens dos moleques pelos muros: VIVA O ANO NOVO!

Cada ano que vinha, um aumento de fé. O mêdo de viver só existia na alma dos delinqüentes. Ninguém esperava melhorar por obra de séculos. A Paz, a Felicidade, a Esperança, vinham mesmo no decorrer dos anos, por intermédio dos meses, auxiliados pelos dias. Mas, com o aperfeiçoamento das armas de guerra, também foi o homem amodernizando os meios de perder a Paz, a Felicidade, a Esperança.

As nações já não são mais respeitáveis pelo instituto do Direito, pela sabedoria das Legislações, pelo decôro na aplicação da Justiça. Acima do Direito, da Razão, da Liberdade está o arsenal na arte de matar. Canhões, metralhadoras, foguetes, aviões, engenhos atômicos, gases, bombas incendiárias, raios da morte, nutrem o novo sistema de viver sôbre a Terra. Os cânticos do Natal, as salvas do ANO NOVO, foram substituídos pelos orçamentos de guerra. O homem não tem mais possibilidades de esperanças anuais; agora, apela para os séculos. Talvez que no outro século...

E como a vida humana tem a média de 55 a 60 anos, a esperança da felicidade perdida é cada vez mais fugidia para os que vierem ao mundo na metade das centúrias. Os letreiros a carvão ou a giz aí pelos muros saudando a entrada do ano recém-nato, ao invés de povoar-lhes de alegrias a alma torturada, ferem-nos a profundeza do ser, e têm a acidez hostil das ironias.

Janeiro de 1951! E nem uma só frase de esperança nos muros da cidade! E' que nestá altura do século, as crianças já nascem envelhecidas...

RENATO DE ALENCAR



SÓ RESTAM SAUDADES...

O PERU, FIGURA INDISPENSÁVEL ★ OS NORTE-AMERICANOS CONSOMEM NOSSAS CASTANHAS DO PARÁ E AS DE CAJU, TAMBÉM DO NORDESTE BRASILEIRO.

COM a chegada de Papai Noel, acendem-se as luzes multicores nas grandes árvores de Natal, eternamente verdes, que adornam milhares de casas norte-americanas. Na noite da véspera de Natal, as crianças alvoroçadas e felizes colocam as suas meias na lareira ou nas janelas, onde o bom velhinho irá deixar os presentes tão cobiçados, de antemão escolhidos e relacionados em ingênuas e deliciosas cartas, enviadas por intermédio de papai ou mamãe ao querido "Santa".

Mas, o Natal, mais do que um dia para troca de presentes, é um pretêxto para as encantadoras reuniões de família, para visita aos amigos e para as fervorosas preces por um mundo melhor. Em todos os templos Cristãos, celebram-se cerimônias especiais nas quais o povo

Enquanto as crianças estendem meias e sapatos para receber presentes de Papai Noel, a mamãe, na foto abaixo, vai arrumando presentes para amigos e parentes. Na última foto, a «Panela» que, pelo mundo inteiro arma o «Exército da Salvação», para os pobres. Ao lado, êste garotinho «ajuda» o papai arrumar a bela árvore.







Tôdas as casas de brinquedos procuram apresentar em vitrinas caprichosamente ornamentadas com motivos da época, o que de mais bonito e agradável possuem para atrair as crianças. Mas há uma personagem que merece tôdas as considerações nos dias consagrados ao Natal: é o peru. Vejam os leitores com que cuidados esta senhora prepara o saboroso «amigo das cozinhas». Na outra foto vemos uma cousa que nos devia servir de exemplo: na mesa, além de outras iguarias, castanhas de caju...

reafirma a sua fé na doutrina de paz na terra e boa-vontade entre os homens. A celebração do Natal, nos Estados Unidos, difere nos seus detalhes nas diversas regiões do país, mas são os mesmos os elementos essenciais de amor e fé. Nestas fotografias vê-se uma família do Estado de Ohio em cenas típicas para as festividades da grande data do mundo Cristão — o dia de Natal. Os sonhos das crianças norte-americanas são os mesmos de qualquer criança dêste mundo. Naturalmente, não fazem pedidos a Papai Noel (que é o Santa Claus dos Estados Unidos) para que passem nos exames... O que tôda criança espera é um lindo brinquedo, uma bicicleta, uma boneca que diz "Mamã" e "Papá", que fecha os olhinhos quando a deitam, ou um carrinho bem cheio de côres brilhantes, um velocípede, ou mesmo uma bola de futebol. Tudo, naturalmente, depende da idade, do sexo e... do tamanho da *entrada da chaminé* do papai... isto é: a capacidade da bôlsa. Lá, evidentemente, são outros os hábitos e as fotos que aqui divulgamos nos mostram diversos aspectos, bastante diferentes dos nossos. O das meias, por exemplo, não pertencem aos nossos costumes natalinos. Aqui costumamos colocar às portas e janelas, sapatos, os quais, ao amanhecer, estão cheios de presentes para os garotos. E' possível, que, de futuro, os meninos resolvam substituir meias e sapatos por malas bem grandes...





REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 52 ★ 30-12-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ [illegible]
Seis meses	Cr$ [illegible]

O número avulso custa [illegible] todo o Brasil: atrasad[illegible]

Correspondentes — Na Ba[illegible] Machado Cunha, avenida Sete de [illegible]ro, 149, Cidade do Salvador, Ba[illegible] Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», [illegible] Capitão Salomão, 67, tel 4-1569 [illegible]blicidade a cargo de Jarbas [illegible] rua da Conceição nº 58, 1º and[illegible] sala 101, telefone 6-671[illegible]

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguis Mendonça, 19 West Street New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos. Caixa Postal 434 Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299 [illegible] 32, avenida 9109, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

MERECIA A LIBERDADE



Farmington, é uma cidadezinha de Utan, nos Estados Unidos. A 21 do mês de dezembro dêste ano Santo de 1950, aconteceu ali um fato que merece destaque, pelo seu ineditismo. O xerife local é o sr. Legrande Hess, homem probo e cioso de suas elevadas responsabilidades de defensor da sociedade local, muito atencioso com todo mundo, mas, especialmente, prevenido com os senhores presos nas grades de sua detenção. Até agora nenhum detento pudera iludir a vigilância de Mr. Hess. As chaves da prisão de Farmington não lhe saiam da cintura que, para maior garantia, também não se separava de excelente revólver, como complemento da Lei e da Ordem. Um dia, porém, o xerife estava a descansar em sua casa, quando tilintou o tefelone. Foi atender uma pessoa da família; mas a voz, que parecia um tanto aflita, pediu que fôsse ao aparêlho o próprio xerife. O homem, já um tanto alarmado, ouviu esta notícia espantosa: «Mr. Hess, aqui quem lhe fala é o sentenciado F....» O xerife ficou pálido. Como era que aquêle prêso podia estar-lhe telefonando? Não havia telefone em sua cela... Mas o detento esclareceu: «Olhe aqui, sr. Xerife: venha fechar a prisão, pois está aberta. Um dos companheiros abriu-a e azulou. Mas nós três, eu, Fulano e Sicrano, estamos preocupados com isso e eu vim a uma casa comercial de onde estou falando...» O xerife correu e verificou a exatidão do comunicado. Não soube como explicar a violação da porta da cadeia; mas, por outro lado, também não compreendeu como foi que um detento fôsse tão honesto em suas convicções legais...

BEIJO DE COBRA



Belo Horizonte, como qualquer capital dêste país, possui os seus tipos populares. Dentre os mesmos há um «camelot» que se coloca, diàriamente, num dos mais movimentados trechos da Avenida Afonso Pena, esquina de Tupinambás, e passa a falar aos traseuntes, com o fim de vender suas bugigangas. Como não podia deixar de ser, possui também sua «Miquelina», isto é, uma cobra de regulares proporções, a qual contra-cena com o habilíssimo vendedor de bobagens, como centro de atração dos papalvos. A «Miquelina» é admirável. Só falta mesmo falar. Êle chama por seu nome e ela aparece, botando a cabeçorra de fora de uma caixa de papelão em que mora nos instantes em que está nas avenidas para ajudar o dono. Depois, êle a coloca ao pescoço e ali conversam por tempo variado, de acôrdo com as circunstâncias. Quando o povo faz um grande círculo em volta dos artistas, então êle passa a vender suas pomadas e artigos de primeira qualidade... A 20 de dezembro, sucedeu uma que acabou com o espetáculo à luz do sol. Ia passando um simplório e ouviu as conversas do «camelot». Dizia êle que aquela cobra era mesmo um amor. Gostava de carinhos e ia longe por um beijo. Ao ouvir isso, o cidadão se acercou dos que estavam a ouvir a «papolina» do ambulante e olhou para a cobra. Não suportando a curiosidade, interpelou-o: «Você diz que essa cobra dá beijo?» «Sim senhor! Ela é louquinha por um beijo. Se quer experimentar aproxime-se». O outro assim fêz e aproximou seu rosto do focinho da serpente. Esta, que não estava de bom humor, em lugar de beijo, deu-lhe uma dentada! Resultado: os «artistas» foram para a cadeia e êle para o Pronto Socorro!

O VAMPIRO DE UBAITABA



A história policial britânica está cheia de casos de vampirismo. Há um famoso vampiro que corre mundo em folhetos e até em filmes: — «O vampiro de Dusseldorf». Que vem a ser vampiro? Enorme morcego, espécie de andirás dos tupís, cujas asas abertas medem, por vêzes, quase um metro. Que haja vampiros animais, vá lá. A natureza é pródiga em belezas e em cousas horríveis e tudo tem uma explicação científica popular ou religiosa; mas, que haja vampiros humanos, ou homens-vampiros, isso é repelente. Os morcegos e os vampiros se alimentam de insetos e também de sangue. Gostam de sugar o sangue de cavalos e outros quadrupedes, e, quando há falta de rebanhos, êsses hematófagos se abastecem no lombo de indivíduos humanos. Com as «vampiras» se dá cousa diferente: ao invés de sugar o sangue, sugam as carteiras... dos incautos. Mas isso é outro assunto. Vamos, porém, ao caso de Ubaitaba, no Estado da Bahia. Essa pequena cidade fica na zona de Ilhéus. Um belo dia correu a alarmante notícia: um homem de feições horrorosas estava raptando crianças para beber-lhes o sangue! Como era natural, as mães de família ficaram aflitas. Muita gente, porém, achou que o assunto não merecia um tostão de mel coado. Mas a notícia tomou vulto e recebeu certos tons de verdade. Já diversas crianças haviam morrido em Ubatã e Pedras Altas, vítimas do vampiro. E agora, a 15 de dezembro, quando o menino Januário saiu para fazer compras e demorou excessivamente, seu pai, desconfiando, partiu em sua procura, indo surpreender o monstro, em uma casa abandonada, bebendo o sangue do garôto! O pai, não suportando a audácia do vampiro, feriu-o a facadas, levando-o prêso.

NÃO ENTENDEU NADA



O grande chefe nativo da Nigéria, o negro Olovo de Ovo (leia-se óvo) ou, para facilitar mais a prosódia e a compreensão, Olauo de Ouo, visitou ùltimamente a Inglaterra, com o fim de estudar os mais modernos métodos industriais e agrícolas, para aplicá-los, naturalmente, em sua pátria. Em companhia de sua cara metade, a elegante Mrs. Ovo (ou Ouo) como quiserem, fêz demorada visita a uma fábrica de locomotivas em Glasgow, onde trabalhava um aprendiz nigeriano de nome Peter Moeta, o qual foi destacado pela direção da fábrica com a obrigação de mostrar tudo ao seu rei e soberano, dando-lhe tôdas as explicações técnicas e de funcionamento de uma locomotiva. O rapaz falou, falou, falou durante duas horas expondo o caso ao rei nigeriano. A rainha ouvia tudo com muita atenção. Foram os três para um grande quadro e o intérprete lhes apresentou desenhos complicados cheios de números e curvas, de retas e diagonais, repletas de sinais algébricos e outros bichos esquisitos da alta engenharia. No final da lição o rei Olauo estava na mesma: não percebera «níquel» de tôda aquela conversa cheia de técnica e algarismos tediosos. Mas, seguindo os desejos de madame e de todos os nigerianos, prometeu que, ao regressar, trataria de comprar uma daquelas máquinas, com o que esperava promover o maior desenvolvimento ao seu país. Quando voltou e reuniu o concelho da coroa para explicar o que viu, um dos secretários lhe perguntou: «Majestade, e como é uma locomotiva?» O rei coçou a cafuringa, pensou e respondeu: «Escute, amigo: você já viu um camelo?» — «Já. — respondeu». Ao que concluiu o soberano: «Pois olhe, é lentamente diferente...»

A PERSONAGEM DA SEMANA

Dentre os países que mais sofreram com a última grande guerra, cita-se a Grã-Bretanha. Suas perdas em homens e bens, são das mais vultosas. Os bombardeiros alemães e as "bombas voadoras" de Hitler, arrasaram cidades, campos, estaleiros, catedrais, fábricas e minas. Foi incalculável o prejuizo da Inglaterra. Submetido o seu povo a um novo regime, o Trabalhista, dedicou-se a nação a um labor ininterrupto. Mas, como era natural, precisava a Inglaterra de ajuda externa, vindo em seu socorro o Departamento de Estado Norte-Americano, beneficiando-a com empréstimos do chamado Plano Marshall. Para restaurar todo o seu parque ferroviário, seus diques, sua marinha mercante, suas fábricas, sua agricultura, sua indústria, entregou o Govêrno americano, no período de abril de 1948 a março de 1950, o total de $ 2.391.400.000,00 (dois bilhões e trezentos e noventa e um milhões e quatrocentos mil dólares), e, de março até agora, pouco mais de 400 milhões de dólares. Os inglêses não se limitaram a festejar os empréstimos e elogiar o aliado generoso



Jorge VI, da Inglaterra

e amigo. Meteram mãos ao trabalho. Sabem êles que uma nação que não tem o poder econômico não tem o poder político, e trataram todos de elevar, diàriamente, o nível da produção, exportando suas mercadorias, mesmo que fôsse preciso, cada vez mais, apertar o cinturão. E, coisa espantosa! Apesar de exausta, a Inglaterra acaba de atingir o plano que pre-estabelecera: bateu todos os recordes de exportação. Está consolidada a recuperação econômica da Inglaterra e da área do esterlino, eliminando-se o "deficit" em dólares, retomando a Grã-Bretanha a sua marcha na estrada da Civilização como uma das grandes potências do mundo. Em virtude dêsse triunfo espetacular, decidiu o Govêrno inglês suspender a ajuda norte-americana do Plano Marshall, a partir de 1 de janeiro de 1951. Quem o anunciou perante a Câmara dos Comuns, foi o sr. Hugh Gaitskell, ministro da Fazenda da Inglaterra, dando ao seu país a glória de ter sido a primeira nação da Europa a equilibrar sua economia. O rei Jorge VI pode ufanar-se de haver dado ao seu povo um **Happy New Year.**

ANO NOVO, VIDA NOVA



Barnabé, escriturário letra E, sem meios de mudar de bairro, pretende mudar de **cadáveres...** Já está cançado das lamúrias do Isaac.

Todo ano novo desperta um mundo de ilusões, desejos de renovação, de vida nova! . . .



Vamos ver se com o ano novo muda essa história de Inchon, Wosan, Seul; estou ancioso para aprender geografia da Rússia. . .



Ela — Vamos ver se o ano novo me traz um namorado menos cacete. Como era bonzinho o de 1948; como era simpático o de 1949!



— Vamos ver se a nova equipe faz bonito no campo!
— Vosmecê se refere ao Flamengo?!
— Eu me refiro ao futuro Ministério. . .



EMILINHA BORBA, A SOBERANA INTERPRETE DOS ÚLTIMOS TEMPOS, PAQUITO E ROMEU GENTIL, AUTORES DA MARCHA "TOMARA QUE CHOVA"



EMILINHA BORBA, Romeu Gentil, Paquito e duas autênticas» baianas. Êste flagrante foi colhido na Rádio Nacional quando a graciosa estrêla daquela emissôra, ao lado da já famosa dupla de compositores, interpretava «Tomara que Chova», a marcha que tomou conta da cidade. Dificilmente outra música carnavalesca suplantará esta no carnaval que se aproxima.

TOMARA QUE CHOVA 3 DIAS SEM PARAR

PLENAMENTE VITORIOSA A MARCHA DE PAQUITO E ROMEU GENTIL ★ "MOTORNEIRO CHAPA 13", "MADALENA" E "ESTOU COM O DIABO NO CORPO" AS MÚSICAS MAIS CANTADAS ★ FALAM OS COMPOSITORES VETERANOS E OS BROTOS AO LADO DOS SEUS INTÉRPRETES: "ANTIGAMENTE HAVIA MAIS BRASILIDADE MESMO NAS MÚSICAS CARNAVALESCAS", DIZ ARI BARROSO ★ A CONCORRÊNCIA É MUITO GRANDE; CÊRCA DE OITOCENTOS DISCOS JÁ SE ACHAM NA RUA E AINDA HAVERÁ MUITA SURPRÊSA PARA VIR — AFIRMA BENEDITO LACERDA ★ TAMBÉM, PUDERA... ATÉ CABO DE POLÍCIA E EMPREGADO DE NECROTÉRIO, AGORA, SÃO COMPOSITORES — ACRESCENTA DAVID NASSER

Texto de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de WALTER MORGADO

ESTAMOS no limiar de 1951. Ano Novo. Um ano mais, um ano menos. Contraditório pensamento; que havemos de fazer — somar ou subtrair? Na azulada manhã nasce a esperança que morre sempre no arroxeado anoitecer. Assim também, no alvorecer do ano que se finda surgiram muitas esperanças que não lograram florescer. Mas nem por isso a terra fica desfalcada de sonhadores. Haja vista a grande quantidade de pseudo-compositores carnavalescos que surgiram ùltimamente e que vivem a sonhar com o sucesso das suas músicas.

Não estamos aqui para desencorajar ninguém. Pelo con-



«BATE O BOMBO» é um baião de Humberto Teixeira, também cantado por Emilinha Borba. Sorridente ela executa algumas notas da nova música.



PODE CHOVER à vontade... eu estou prevenido — diz Romeu Gentil, um dos autores da já vitoriosa marcha. De fato o homem está preparado para o «tororó».



EMILINHA TAMBÉM está em ponto de bala» a espera do aguaceiro». Guarda-chuva aberto, sapato na mão, e um arzinho de quem está satisfeita...



MARIO ROSSI e Marino Pinto, dois compositores veteranos que há muito vem compondo de parceria. Na sociedade da classe examinam um de seus discos.



LUIS SOBERANO e seu parceiro Jorge Gonçalves autores do samba «Por que Será» gravado por Carlos Galhardo, para os folguedos carnavalescos de 51.



UM «BROTO» E UM VETERANO unidos como parceiros: — Domício Costa e Nestor de Holanda, autores do samba «Gastei Tudo».



OTOLINDO LOPES e Arnô Provenzano, que aparecem na foto, apresentam para êste carnaval a batucada «É É Rapaziada» e «A Mentira Acaba».



DOIS VETERANOS, dois cartazes; Ary Barroso e Benedito Lacerda, presidente e ex-presidente da «Sbacem». Ambos apresentam sucesso para o carnaval.



HAROLDO LOBO e Milton de Oliveira autores de «Estou Com o Diabo no Corpo», um dos maiores sucessos dêsse carnaval. O disco é gravado por Marlene.

trário. Quando surge um novo elemento de valor no nosso mundo artístico e cultural não é preciso que êle venha a nós, como comumente o fazem os falsos valores, não; pois temos prazer em ir ao seu encontro. Daí o motivo desta reportagem, que visa separar o joio do trigo e dizer ao povo por que êle nem sempre ouve as músicas que deseja ouvir, embora sejam as que agradam a todos.

Em verdade, há muitos valores novos que, embora sem a experiência dos veteranos, vêm compondo músicas interessantes. A êsses chamaremos convencionalmente de "brotos". Outros, entretanto, são incapazes de assinar o nome dez vêzes sem errar e se arvoram em compositores. Referindo-se a êles disse-nos David Násser:

— "O Brasil é o único país onde as músicas são lançadas primeiro em discos. Nos Estados Unidos, por exemplo, são as orquestras dos cassinos, "boites", etc., que fazem os lançamentos das melodias. Uma vez assegurado o sucesso então são gravadas. De outra forma, nenhum compositor de músicas populares consegue gravar um disco comercial naquele país. E' preciso que, também entre nós, haja seleção, haja um critério para evitar a grande quantidade de gravações ordinárias que há por aí. Até cabo de polícia, condutor de bonde, detective e empregado de necrotério agora são compositores. Um dêles, certa vez, rimou Vênus com Jesus! Veja só que disparate! E são exigentes. Protestam, reclamam quando as "suas músicas" não são tocadas. A êsse respeito, Átila Nunes, locutor da Guanabara, disse que, se fôsse atender a todos, seria necessário tocar discos oito dias consecutivos, sem intercalar anúncios."

— "Isso é evidente, pois já sobe a 800 o número das músicas carnavalescas que se acham na rua — interveio Benedito Lacerda, que escutava o autor de "Motorneiro Chapa 13". — E ainda vamos ter muita surprêsa" — acrescentou.

★

Muitos dêsses "compositores" não compõem coisa alguma. E como todo ignorante é vaidoso, êles compram as composições como se comprassem uma gravata ou um par de meia. Outros, cavam junto às companhias gravadoras a gravação do disco com a condição de figurarem como parceiro do real compositor. Sob êsse prisma surgiram últimamente, ao lado dos cabos de polícia, os discotecários. Quase todos êsses indivíduos das emissoras cariocas agora são parceiros dos compositores... fracassados. Daí a razão de se ouvirem, constantemente, amontoados de ruídos em detrimento das boas músicas. São os discotecários quem organiza os programas. E' claro que, sob o ângulo da sua mediocridade, êles procuram tocar as suas músicas ou as dos compositores que os subornaram



HAROLDO LOBO entre as duas grandes artistas: Dircinha Batista e Linda Batista. O fecundo compositor é autor de muitas músicas interpretadas por ambas.



«TRAZ MAIS UM CHOPP», diz Jorge Murat para o garção num «recuerdo» da sua música que marcou época. Ao seu lado está o seu parceiro, Claribalte Passos



LAMARTINE BABA e o locutor Jonas Garret, quando faziam juntamente o programa «Clube do Toca Discos», na Rádio Globo.



ÊSTE FLAGRANTE foi feito feito na residência das irmãs Linda e Dircinha Batista, quando Grande Otelo dava um pequeno «show». Aparecem da esquerda para à direita: Ary Macedo, Airton Amorim, Linda Batista, David Násser, Dircinha Batista e Benedito Lacerda.

para isso. Chamar a atenção dos diretores artisticos não adianta, porque fora das ondas hertzianas as rádios cariocas vivem numa guerra de vida e morte. Sim, de vida e morte, dissemos bem. A Tupi (só para falar das grandes) anda desejando a morte da Nacional; e esta, por sua vez, deseja ver a caveira da rival. A primeira só toca discos dos seus artistas exclusivos. E a segunda, como revide, lançou o chamado "Disco Nacional", isto é, com a etiqueta da emissora. E já que abordamos o assunto... que é que há entre a S.B.A.C.E.M. e a U.B.C.? ("Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editôres de Músicas" e "União Brasileira de Compositores"). Duas comunidades que tratam dos mesmos fins. Por que duas sociedades, quando o número de associados de ambas não chega para se formar uma grande agremiação?! Desunião! Esquecem os compositores brasileiros e as emissoras cariocas a velha sentença: *"Unidos seremos mais fortes"*.

Êsse boicote às boas músicas vem dando ensejo a grandes vendas de rádio-vitrolas e discos nas casas do ramo. O povo já começa a achar antipático êsse estado de coisas. A êsse respeito, disse-nos o grande compositor Ari Barroso:

— "As músicas estão involuindo, perdendo o caráter carvalesco e se transformando em motivos de interêsses inconfessáveis. Isso é grave; pois não se pode tirar do carnaval a sensibilidade brasileira. Antigamente, havia mais brasilidade."

Almirante e Benedito Lacerda fizeram um confronto com o carnaval de 1933 e o de 1951. O primeiro acha que já naquela época havia bons e maus compositores e que a quantidade de músicas era equivalente à de hoje. E acrescentou: e daqui a 10 anos será o mesmo. E' o tal fenômeno do saudosismo e nada mais. O segundo, entretanto, discordou ponderando sôbre a evolução progressiva...

Aldo Cabral acha-se tão revoltado com a desleal con-



OUTRA FOTO FEITA no mesmo loc... Aparecem além das pessoas já citadas as senhoras Jurema Cabral, Isabel Nasser, esposa de David Nasser, Luiza Machado e Emilia de Oliveira Batista, mãe de Linda e Dircinha Batista.



MARLENE, que apresenta para o carnaval de 51 grandes sucessos, como «Estou com o Diabo no Corpo», samba de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, no seu automóvel.



DAVID NASSER e Haroldo Lobo compuseram «Motorneiro Chapa 13», que Linda Batista interpreta com a sua graça inconfundível O tema nos leva a crer que será essa a música que o povo cantará. A estrêla lançará a fantasia «Chapa 13»



MARION, na sua bela fantasia de «Jockey», simbolizando a música que compôs juntamente com Jorge Murat. Em baixo está Colé dizendo: — «os gregos eram assim».



corrência dos "novos compositores" que resolveu não mais deixar aparecer o seu nome nos discos, embora continue a usufruir dos direitos autorais.

★

Todavia, "a voz do povo é a voz de Deus". Fora do rádio, nos "dancings", "boites" e bailes familiares, o povo canta as músicas do seu agrado, dando, assim, expansão ao seu gôsto e à sua sensibilidade. E' o caso da marcha "Tomara Que Chova", de Paquito e Romeu Gentil, gravada simultâneamente pelos "Vocalistas Tropicais" e Emilinha Borba. Essa dupla de compositores vem há três anos seguidos obtendo êxitos. Em 1949 lançou a marcha "Jacarepaguá", cujo sucesso ainda hoje é lembrado. Em 1950, na hora H, quando ninguém esperava mais surprêsas, lançou "Daqui Não Saio", que chegou a ser premiada. E agora não se pode negar o quanto vem agradando "Tomara Que Chova".

O segrêdo dos sucessos dessa dupla que se vai tornando notável está na escolha dos temas, na riqueza das rimas dos versos e no colorido das músicas. "Daqui Não Saio", por exemplo, é um tema do povo como o é também o de "Tomara Que Chova". Quem mora nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sabe o quanto há comerciantes pouco honestos. Indivíduos inescrupulosos usam de todos os meios, numa ânsia desenfreada, para enriquecer, ilìcitamente: põem água suja no leite, vendem carne deteriorada, fazem linguiça de carne de cachorro, requerem despejos de famílias e mais famílias com o intuito de burlar a lei, que proibe a majoração dos aluguéis, alugar os prédios mais caros, etc. Mirando-se nesses dramas cotidianos e nos grandes acontecimentos do ano, os compositores fazem as suas músicas e as grandes sociedades apresentam suas críticas nos préstitos que desfilam na têrça-feira de carnaval.

Romeu Gentil e Paquito têm sabido tirar bom proveito de tudo isso. Daí a razão dos seus sucessos. Na época em que foi lançado "Daqui Não Saio" havia 18 mil processos de despejo no *Forum* carioca. E quantos não haveria em todo o Brasil?! A música foi um desabafo para

(Cont. da pág. 51)

HELENA DE LIMA, cognominada «a mais cheirosa flor da «Boite Meia Noite», gravou o samba «Martírio», criação de Humberto Teixeira, que aparece ao lado da sua intérprete. A nova estrêla vem agradando muito com as suas músicas.





LINDA BATISTA, SIMBOLIZANDO "MOTORNEIRO CHAPA 13". A MUSICA AGRADA A TODOS E ESPECIALMENTE AOS VERDADEIROS MOTORISTAS





Miriam Chagas de Melo e Silva

Nos últimos dias de dezembro, reuniu o casal Drault Ernanny de Melo e Silva, na sua residência da "Gávea Pequena", o que de mais aristocrático e elegante possui a sociedade carioca, para solenizar a conclusão do Curso Ginasial de sua filha Miriam. Ao belo palácio que apresentava, à noite, deslumbrante visão, não sòmente pelo cenário que a emoldura, como pela ornamentação de luzes em que emergia, amigos da família, parentes, colegas da homenageada, altos representantes dos meios bancários, industriais, etc., compareceram para apresentar a Miriam Chagas de Melo e Silva tôda a significação de seu afeto, partilhando da justa alegria de seus pais. Marcou o acontecimento social, uma etapa na vida cultural da galante herdeira da harmonia familial e das graças hereditárias de seus maiores, fontes genealógicas do nordeste brasileiro e de Minas Gerais, pontos de tradições brasílicas, onde o conceito de Moral, Cultura e amor à Família, constituem os maiores brazões de nossa terra e de nossa gente. Aos acordes de primorosas orquestras, a anfitriã, irradiando tôda a beleza de sua mocidade e a cativante fidalguia social em que nasceu, cresce e se educa, a todos cumulou de gentilezas, dividindo as honras da casa com os seus pais, os artífices dêsse seu primeiro triunfo. A festa de Miriam, que se encerrou com um baile, jamais se apagará de seu espírito e da lembrança dos que à mesma compareceram.













AIR FRANCE

A UNICA EMPRÊSA DE AVIAÇÃO EUROPÊIA
QUE VAI DIRETAMENTE A PARIS



Conheça de perto o que V. S. só conhecia de longe...

Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838



Grande Prêmio "Jockey Club Argentino". Flagrante onde estão as senhoras Candido Lobo, João Borges Filho, embaixatriz da Argentina, senhores embaixador da Argentina e Buarque de Macedo. No flagrante abaixo, colhido por ocasião da realização do Grande Prêmio "Jockey Club de Montevidéu", vemos o major-aviador uruguaio Mario Arena, o sr. Rubens Antunes Maciel, a senhora Mario Arena, a senhora Gabriel Retamoso, o comandante Gabriel Retamoso, adido naval à Embaixada do Uruguai, e o senhor Alvaro Ribas

NOTÍCIAS DO JOCKEY CLUB

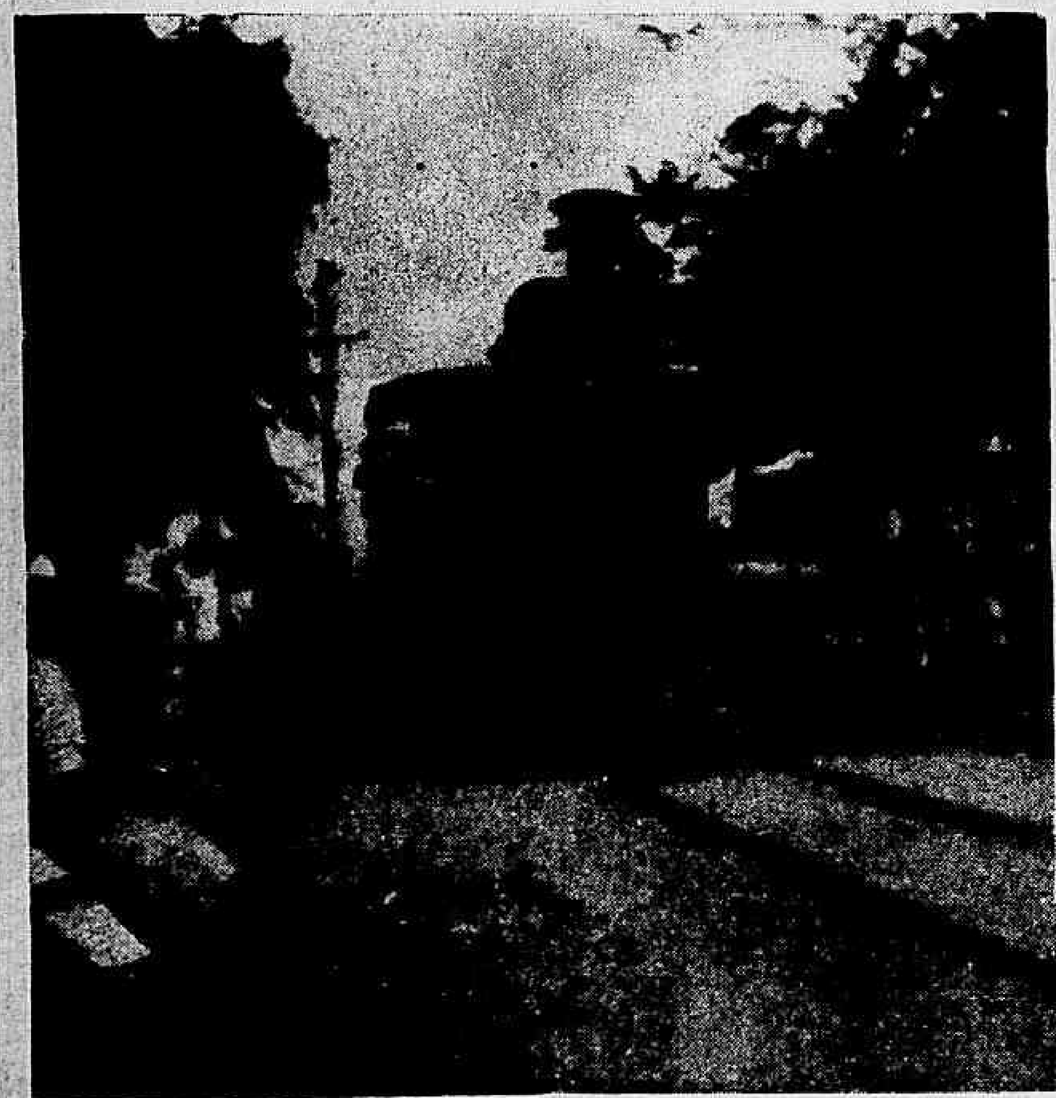




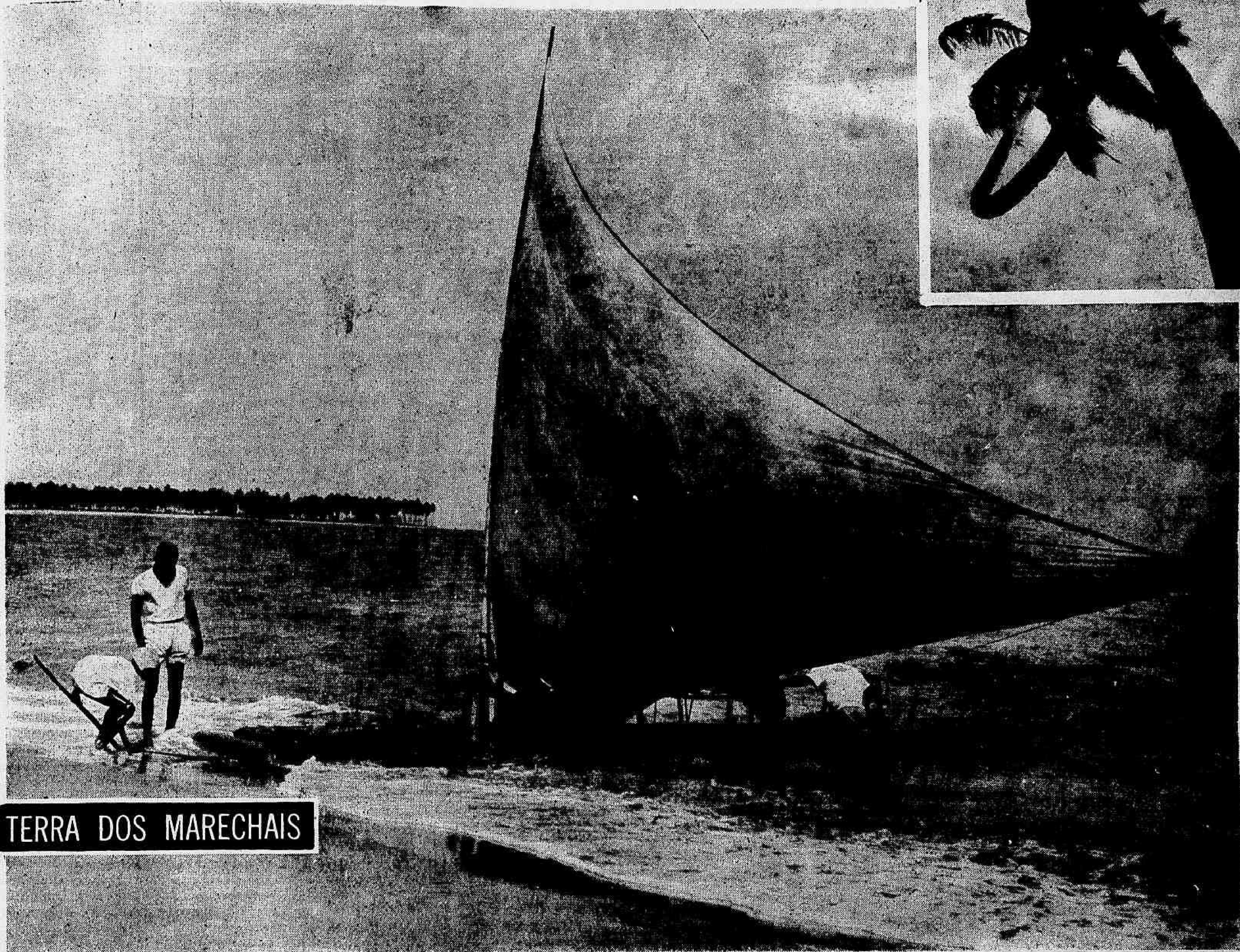
Grande Prêmio "Jockey Club Argentino". O sr. embaixador da Argentina, o sr. Carlos Guimarães, o sr. João Borges Filho, o sr. Julio Moura, o sr. Jorge Jabour, o sr. Fernando Machado Portela, o sr. ministro Alfredo Bernardes. Na fotografia abaixo: Grande Prêmio "Repúblicado Peru". O sr. embaixador do Peru entrega uma taça à representante do Stud 20 de Março, proprietário do animal vencedor dêsse grande prêmio. Entre outras pessoas, vê-se a embaixatriz do Peru ao lado do sr. Rubens Antunes Maciel, e o sr. Manoel de Araujo Freitas

O Jockey Club Brasileiro fêz correr, recentemente, três grandes prêmios em homenagem a outras tantas nações sul-americanas, procurando assim cada vez mais estreitar os laços que nos prendem aos nossos irmãos desta parte do continente. E sem dúvida constituíram grande sucesso social e turístico os Grandes Prêmios "Jockey Club Argentino", "Jockey Club de Montevidéu" e "República do Peru", dos quais estampamos quatro flagrantes nos quais confraternizam elementos da diretoria do Jockey e das sociedades brasileira, argentina, uruguaia e peruana, numa demonstração de camaradagem que só os povos amigos sabem cultivar. Grandes tardes viveu, pois, o Hipódromo Brasileiro com a realização dessas carreiras, a exemplo do que tem acontecido em tôdas as ocasiões em que o Jockey Club presta homenagens dessa natureza, tão bem compreendidos e aplaudidos pelo numeroso público "habitué" do maravilhoso prado de corridas da Gávea.





A FEIRA DE PASSARINHOS, realizada aos domingos, em Maceió, e o "trem do sertão", que para ao lado do Mercado.



NA TERRA DOS MARECHAIS

EM TODO O NORDESTE, de que faz parte o pequeno Estado de Alagoas, a principal característica de suas costas são as praias, as formosas praias compridas, largas, de areia fina, bordejadas pelos coqueirais, povoadas pelos valentes jangadeiros. Parece cena de filme, mas não é. A jangada voltava, não só, mas cheia de peixe fresco. Ao alto, o famoso «Gogó da ema».

MACEIÓ, SUA TERRA E SUA GENTE

NA TERRA HISTÓRICA "DAS ALAGOAS" ★ A "NOVA" CAPITAL ★ TIPOS, COSTUMES E VIDA NORDESTINA ★ GÊNEROS, ARTEFATOS, PEIXEIRAS E JANGADEIROS ★ A BELEZA DA NATUREZA ★ IDÉIAS, ANSEIOS, REALIDADE E SONHOS

Texto e fotos de SABINO CANALINI.



A IDADE não impede que o velho ainda conserte o barco que é o seu ganha-pão diário. São rijos êsses alagoanos!

CONFORME o avião se vai distanciando da capital da República, rumo ao norte, sobrevoando as costas dos Estados marginais ao oceano, várias coisas podem ser notadas. Em primeiro lugar é a grandeza, o tamanho descomunal dêsse nosso Brasil que nos impressiona. Depois, como estamos em período de guerras contínuas, reparamos na imensa seqüência de praias, milhares de quilômetros de praias. Baixas, largas, limpas e despovoadas. Se por um lado dificultariam a aproximação de navios, mesmo de pequeno calado, o que é evidenciado pela falta de bons portos, sendo os poucos que existem devidos ao trabalho do homem, por outro lado permitiriam a chegada em massa de lanchões de desembarque e a aterrissagem de centenas de transportes sem motor em suas areias duras. E quem defenderia tanta extensão de terra, em que não se nota o menor casebre? Nem todo o exército dos Estados Unidos! Apesar de ser voz corrente que no Brasil apenas a costa se desenvolveu, as infindáveis extensões de terra devoluta que margeiam os quatro mil quilômetros de costa oceânica desmentem essa asserção. O que progrediu foram apenas alguns pontos, núcleos, verdadeiras cabeças de alfinête na bainha de nosso território. O que falta é o elemento humano, justamente o que sobra em outros lugares da terra. Mais coisas podem ser notadas de avião. A natureza, representada pelo seu reino vegetal, vai aos poucos se modificando. As matas do litoral fluminense, vão rareando em terras capixabas, para se tornarem quase inc-



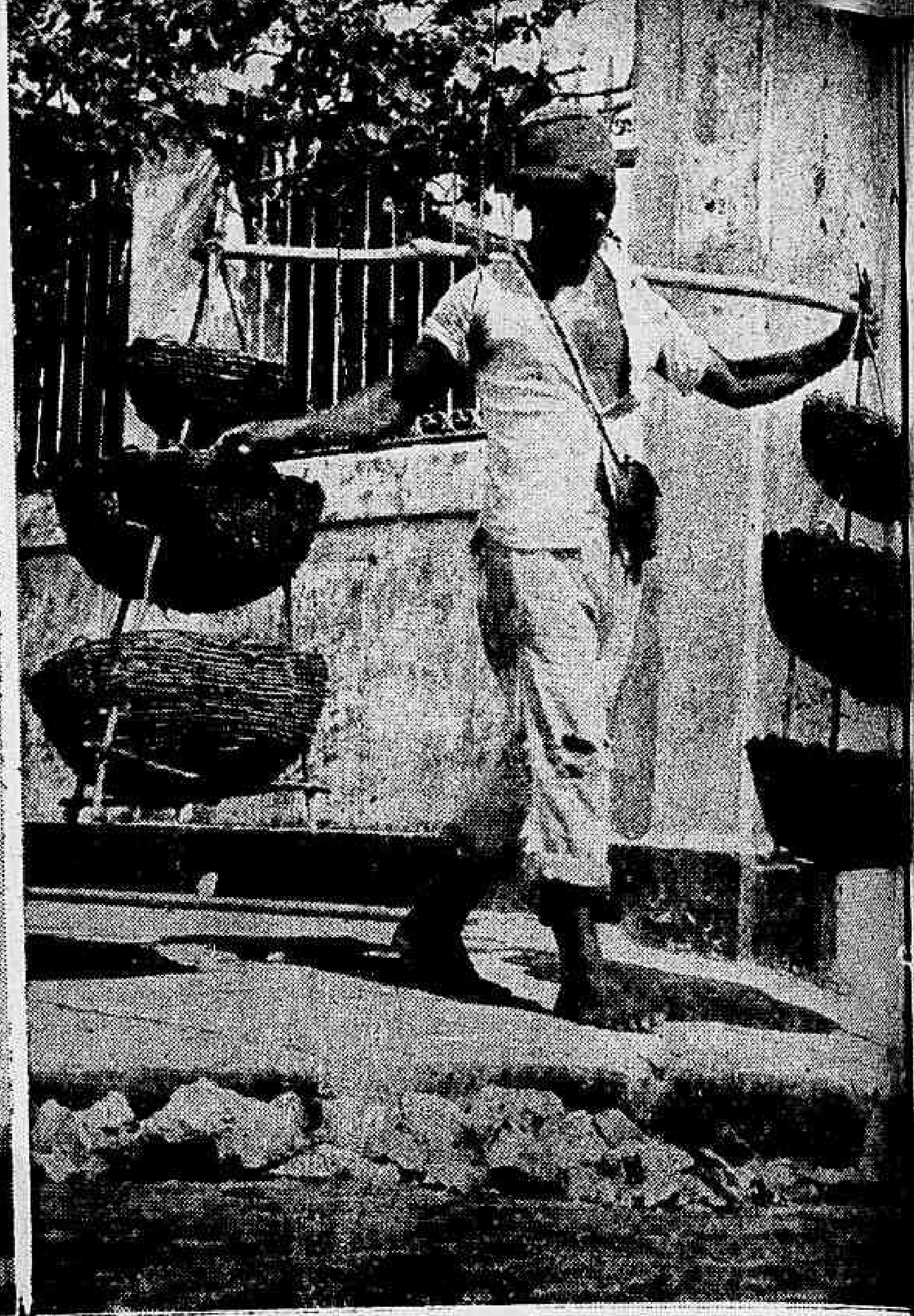
OS BARCOS para a pesca com o arrastão ocupam o tempo do praianos que estão de «folga» em terra. O sol impera.



AOS DOMINGOS, na feira de passarinhos, constituem êstes a minoria. Há de tudo, inclusive um guri que pretendia vender livros técnicos de estatística aos presentes.

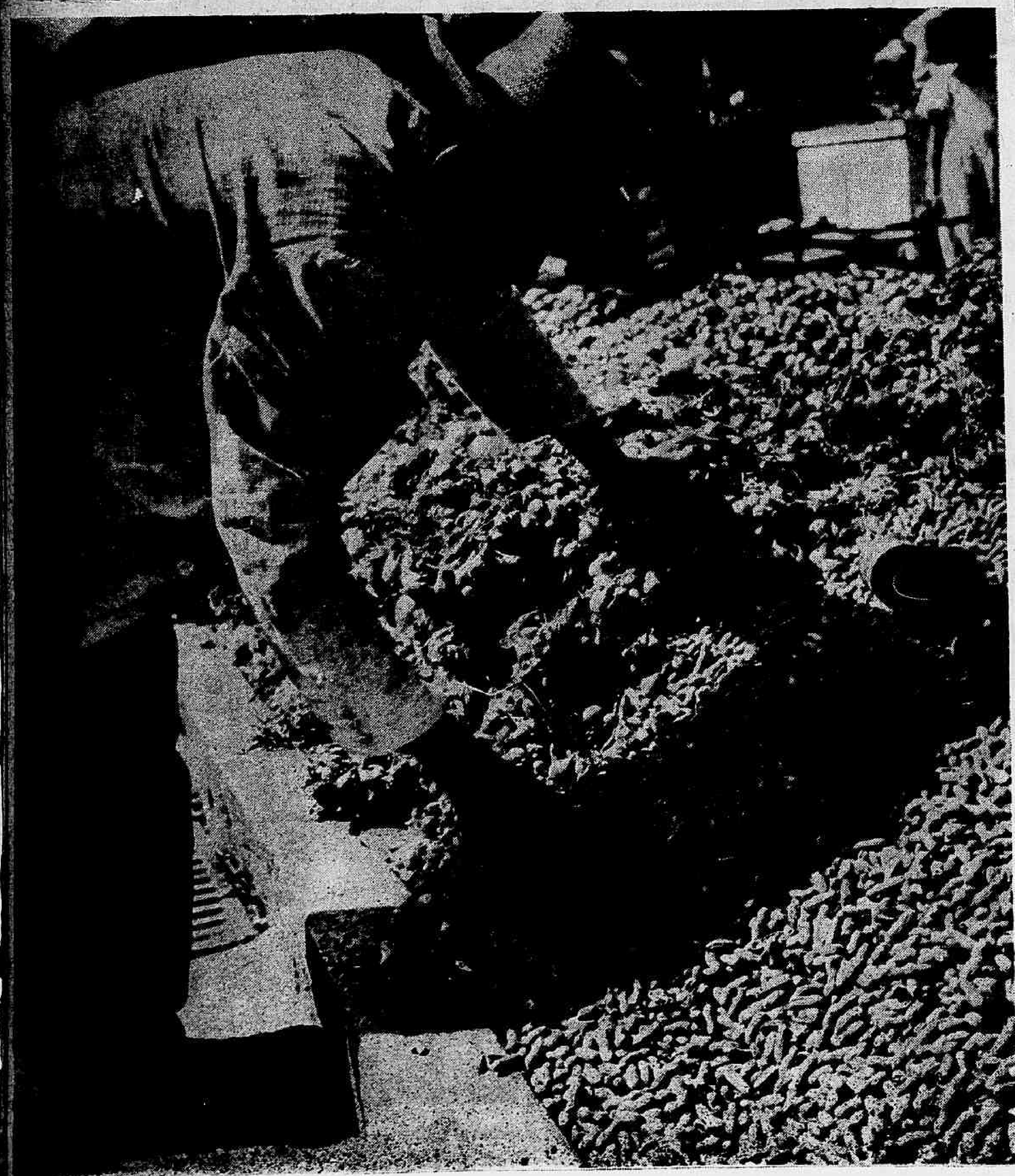


GOGÓ DA EMA. — Não precisa de apresentações. Muito conhecido nêste vastíssimo Brasil, é beleza turística para uns e aberração da natureza para outros.



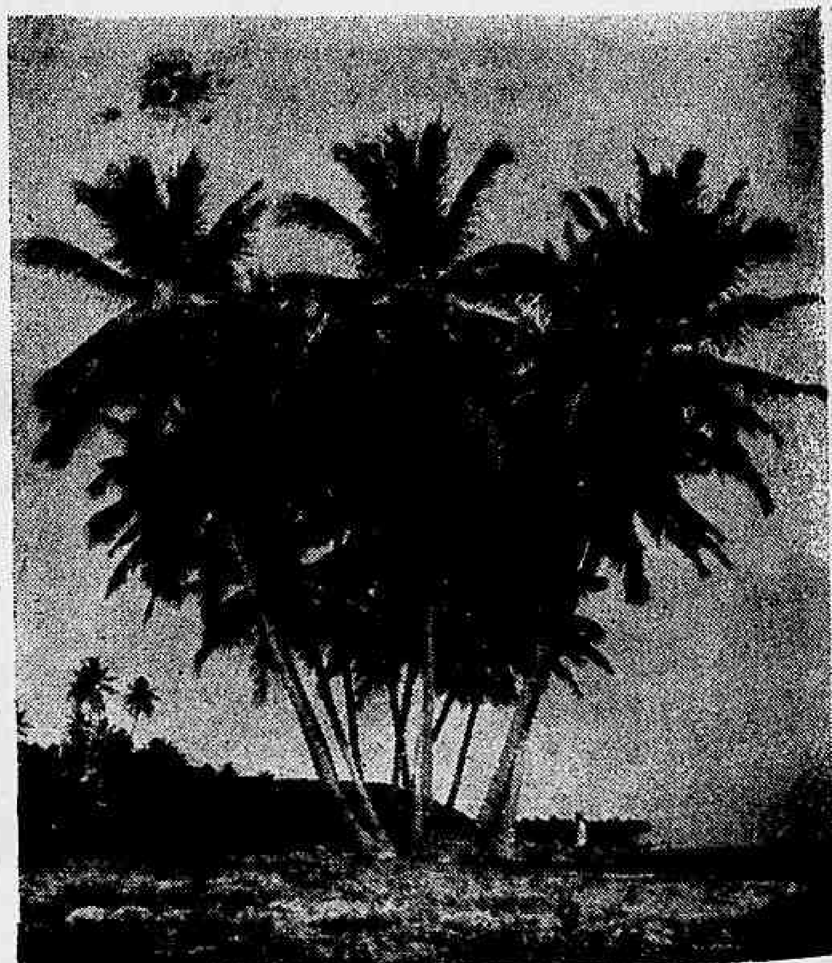
OS TIPOS DE RUA, os vendedores ambulantes, chamam atenção dos forasteiros. Aí na foto está um vendedor de ortaliças e os tradicionais cestos em balança.

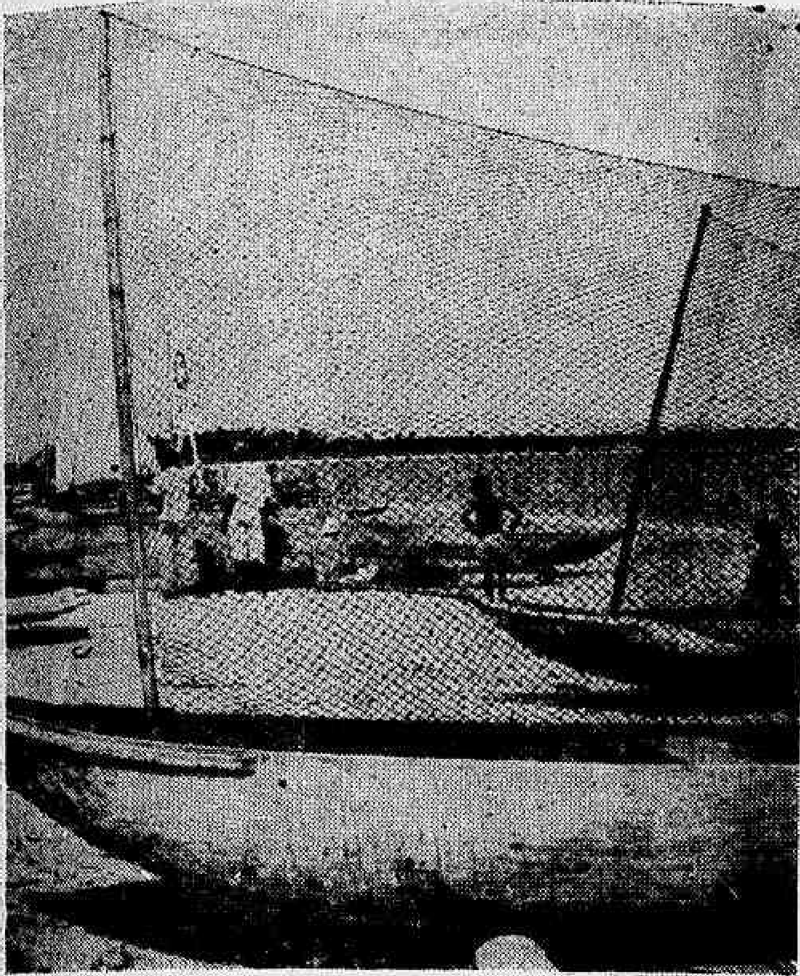
xistentes na Bahia e daí para cima. Lembramos que estamos falando da estreita faixa de terra que representa a costa brasileira do Rio a Maceió. Os coqueiros, raros no sul, chamando, logo a atenção por seus pescoços de girafa sobressaindo do resto da vegetação, aparecem cada vez em maior número, aos grupos, em carreiras, em longas filas, quase a beijarem as águas do Atlântico, para se tornarem, ao norte, único representante vegetal. Sòmente seus esguios troncos de casca grossa, fardados de cáqui, são capazes de resistir aos raios solares. As fôlhas, compridas e rasgadas, não têm, como nas outras árvores, a função de fazer sombra ao pé, e sim a de agitar-se à brisa que sopra do mar para dar adeus aos jangadeiros que partem em sua faina diária. Temos, enfim, a sensação exata de estar numa terra tropical. A claridade do ambiente aumenta de intensidade, a refração é auxiliada pela brancura das areias, pela água, pela ausência do verde da clorofila, pela transparência da atmosfera. Após algumas escalas intermediárias, descemos, enfim, no aeroporto de Maceió. A vinte e tantos quilômetros da cidade, é ligado por uma estrada asfaltada, de fundo bom, permitindo marcha superior aos oitenta quilômetros horários, mau acabamento, demonstrando pressa na execução. Em largos trechos a estrada é margeada por uma outra de terra, esburacada, abandonada. A explicação nos é dada. Durante a guerra, os americanos ocuparam as bases aéreas, mas viram-se na obrigação de construirem uma boa estrada que permitisse o trânsito com qualquer tempo



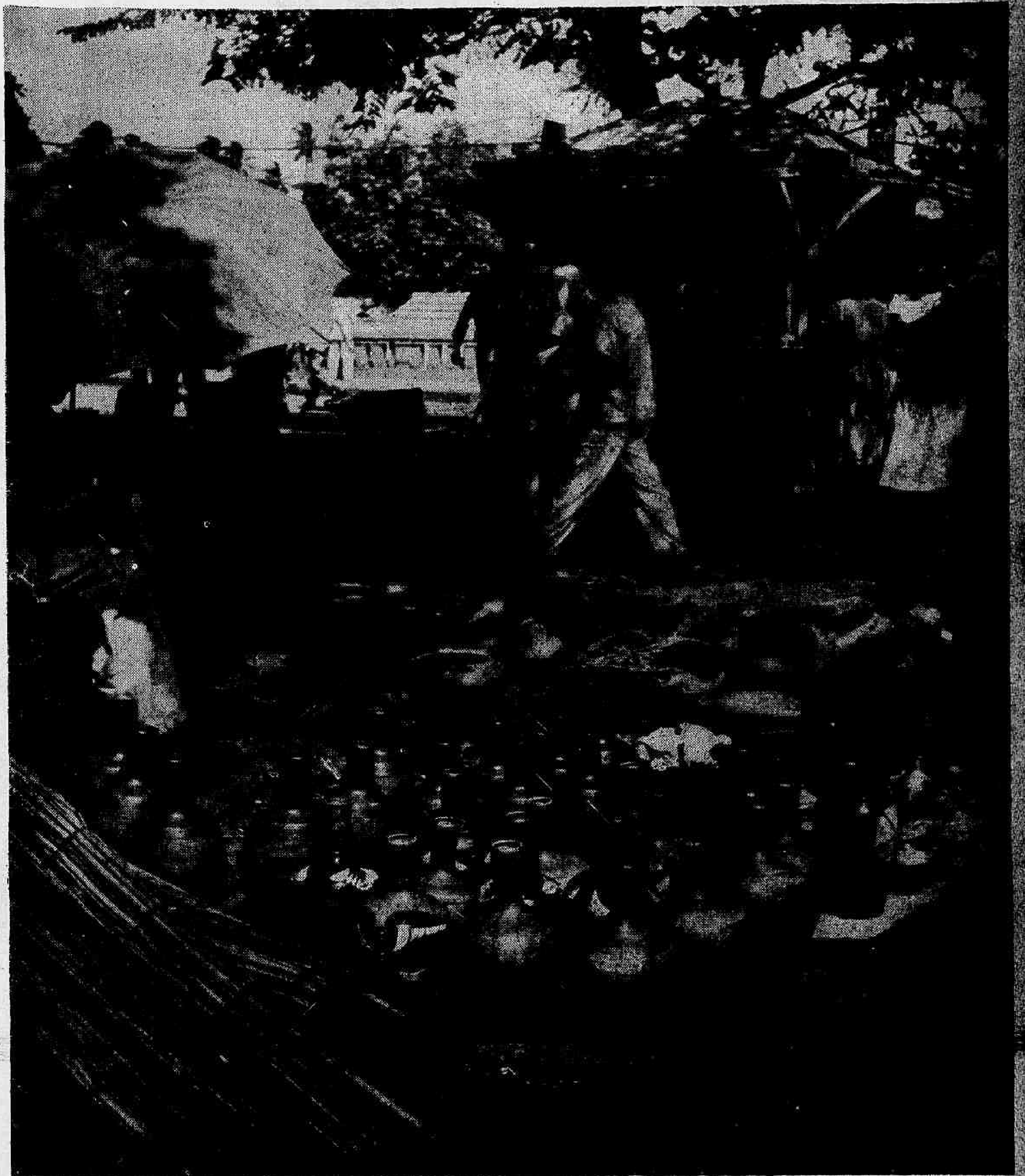
NO MERCADO O VENDEDOR DE AMENDOIM também é muito procurado e dá, por alguns tostões, com uma lata que lhe serve de medida, o precioso araquídeo.

OS COQUEIROS, SEM DÚVIDA NENHUMA, constituem uma das maiores belezas da paisagem alagoana. Lembram as bonitas hollywoodianas ilhas dos mares do sul.





PAJUSSARA, talvez a mais bonita praia de Maceió, é frequentada pelos pescadores, os jangadeiros, que aí depositam as leves e resistentes embarcações. Há poesia, mas pobreza também. Em baixo, no artesanato, são as terracotas que mais aparecem no mercado alagoano.



até a capital. Grande lição essa. Cidadãos da maior potência em aviação, não prescindem da necessidade de uma boa rodovia para completarem o que lhes é dado pelo desenvolvimento das asas. O grande surto aviatório em nosso país, adiantou-nos um pouco, mas sòmente o Rio de Janeiro possui a sorte de ter o aeroporto no meio da cidade. Os outros centros ficam às vêzes a cinqüenta quilômetros de seus aeródromos. A rodovia demonstra ser o melhor meio de civilização. Por que o nordeste está tão atrasado? Por que parece pertencer a nação diferente? Por não existir comunicação direta por terra.

Maceió, a capital, é uma cidade que se desenvolveu muito lentamente. Suas origens remontam ao século XVII, quando já existia ali um núcleo praiano. Aliás, seus historiadores dizem que foi essa a terra que Cabral viu primeiro em sua histórica viagem de 1500 e que o Pôrto-Seguro era uma das tantas lagoas que ainda existem em sua faixa costeira. Sim, porque o nome do Estado Alagoas, vem do fato de haver muitas e grandes lagoas em comunicação com o mar. Praias baixas, como já dissemos, o que dificulta o ancoradouro de navios. Num dos governos passados foi construído para Maceió um novo molhe, que avança uns dois quilômetros mar a dentro até formar uma meia ferradura com a terra. Um verdadeiro braço acolhedor para proteger os navios. A altura da água é tão pouca que só podem atracar os navios da costeira e os do Lóide até 10.000 toneladas, e mais ainda, há lugar

(Cont. na pág. 50)

OUTRO VENDEDOR ambulante, desta vez com apetrechos de ferro estanhado, andando nas ruas a cata de compradores



ABACAXI a Cr$ 0,50 cada! E aquí no Rio vale mais de Cr$ 10,00. Lá são baratos os artigos de produção rural e local.



FUMO DE ROLO, produzido no interior, de ótima qualidade, como disse o esperto caboclo que posou para nós.





O CABO FILOMENO

NAQUELE dia Filomeno enervava-se numa bruta inércia, parado na sua função de cabo de Palácio, bocejando, de cara fechada, impaciente. Um dia morto aquêle. Sentia a falta de qualquer coisa, do movimento, da sensação intima de estar prestando um serviço. Sim, do que êle gostava era justamente andar rua acima, rua abaixo, pasta debaixo do braço, levando correspondência às autoridades e repartições, ou algum mandado de seus superiores de Palácio.

Porém, o Palácio estava mesmo morto, naquele dia morto.

Enchendo tempo, depois do almôço, movera-se uns passos à-toa pelas imediações, a espairecer. Tornara, dai há pouco, vindo deter-se junto à escadaria de mármore, no vestibulo. Fincara, então, o cotovêlo ao pilar de que partia um dos corrimões, e ficara-se ali esquecido, tendo o pensamento longe, leve e errante, agora serenado, num dêsses momentos de descanso que nos tomam imperceptivelmente o espirito quando estamos sòzinhos e há silêncio em tôrno.

Era um dia quente de dezembro, à tardinha.

Dentro daquelas paredes vastas, onde a pintura côr-de-vinho com ramagens de ouro, criava um ambiente penumbroso e de sonho, pairava um completo sossêgo, sem trânsito de pessoas. Também não era dia de audiência, e apenas dois cidadãos haviam subido e descido, quase imediatamente, a longa escadaria, enganados com o dia.

O velho cabo Filomeno já ali estava, encostado ao pilar, e por sinal que ainda escutara a um, uma palavra arreliada pela decepção (era com o Oficial de Gabinete, que o despachara entre cortesias convencionais); a outro, um gesto, um gesto horrivel que ela ainda vira e quase dera ordem de prisão, quando se lembrou que era um simples cabo e estava em Palácio, e aquêle sujeito, quem sabia lá quem era êle? Êle é que era um pobre praça de pret (ouviste bem, Filomeno?), um misero cabo, que pode ser prêso e rebaixado a qualquer momento... e aquêle sujeito, quem sabia lá se não era algum parente, cunhado ou mesmo simples amigo do Governador, do seu Comandante? Quem sabia lá?

De repente, um soar forte de passos no mosaico do vestibulo que o chamou de novo a si.

E entrava agitado, traindo uma grande pressa, a figura do Governador.

Num relance galgava a longa escadaria, sumindo-se.

Senão quando, o cabo Filomeno, que se perfilara num ápice, percebeu qualquer coisa pequenina faiscar perto, indo colocar-se rente à parede alguns metros.

Filomeno foi logo esmiuçar o que era aquilo, e deu com o lindo broche de gravata de S. Excia.

Era uma rica pérola.

Correu depressa a entregá-la.

Quando chegou lá em cima, apareceu-lhe o Oficial de Gabinete, e êle, receioso, pelas dúvidas, de qualquer embrulho futuro, tratando-se de um objeto de tanto preço, disfarçou, fingindo só uma inocente curiosidade de lançar uma olhadela por aquelas paredes cheias de espelhos, e aquelas estatuetas que se encarapitavam nos seus pedestais.

Acabou descendo.

Foi postar-se, de novo, lá em baixo, na mesma posição.

O Governador desceu dai a um pedaço. O cabo, ao vê-lo assomar no alto da escadaria, depressa perfilou-se.

E quando S. Excia. lhe passava ao alcance da mão, o velho soldado, conservando a continência, todo solene, espichou o braço, onde duas divisas espichavam, trazendo na ponta dos dedos a jóia custosissima.

S. Excia. fêz um "oh" de surprêsa feliz, e reconhecendo o prejuizo que ia tendo, num amplexo comovido (êle era capaz dessas expansões democráticas, que o órgão oficial se apressava, logo no outro dia, em divulgar), e mais forte do que comovido, abraçou um longo minuto o miliciano, dizendo-lhe que não esqueceria "aquela", e que Filomeno era um belo soldado, e por intermédio do seu Comandante saberia premiar o seu belo gesto, honesto e sobretudo modesto pela grande simplicidade de que o revestira, fazendo-lhe a devolução, assim, sem o minimo estardalhaço.

Nessa altura das efusões do Governador, fôra até despertada a atenção da sentinela à porta, que agora alongava uns olhos muito espantados, de costas para a rua, sem compreender bem o que se estaria passando.

II

Três dias depois, u'a manhã, o Comandante reunira tôda a soldadesca no vasto pátio sombreado pelos pavilhões, no Quartel, e perante todos, praças e muitos oficiais, chamara o velho cabo e elogiara-lhe calorosamente o elevado procedimento.

O cabo enternecera-se até as lágrimas, que lhe correram copiosas pelo rosto abaixo.

Filomeno saira, depois, do Quartel, debaixo dos olhares respeitosos de todos, não sem certa vaidade, sentindo a consciência leve, muito leve.

Estava de folga nesse dia. Caminho de casa, descera as ruas, aproximando-se do centro da cidade.

Parou na grande praça, cheia de movimento, cheia de muitas pessoas conduzindo embrulhos.

Achou qualquer coisa diferente no aspecto urbano daquele dia, e uma diferente e natural alegria no semblante de todos.

Os ônibus passavam repletos, os autos trançavam, as ruas tumultuavam de gente que êle nunca vira, gente que entrava e saia, as lojas numa azáfama, ou parava diante das vitrinas, absorta.

Daquele ângulo do Jardim Público — a Praça era um jardim — no grande largo ensombrado, Filomeno não seguiu direito no caminho de casa, arrastado a ver as coisas mais de perto.

Em frente a uma vitrina havia uma aglomeração maior.

Filomeno também chegou-se. E só então se apercebeu do dia que transcorria: véspera de Natal.

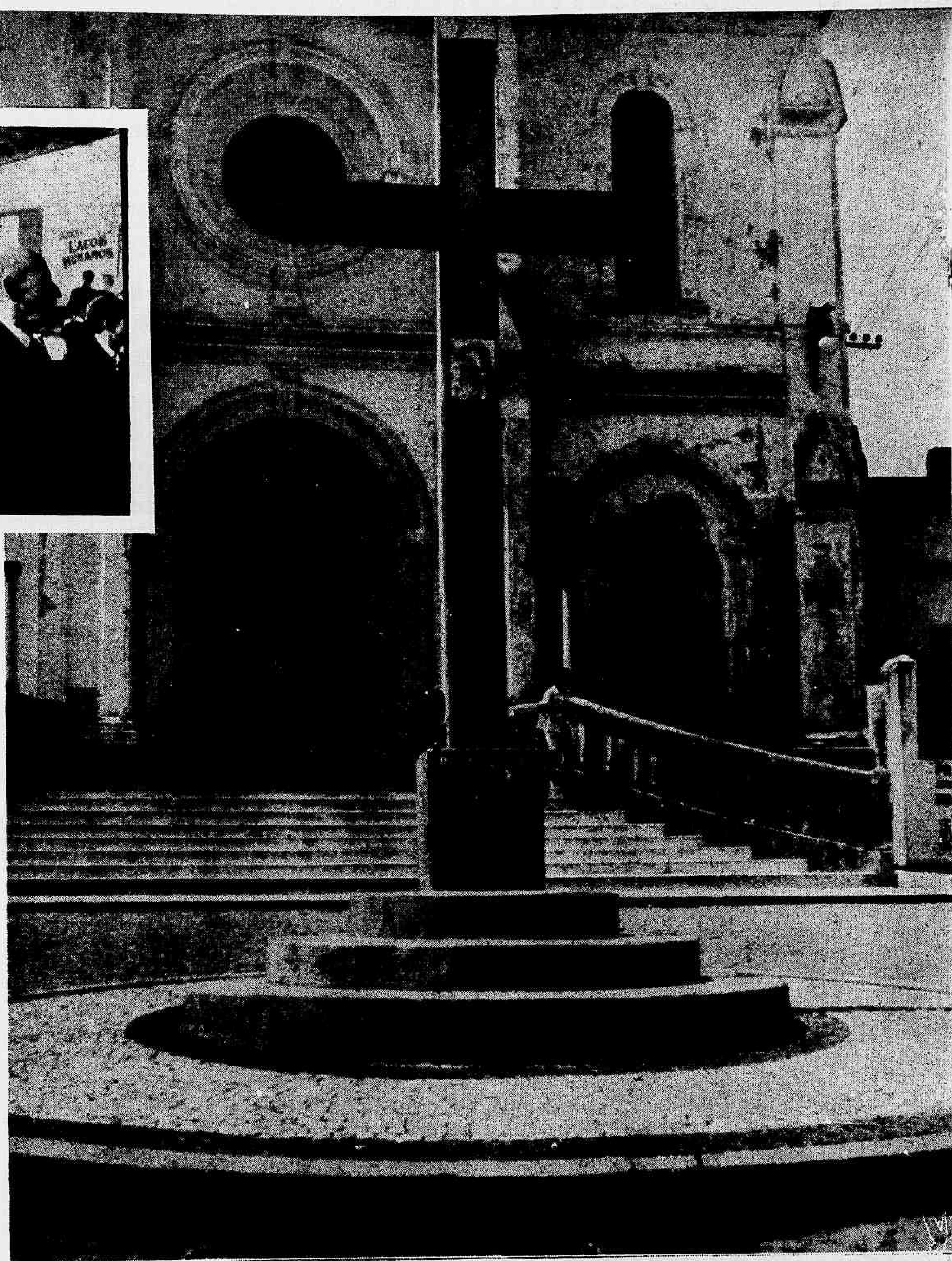
Como êle andava com a cabeça...

Todo mundo tinha parado, naquele lugar, para ver a figura de um enorme Papai

(*Cont. na pág. 46*)

CONTO DE SABCIA RIBEIO ★ ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR





A IGREJA na zona rural do Rio desempenha o mesmo papel que a igreja no interior do Brasil. Em Santa Cruz, por exemplo, o secular templo da localidade vem servindo de centro de estudos e conferências — como se vê no detalhe; é também o ponto ideal para um político fazer relações — em baixo, o vereador João Luís de Carvalho, entre amigos, na hora da missa; vale não esquecer que a igreja promove de vez em quando festas religiosas: a única diversão de muita gente.

POLÍTICA NA ZONA RURAL

O RIO LONGE DO CENTRO ★ SANTA CRUZ, CAMPO GRANDE, GUARATIBA E SEPETIBA FORMAM O CHAMADO SERTÃO CARIOCA ★ TERRAS EM LITÍGIO MANTÉM A REGIÃO NO MAIS COMPLETO ABANDONO ★ COMO UM CANDIDATO A CARGO ELETIVO OBTEM O APOIO DA ZONA ★ A QUE FICA OBRIGADO UM POLÍTICO, UMA VEZ QUE ELEITO ★ O TRABALHO DO VEREADOR JOÃO LUÍS DE CARVALHO.

Texto de DANIEL CAETANO **Fotos de WALTER MORGADO**

O Rio tem um pedaço do seu território que não se parece nada com a idéia que, de ordinário, se faz do Rio. Começa depois de Bangu e vai acabar em Santa-Cruz. E' o chamado sertão carioca, que abrange as localidades de Campo Grande, Guaratiba, Sepetiba, para só falar nos grandes centros, esquecendo as pequenas estações, espalhadas no meio. Os seus moradores sabem o valor de uma vaca e apreciam devidamente a importância de uma enxada.

Êles vivem por lá, tratando de suas coisas, sem vir à cidade. Alguns só fazem isso efetivamente quando se casam ou têm de registrar os filhos. São fiéis a um pequeno mundo de tradições que o trem elétrico e a estrada asfaltada não puseram abaixo. A missa, na igreja da localidade, é assistida por famílias que ainda encaram a família sob os moldes atirados longe demais aqui na cidade.

Muita coisa lá em cima ainda "é feio" e ninguém faz, sob pena de acabar muito mal visto na vizinhança. Êsse mundo, que não está assim tão longe da praça Mauá, abriga milhares de cariocas mais ou menos desprovidos





de tôdas as vantagens da capital do Brasil. A idéia de conquistá-lo naturalmente ocorre aos políticos, mas a tarefa não é fácil.

OS DONOS DA POPULARIDADE LOCAL

Há três meses a gente de Santa-Cruz enterrou um dos seus políticos do comêço da República, o coronel Honório Pimentel, homem do tempo em que se disputava eleição à bala. Prestígio e trabalho só, não eram bastantes. Mas, agora não é mais assim, muito embora a região continue prêsa aos mesmos hábitos, quase se pode afirmar, e vivendo com a mentalidade de tempos atrás.

O habitante daquelas terras ainda se considera um defensor do rincão como se na verdade alguma ameaça especial sôbre êle pesasse. Umas questões existentes por causa da disputa de terras, questões suscitadas pelos grileiros, levam os habitantes da zona a prolongadas tristezas. As terras em litígio ficam ao abandono.

Os mais antigos moradores sabem a história de cada um terreno daqueles e têm idéia própria a respeito. Êles clamam pela atenção dos poderes públicos, sempre que lhes surge uma oportunidade, e êsses gritos chegam naturalmente aos ouvidos dos políticos que por lá se movem.

Um político nascido na zona rural seria por certo o mais indicado para consubstanciar em leis as aspirações da localidade. Êle existia na pessoa do sr. Caldeira Alvarenga, que foi derrotado no pleito do outro dia. A zona rural está assim sem representante na Câmara da cidade? Não. Para explicar isso é necessário dizer que a maneira de alguém hoje em dia se eleger no Rio mudou bastante nos dois últimos pleitos.

Essa é, por exemplo, a opinião do sr. João Luiz de Carvalho, com vasta experiência, pois se elegeu vereador em 1947, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, e agora, em 1950, conseguiu se reeleger, com boa porção de votos do chamado sertão carioca.

O trabalho de um candidato a qualquer cargo eletivo no Rio acaba diuturno, sem que o candidato possa opôr a menor resistência — estou conversando com o vereador petebista: E' um andar sem sossêgo da manhã à noite. Em cada localidade há sempre um morador antigo que, por motivos fàcilmente compreensíveis, goza da estima de seus vizinhos.

Um médico que não se recuse a deixar a cama a qualquer hora da noite para atender uma família que, na certa, lhe vai ficar devendo a consulta, por exemplo, com os anos, acaba popular e considerado. E' pessoa que tem amigos. Um voto não custa nada. O chefe de família tirado de certo apêrto um dia, atende com sinceridade o apêlo do seu benfeitor.

Um dono de armazém, um barbeiro, um construtor de casas, homens que tenham profissões ligadas ao interêsse de muitos e possuam essa qualidade inata tão necessária para obter a estima de outras pessoas, merecem da parte de um político a maior atenção. O trabalho do político começa realmente quando êle se aproxima dêsse amigo natural de certo lugar.

COMO ADQUIRIR PRESTÍGIO

O sr. João Luiz de Carvalho, por exemplo, não nasceu nem morou quarenta anos na zona rural, e por isso, não podia saber quais são os problemas do lugar e quais as reivindicações dos seus moradores. Para saber isso, entretanto, êle não precisa ir de porta em porta perguntando aos milhares de habitantes do lugar. Basta ouvir um dêsses chefes de popularidade local e com êle se pôr em entendimentos. Quando há afinidade entre o político e o dono da popularidade local, nasce um centro irradiador do prestígio e do trabalho que o político possui, centro êste que nas proximidades das eleições vira escritório eleitoral. O escritório vai orientar a propaganda do candidato e lhe dará a temperatura de sua fôrça eleitoral. Mas, política é um jôgo de interêsses — já se disse — e os métodos de tratá-la variam de candidato para candidato.

O que mais importa aos moradores de um lugar são os melhoramentos de logradouros públicos. As ruas são tôdas mal cuidadas, não há canalização de esgotos, e

O ENCONTRO com fisionomias fechadas é muito comum na zona rural do Rio. Os homens têm a pele amarelecida, o que dá idéia de privações, mas nas roupas de domingo o aspecto de todos melhora bastante. O velhinho que se vê em baixo é antigo cabo eleitoral, homem do tempo em que o pleito era disputado a bala.





NA PORTA DA IGREJA de Santa Cruz, aos domingos, estão sempre crianças e mendigos. As crianças encontram boa ocasião para fazer umas tantas coisas proibidas; os mendigos, antigos homens do campo, vítimas de enfermidades incuráveis, esperam obter, esmolando, o que os mendigos do mundo inteiro sempre esperam...

muitas vêzes nem de água, quando também não falta luz, isto, sem falar na ausência de assistência médica e policial. E' dentro dêsses problemas que o politico tem de se movimentar.

Precisa atender à coletividade, resolvendo essas questões de ordem geral. Mas não fica por aí os seus deveres. Os senhores da popularidade local, o médico, o dono de armazém, o barbeiro, têm incômodos e muitas vêzes gastam dinheiro no aliciamento de eleitores. Em retribuição, o político fica obrigado a lhes prestar favores mais específicos, tais como arranjar empregos para parentes e amigos dêles, resolver casos, e ficar de certo modo a serviço do eleitorado, de uma clientela amorfa, prêsa por um fio de cabelo aos compromissos eleitorais que tàcitamente assume.

Mas não é só. Os pedidos de dinheiro se amiúdam. O político acaba desmoralizado se fôr procurado na Câmara por um eleitor que lhe pede uns cruzeiros e não o atender. Os motivos alegados geralmente são doenças. Elas dão origem a outra espécie de pedidos. Os hospitais andam sempre cheios e uma vaga só se consegue com influência. Para tanto, o político serve às maravilhas, e seu prestigio sobe na paróquia à medida que êle arranja leitos de hospitais para seus correligionários.

Mas sua fôrça precisa ir mais longe. Os botequins suburbanos são muitos e ninguém faz politica por ai afora sem ir de vez em quando tomar um copo de cachaça na esquina, em companhia de uma espécie de gente acostumada a frequentar os distritos policiais. Tirar essa gente da cadeia é outra atribuição de um político disposto a se reeleger em cada pleito. A malandragem do lugar deseja, antes de tudo ver o cachaceiro na rua, quando o político intervém. Se isso acontece, êle passa a ser quase adorado, pois são muitas as mesuras que lhe fazem e as demonstrações de afeto, após a soltura de um desordeiro.

E' o lado mal da luta pela vitória nas urnas, mas não pode ser de outro modo, pelo menos enquanto não se educar melhor o povo.

POLITICA E' UM TRABALHO PESADO

Essa etapa que o político nos subúrbios tem de vencer em primeiro lugar no contacto obrigatório com o eleitor considerado em massa não é a pior. A pior está na hora de colhêr os resultados. As tradições de cabos eleitorais, que se passam para adversários, seduzidos por vantagens, e o trabalho negativo de pessoas nos pontos-chaves da propaganda eleitoral, conduzem muitos candidatos de vitória certa à derrota.

O sr. João Luiz de Carvalho, quando as primeiras urnas do último pleito começaram a ser apuradas, tomou um susto. Êle é, porém, um getulista a todo pano. Sabe o que representa para os moradores da zona em que faz politica o nome de Getúlio. Isso fêz com que se preocupasse sobremodo em preparar o que êle chama a mentalidade trabalhista dos seus eleitores, por intermédio de conferências e aulas, dadas por êle no Diretório Profissional dos Lavradores.

O eleitor de Getúlio muitas vêzes é Getúlio sem saber a razão, e essa possivel razão é que o vereador expunha ao auditório. O contacto pessoal a que o político é agora obrigado a manter quase com cada um dos seus eleitores é fato novo na política do Brasil. Os candidatos que se fiaram no prestigio dos seus cabos eleitores, apesar de todo o dinheiro que correu, acabaram derrotados. Aproveitando a prática que o magistério tem lhe dado, o vereador petebista *trabalhou*, como se diz, os seus correligionários, e pode concluir certas coisas a respeito da política no Rio. Entre muitas, há esta: política é agora um trabalho bem pesado.



VIAGENS AÉREAS



NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS · CARGA · ENCOMENDAS · VALORES · REEMBOLSOS · FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - Rua Santa Luzia, 685-A — Fone 32-7399 — Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 32-6119 e 32-9455.

SÃO PAULO — Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

"CHARGE" DE DARCY

Oh, ano bom brrrrrrrrrr

UM CORAÇÃO MAL FORMADO
Foi recolhido ao xadrez do 5º Distrito onde passou a noite de 31 para 1º do ano, o sr. Julião Peixoto. Este indivíduo, ao ser abordado na rua por um conhecido que o chamara para cumprimentar pela passagem de ano, agrediu-o a socos e pontapés, inexplica...
A radi...

SERÁ POSSIVEL QUE EXISTAM PESSÔAS ASSIM? TÃO DISTANTES DESTA MAGNÍFICA COMEMORAÇÃO DE SOLIDARIEDADE HUMANA?

SIM, MINHA CARA SENHORA, MAS NEM SEMPRE UMA NOTÍCIA DE JORNAL DIZ TUDO... E A "TRAGÉDIA" DO SEU JULIÃO FOI ASSIM:



JULIÃO, O PACATO E EXEMPLAR, FAZ COMO TODA GENTE, PLANOS PARA O FUTURO

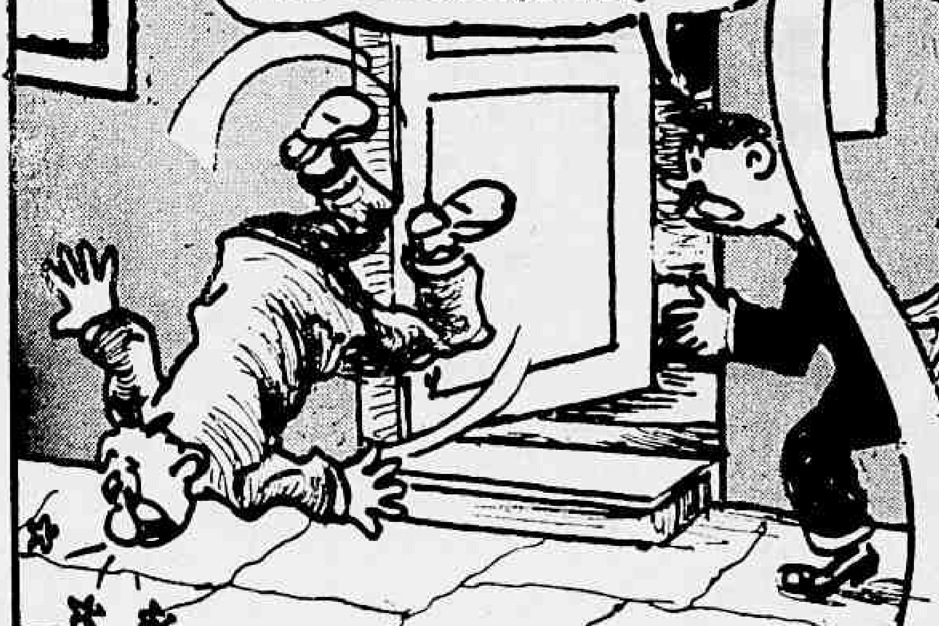






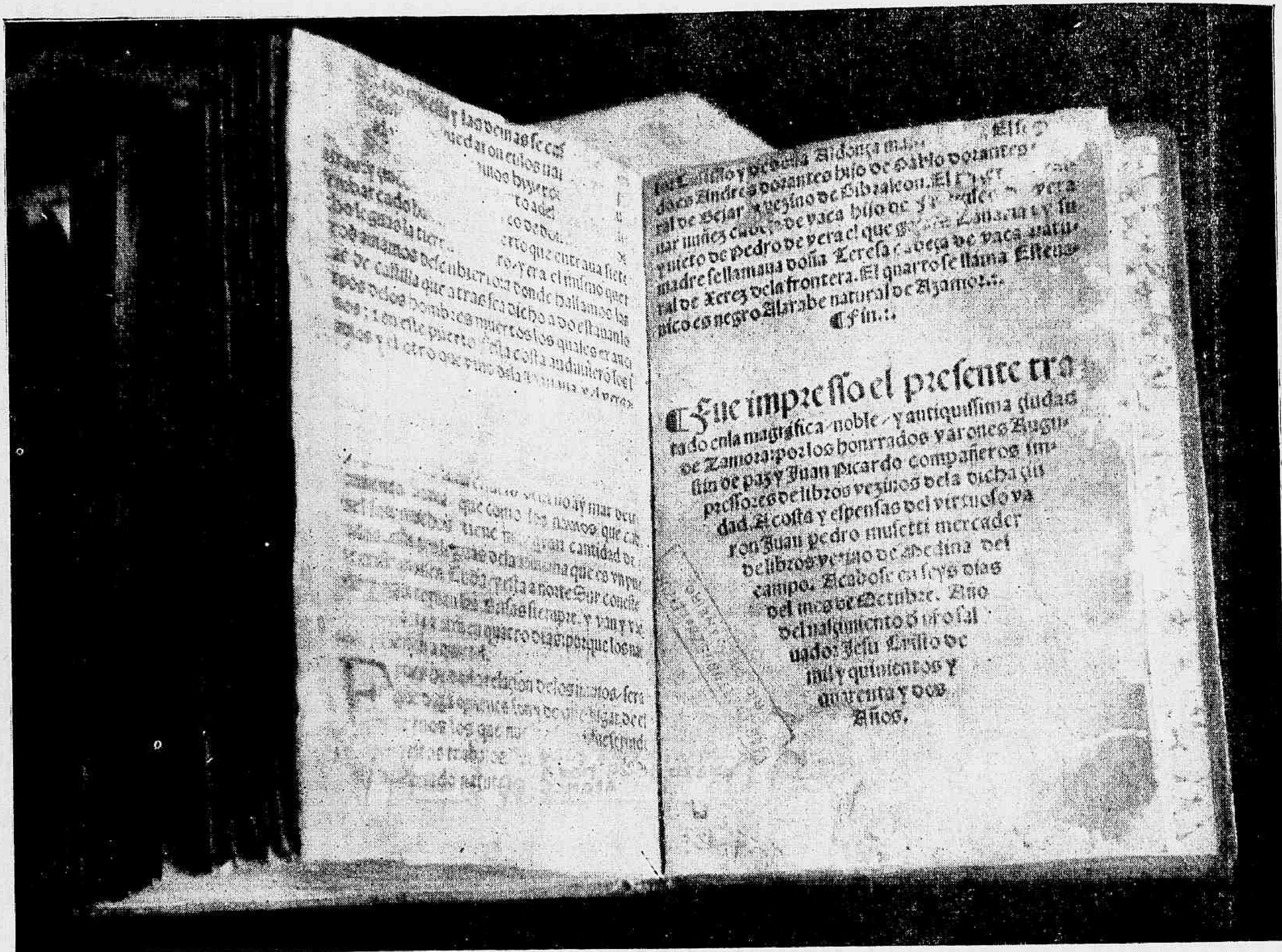











ral de Xerez dela frontera. El quarto se llama Este-
uanico es negro Alarabe natural de Azamor.
¶ Fin.

¶ Fue impresso el presente tra-
tado en la magnifica, noble, y antiquissima ciudad
de Zamora: por los honrrados varones Augu-
stin de paz y Juan picardo compañeros im-
pressores de libros vezinos dela dicha ciu-
dad. A costa y espensas del virtuoso va-
ron Juan pedro musetti mercader
de libros vezino de Medina del
campo. Acabose en seys dias
del mes de Octubre. Año
del nascimiento de nuestro sal-
uador Jesu Cristo de
mil y quinientos y
quarenta y dos
Años.

ESTA FOTO reproduz uma das mais admiráveis relíquias bibliográficas existentes na riquíssima coleção de preciosidades históricas do Real Gabinete Português de Leitura: a obra de Álvaro Nunez Cabeça de Vaca, impressa em 1542, em prelos primitivos da velhíssima cidade de Zamora, do Reino de Lião, Espanha, por Augustin de Paz e Juan Picardo, a 6 de outubro.

A LUTA CONTRA A INGNORÂNCIA

OS 113 ANOS DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA ★ MUITOS ENTRAM ALI JULGANDO SER UMA CATEDRAL ★ SÓ É IGNORANTE QUEM QUER ★ PEDRO II CONDUZIU A PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFÍCIO ★ A 1.ª EDIÇÃO DE "OS LUSÍADAS" ★ CURIOSIDADES PRECIOSAS DA GRANDE INSTITUIÇÃO.

Texto de RENATO ALENCAR

Fotos de A. VIEIRA

É comum afirmar-se que os portuguêses só buscavam o Brasil para aqui enriquecer, seguindo aquêle conselho do banqueiro inglês ao filho: «Make money, honestly if possible; but make money». Isso convertido em linguagem carioca de hoje, pode ser assim traduzido: «Arranje a «gaita». Honestamente, se fôr possível: mas arranje a «gaita». Não se pode negar que os emigrantes de qualquer nação, ao procurar terras de outros continentes, não trazem outro programa que não o de trabalho para lucro imediato. Não há quem vá ao Líbano plantar cedros, nem ao nordeste, semear carnaubeiras. Ou a terra dá frutos com rapidez, ou o homem procura enveredar pelo comércio e converter-se em agente de compra e venda de tudo para todos, na maior «defesa» que lhe permitir o meio, autoridades e concorrências...

Italianos, espanhóis, alemães, etc., vieram e vêm para o Brasil e aqui se fixam,



ESTE RAPAZ, um operário, não desperdiça suas horas vagas nos botequins e bilhares. Como estuda técnica mecânica, recorre à biblioteca da R.G.P. de L. e estuda nas fontes originais



JORNAIS e REVISTAS, tanto do Brasil como de Portugal e outros países são encontrados na Biblioteca à disposição de todos os interessados. Ao lado grande globo atualizado.

contribuindo para o progresso nacional, constituindo família, desenvolvendo indústrias, impulsionando o comércio, introduzindo novos métodos na lavoura e na pecuária. Com os portuguêses se dá a mesma cousa. Mas, em virtude da unidade de idioma, os lusos não procuram exclusivamente trabalhar materialmente entre nós. Também lutam pelo progresso mental e espiritual do nosso povo.

A 14 de maio de 1837, um grupo de portuguêses fundava no Rio o «Gabinete Português de Leitura», na casa de residência do Dr. Antônio José Coelho Lousada, na rua Direita nº 20 (hoje Primeiro de Março). E' de justiça recordar o nome do seu grande animador, o negociante Francisco Eduardo Alves Viana, natural da Ilha da Madeira, estabelecido na rua do Ouvidor. Apoiando a idéia do comerciante, destacou-se o advogado José Marcelino da Rocha Cabral, homem de vasta cultura e que se tornou em ardoroso defensor do empreendimento, seu organizador espiritual e decidido advogado da causa.

Como justa homenagem, foi eleito o seu primeiro presidente. O Gabinete Português de Leitura recebeu a adesão de numerosos acionistas e se constituiu em Sociedade Civil devidamente legalizada, em assembléia geral a 4 de Junho do mesmo ano. Deixando a residência do dr. Lousada, ocupou a casa número 83 da rua de S. Pedro, vizinha à igreja que ali havia, antes da abertura da Avenida Presidente Vargas. Em 1842, saiu dali para a rua da Quitanda, 55; 8 anos depois, mudava-se para a rua dos Beneditinos, 12, onde ficou até que viesse ocupar a sede própria na rua Luis de Camões, onde está, desde sua inauguração em 1887.

Para que realizaram os portuguêses de há mais de um século, instituição de tal magnitude? Para proporcionar ao povo do Rio uma base sólida de cultura geral. Seu edifício, em estilo manuelino, dá idéia de uma catedral. Por êsse motivo, muitos lhe sobem os degraus, penetram no vestíbulo e vão diretos a um dos jarrões que guarnecem a porta principal para o «sinal da cruz» e água benta! O silêncio interior, as enormes janelas com os seus vidros a côres, fazem pensar estarmos efetivamente, num grande templo de orações e recolhimento. Transposto o pequeno átrio, entramos no salão da Biblioteca, de grandes proporções, medindo 20 metros em cada lado, e se elevando a 23,50 de altura. Ao alto, gigantesca clarabóia, deixando coar-se através do vidro, a luz natural.

O ambiente convida à leitura e à meditação. Numa espécie de nicho, à entrada, grande livro aberto chama a atenção do visitante. E' o «Livro de Ouro», uma espécie de Álbum com autógrafos, páginas literárias e reprodução de telas de grande valor histórico, tudo emoldurando uma página de ouro maciço com a respectiva dedicatória de amigos e admiradores de Eduardo Lemos, pelos serviços prestados ao Comércio e à Lavoura do Brasil em missão na Europa. Êsse Álbum é uma relíquia, não sòmente do Gabinete Português de Leitura, como de nossa própria existência de nação que tem sabido lutar pelos seus direitos.

Os 120 mil volumes que cercam o visitante são uma espécie de ataque geral do Saber, que, por todos os lados, procura esmagar a ignorância, prestigiar a inteligência e aumentar a cultura. As obras de inimaginável valor que há na biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, à disposição de quantos se interessam pelas conquistas do pensamento, são muitas e, tôdas elas, à disposição dos estudiosos. Há livros raríssimos, que, nem mesmo em Portugal se encontram mais, como o volume «O Caleche», sensacional denúncia do jornal «A Nação» à Rainha D. Maria II, contendo o mesmo livro, o «Folhetim» de Camilo Castelo Branco.

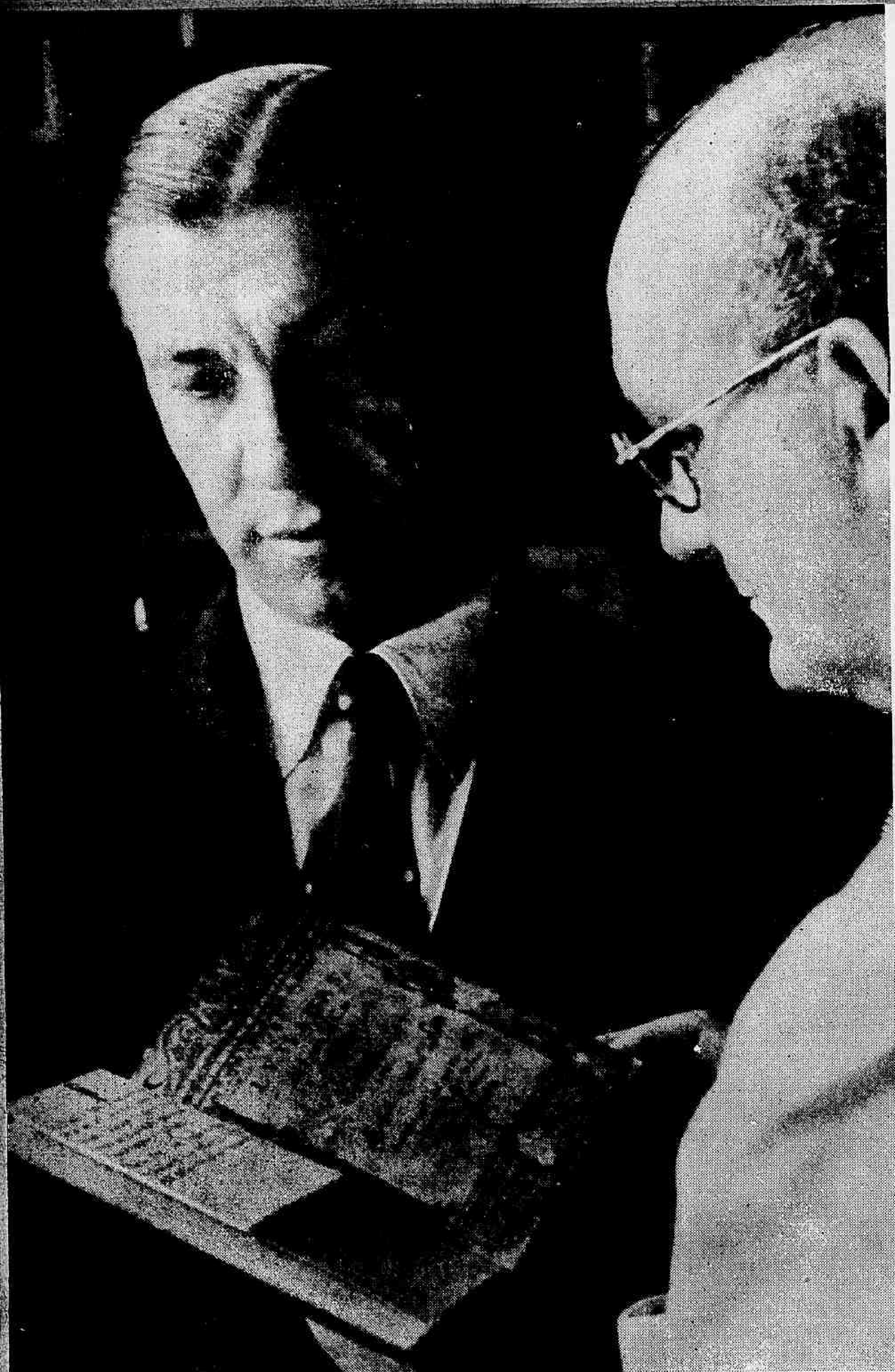
Além de muitas outras obras, avulta aquela informação histórica de Álvaro Nunez Cabeça de Vaca, «Sôbre o que viu nas Índias», impressa em Zamora por Augustin de Paz e Juan Picardo, no ano de 1542. Mas, uma das obras mais preciosas da coleção de raridades do Real Gabinete Português de Leitura, é o volume da 1ª edição de «Os Lusíadas», «com privilégio Real, impressa em Lisboa, com licença da Santa Inquisição e do Ordinário, em casa de Antônio Gonçalves, impressor, em 1572».

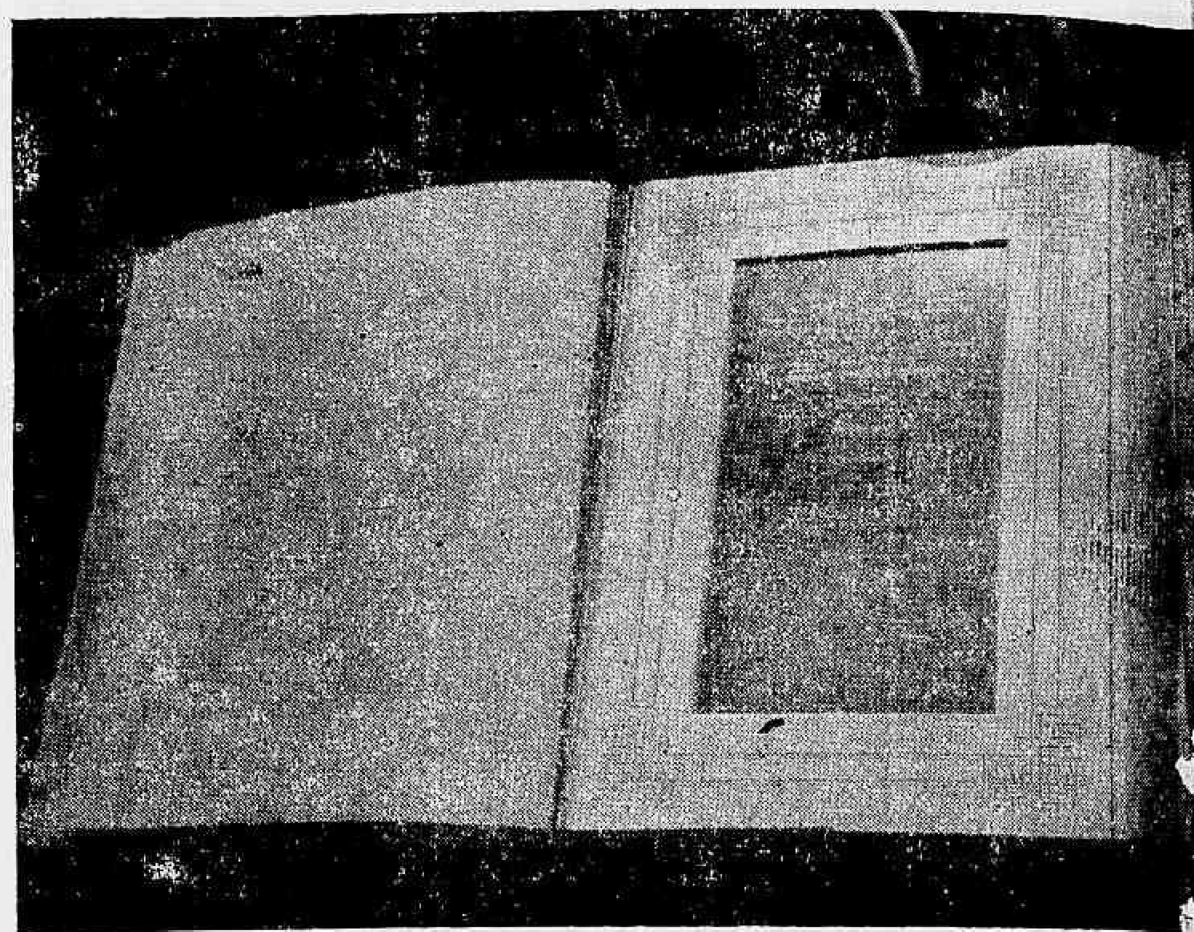
Há dêsse monumento da língua portuguêsa, grande número de edições, desde as monumentais até às liliputianas, das quais há exemplares na bibliotéca do Gabinete



OS "CAMELOTS" afluem para a porta de entrada do edifício, ponto estratégico para o Largo de São Francisco

A LUTA CONTRA A IGNORÂNCIA





ÊSTE é o «Livro de Ouro», precioso documentário do Brasil do século passado, homenage a Eduardo Lemos. Há no volume a página de ouro maciço, como estampamos na fotografi

O SR. FARIAS, bibliotecário, mostra-nos um exemplar da 1ª edição de «Os Lusíadas», de Camões, ano de 1572.

Português; mas, nenhuma tem a fôrça de autenticidade, de originalidade e exatidão das estrofes e grafia, construção e sintaxe, como essa que esteve em nossas mãos. Para dirimir qualquer controvérsia camoneana, é só irem os disputantes ao Gabinete Português de Leitura e fazer as comparações.

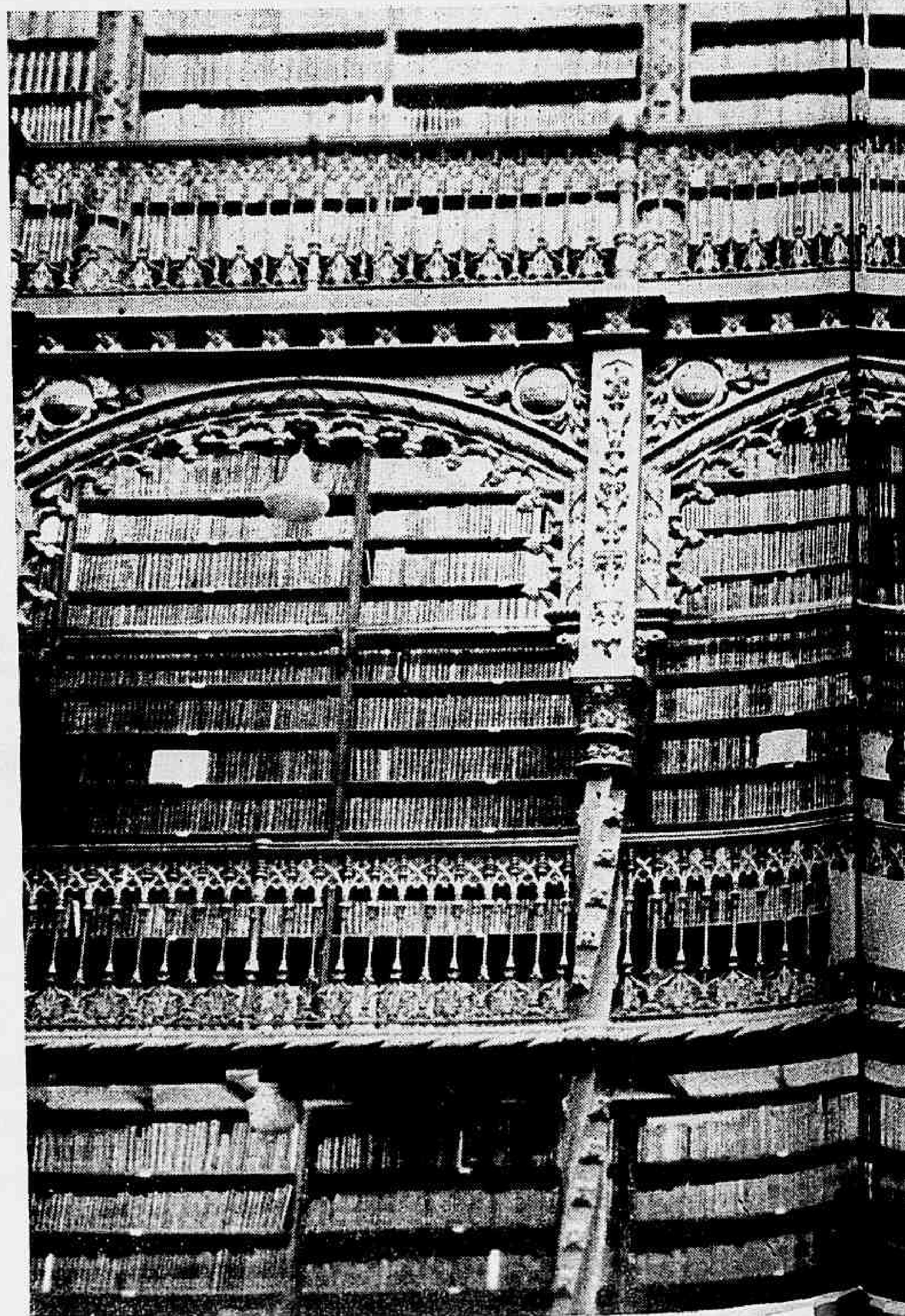
Outra prova de que os negócios não são incompatíveis com a cultura do espírito e o amor às letras: o nome do sr. Francisco Garcia, fundador da casa que tem o seu nome na Av. Rio Branco. Êsse cidadão português, embora dedicado aos seus assuntos comerciais, era um apaixonado das boas letras. Sua biblioteca tôda composta de obras raras e de autores de primeira plana, tanto portuguêses, como brasileiros e estrangeiros, contava nada menos de 5 mil volumes, os quais foram doados à Biblioteca do R.G.P. de L. e lá estão como um marco de imorredoura resistência em memória do saudoso Garcia e a continuar a obra de cultura e inteligência em favor de quantos freqüentam aquela Casa de estudos e de espírito.

Êsse português literato e bibliófilo era legítimo patrício de um Afonso V, D. Manuel e D. Sebastião, reis portuguêses que promoveram a cultura em Portugal, isentando de impostos as edições de livros, estimulando a importação de obras e instalação de oficinas impressôras. E isso logo após a descoberta da imprensa, com Gutemberg e Koster na Alemanha e na Holanda. Os incunábulos portuguêses e os Códices com suas iluminuras, atestam aos estudiosos e historiadores, que Portugal não teve competidores em matéria de disseminação da cultura, colocando-se à frente de todos os países da Europa, inclusive a própria Alemanha. O saudoso Francisco Garcia Saraiva, um português que trazia no espírito ávido de ilustração, o germe dos Reis Trovadores e Soberanos dos amigos das letras dos séculos da Renascença, pode ser hoje admirado na Bibliotéca do Real Gabinete Português de Leitura, no mais imorredouro dos monumentos que sua vida poderia deixar-nos: os cinco mil volumes que ali podem ser compaginados.

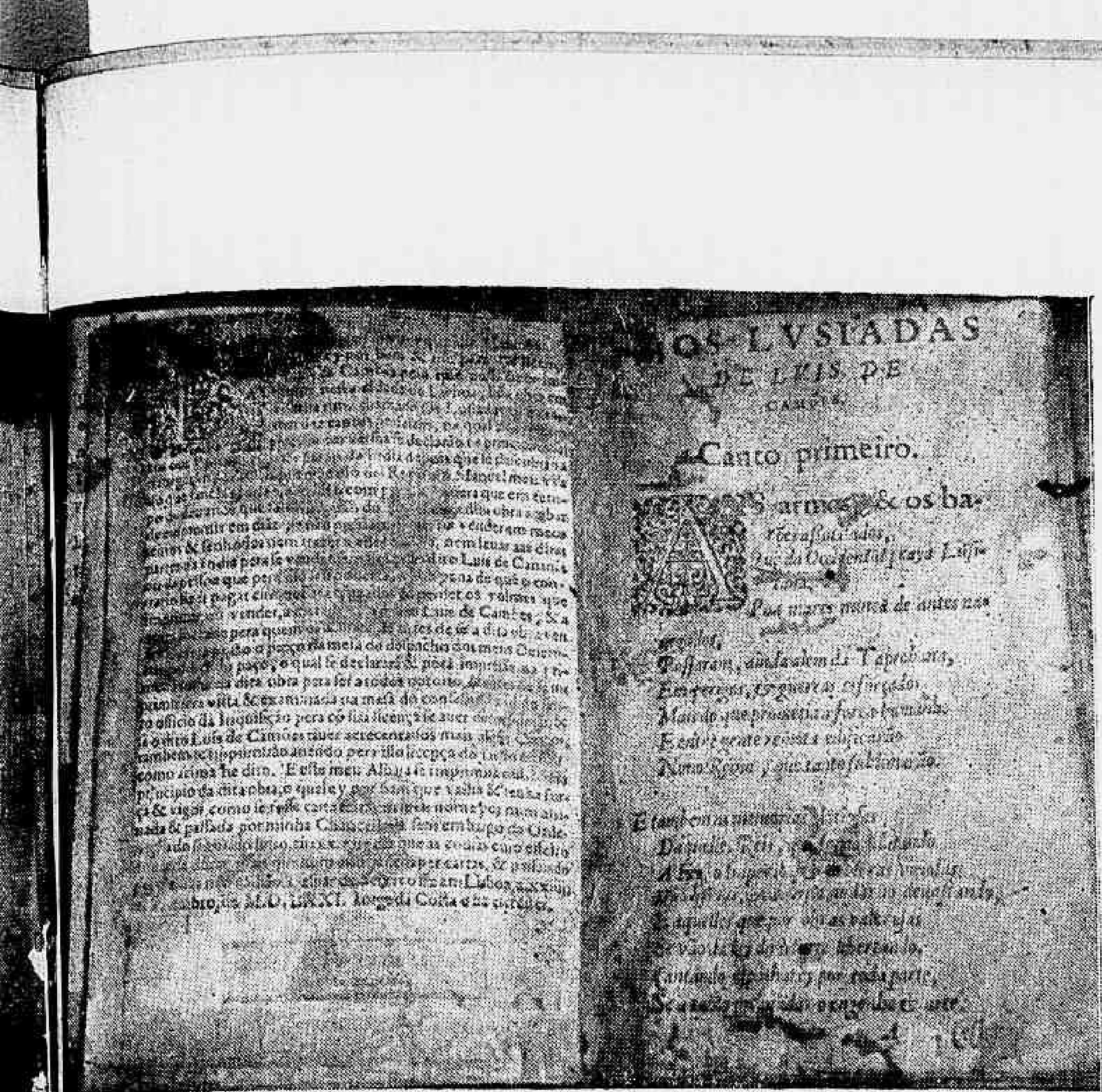
Outra particularidade que nos surpreendeu: a enorme quantidade de livros sôbre medicina, engenharia, artes plásticas, ciências, tudo isso procedente de Portugal, especialmente endereçados à Bibliotéca do Gabinete Português de Leitura. Não se pode fazer uma idéia da variedade de tais edições que vão da brochura tipo Seleções até a grandes e pesados volumes fartamente ilustrados, sôbre o que há de mais moderno e completo em assuntos de ciência e literatura em terras lusitanas. Os nossos estudantes de medicina, engenharia e direito, precisam estar em dia com o que se vem publicando em Portugal sôbre tôdas essas disciplinas. O manancial que ali se armazena é indispensável a quantos procuram ilustrar-se para a vida prática.

Outra secção que merece ser vista, é dedicada a João do Rio, onde se acham à disposição dos leitores 4.042 volumes qu

SEÇÃO DA BIBLIOTECA, vendo-se o bust seus 4.042 volumes doados por êle ao Real



FRONTESPÍCIO de «O Caleche», folhêto famoso só existente no R.G.P. de L. e de autoria de C. Castelo Branco.


OS LVSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto primeiro.

A PÁGINA esquerda, o documento que história o exame de «Os Lusíadas» e a Santa Inquisição dá licença para imprimir. À direita, nos caracteres tipográficos originais, a 1ª página.

pertenceram ao inesquecível cronista e escritor carioca, tão amigo de Portugal e dos seus filhos.

Em geral não se faz uma idéia do que encerra o Gabinete Português de Leitura. Sua importância não está apenas na Bibliotéca, uma das mais ricas e belas do Brasil. Há grande quantidade de documentos a admirarmos, obras de arte, objetos intimamente ligados à História de Portugal e dos portuguêses, como o pergaminho do Papa Pio XI a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral, quando do seu vôo Lisboa-Rio; uma tela de grandes proporções de Malhoa representando uma cena do Descobrimento do Brasil, muito pouco conhecida entre nós, e de grande efeito; bustos, quadros, moedas, enfim, uma série de cousas que tanto falam à alma portuguêsa como à dos brasileiros que não podem dissociar as glórias lusitanas, das próprias glórias nacionais do Brasil.

O nosso segundo e último Imperador era grande amigo do «Gabinete Português de Leitura». Quando se lançou a primeira pedra para a construção do atual edifício, foi êle quem a conduziu ao local, a 10 de Junho de 1880, data comemorativa do tricentenário de Camões. Acompanhavam S. Majestade, o Ministro do Império, Barão Homem de Melo, o Presidente da Câmara Municipal da cidade, dr. Adolfo Bezerra de Menezes, além de outras autoridades e membros da diretoria do Gabinete Português de Leitura. Infelizmente por ocasião da inauguração do edifício a 10 de setembro de 1887, não estava D. Pedro II no Brasil. Compareceu, porém, a Imperatriz Regente, D. Isabel, realizando-se no Rio uma das mais belas festas cívicas de que há memória nesta capital. Há do pintor M. Csoka, belo quadro a óleo representando a inauguração, vendo-se todo aquêle trecho do Rio antigo, fartamente embandeirado e movimentadíssimo.

A Biblioteca e as demais dependências do Real Gabinete Português de Leitura estão diàriamente abertas ao público. Não é instituição privativa de sócios e de portuguêses. E' do povo. Sua administração se esmera para que nada falte aos consulentes e estudiosos. Há um serviço de catálogos de primeira ordem, levado a efeito pelo sábio Ramiz Galvão, que levou cinco anos a pôr em ordem êsse trabalho, seguindo o sistema decimal de Melvil Dewye, universalmente adotado.

O Govêrno Português votou uma lei que muito veio ajudar a finalidade cultural e civilizadora do Real Gabine Português de Leitura do Rio de Janeiro. De tôdas as obras que se editam em Portugal, lhe são remetidas alguns exemplares. Isso significa que, mensalmente, chegam volumes e mais volumes para a sua Bibliotéca, contendo matéria da mais variada espécie, notadamente, a científica. Pode-se mesmo afirmar, que há no Rio de Janeiro uma outra Bibliotéca Nacional de Lisboa, onde portuguêses, brasileiros e estrangeiros, podem fazer pesquisas, realizar estudos apro-

(Cont. na pág. 46)

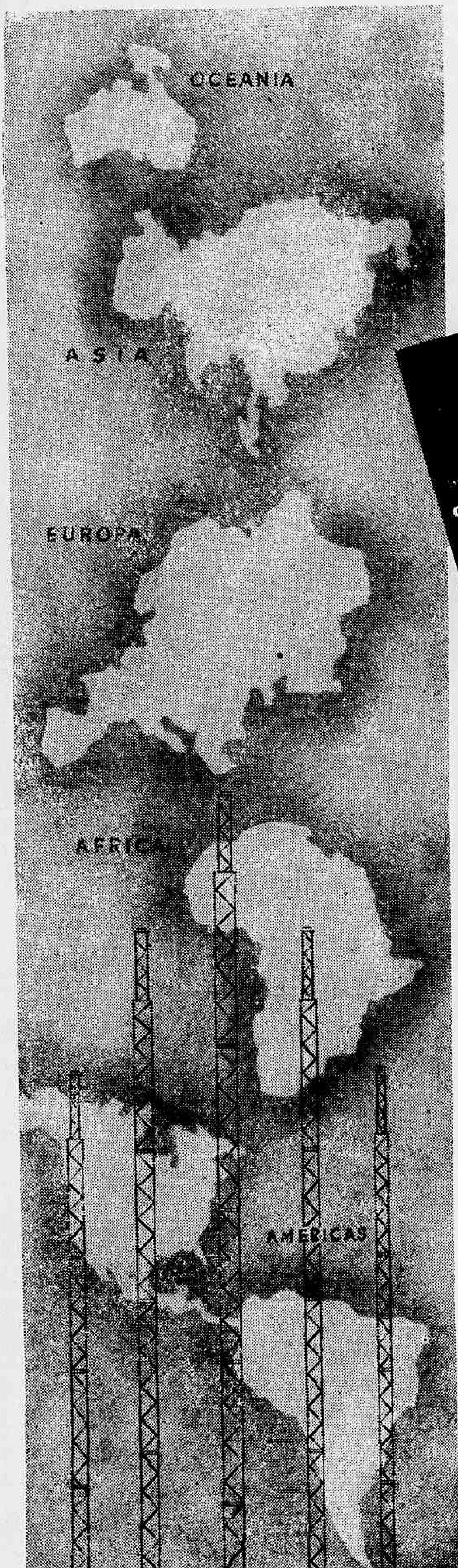
...jornalista e escritor João do Rio, à frente de ...inete Português de Leitura, antes de falecer.



RELICÁRIO à entrada da Biblioteca e onde está encerradoestá encerrado o «Livro de Ouro», exposto ao público.



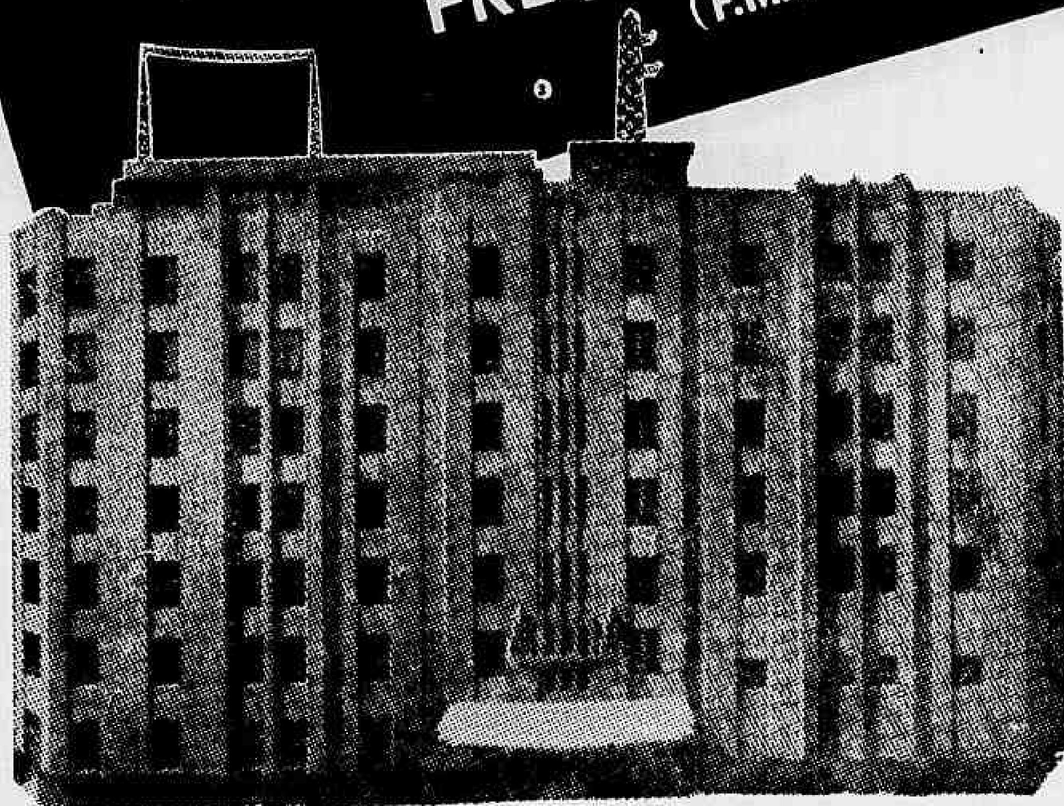
O ÁTRIO dá idéia de um templo católico. Por isso muitos vão a estas piras, em busca de água benta...



ZYK-2 ZYK-2 PRL-6 ZYK-3 ZYK-3

Cobrindo o Brasil e o Mundo com poderosas Ondas dirigidas

ONDAS MÉDIAS (PRL-6)
780 KCS - 384,6 METROS
ONDAS CURTAS (ZYK-2 E ZYK-3)
15.145 KCS. - 19,81 METROS
6.085 KCS. - 49,3 METROS
9.565 KCS. - 31,37 METROS
11.825 KCS. - 25,37 METROS
FREQUÊNCIA MODULADA
(F.M. E A.M.) 60-65-72-80 E 85 MGS.

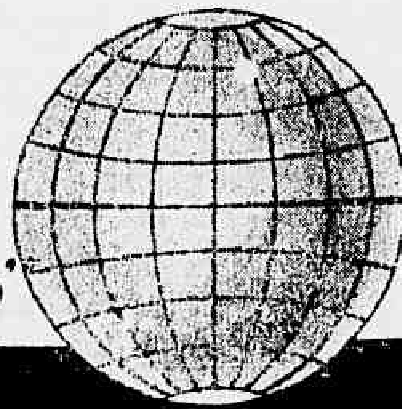


Edifício próprio, de 8 andares, onde se acham localizados os Estúdios, Auditório e Roof-Garden do Radio JORNAL DO COMMERCIO

Milhões de ouvintes aguardam a sua mensagem de venda em todo o Brasil. E a melhor maneira de chegar até êles é falar-lhes através da Emissora de sua preferência. Todos os inquéritos honestamente realizados proclamam que o Rádio JORNAL DO COMMERCIO é a Estação mais ouvida não só em Pernambuco como em todo o Nordeste do Brasil.

Mantendo no ar, durante o dia e durante a noite, duas Ondas Curtas, dirigidas, o Rádio JORNAL DO COMMERCIO cobre inteiramente o Brasil e a sua voz potente chega, com eficiência e absoluta clareza, a todos os paises de todos os Continentes.

Anuncie no Rádio JORNAL DO COMMERCIO, de Pernambuco, e comprove como sobe o volume de suas vendas.



"Pernambuco falando para o Mundo"

Radio JORNAL do COMMERCIO

A VOZ MAIS POTENTE DAS AMERICAS DO SUL E CENTRAL

RECIFE-PERNAMBUCO-BRASIL

PERNAMBUCO FALANDO PARA O MUNDO

O QUE É O RÁDIO JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO

O Rádio JORNAL DO COMMERCIO, de Pernambuco, conforme o nome indica, é filiado à Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. e foi inaugurado pelo presidente da República, general Eurico Dutra, no dia 3 de julho de 1948. Com apenas dois anos de atividade, as Emissoras do Rádio JORNAL DO COMMERCIO alcançaram, já, sensivel popularidade, não só no Brasil como no estrangeiro. Possuindo frequências de ondas médias e, ainda, de ondas curtas, nas bandas de 19, 25, 31 e 49 metros, com potência de 64 *kilowatts*, a Estação pernambucana é a única, no Continente, que dispõe de tão valiosos elementos para situá-la na indiscutivel primazia que, sem dúvida, ocupou desde os seus primeiros dias de existência. Todo o seu equipamento dos Estúdios e Transmissores é de fabricação "Marconi".

DIREÇÃO

É diretor-superintendente do Rádio JORNAL DO COMMERCIO o dr. F. Pessoa de Queiroz, diretor, também, da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A., que edita, além do JORNAL DO COMMERCIO, o popular vespertino "Diário da Noite". O dr. F. Pessoa de Queiroz convidou, para a direção-artistica do Rádio JORNAL DO COMMERCIO, o dr. Theophilo de Barros Filho, nome de conhecida projeção nos meios radiofônicos e cinematográficos do pais.

Segundo a orientação artistica que o dr. Theophilo de Barros Filho imprimiu à organização, cada programa é ensaiado e dirigido por um produtor que acompanha a preparação do mesmo, desde a concepção à irradiação, fornecendo relatórios completos sôbre sua marcha à direção artistica. Dêsse modo, se conseguiu o lançamento de programas artisticos perfeitos quanto os melhores dos mais adiantados centros radiofônicos.

EQUIPAMENTO HUMANO

Dispõem as Emissoras do Rádio JORNAL DO COMMERCIO de um equipamento humano afeito, já, ao serviço, o que foi conseguido mediante trinta dias de ensaios intensivos em tôdas as horas do dia, no periodo pré-inaugural. Muitos dos locutores, radiatores e produtores foram descobertos através de concursos para pesquisa dos elementos mais capazes.

Para a execução dos seus programas contam aquelas Emissoras com um efetivo de quase cem músicos, ou sejam, uma Orquestra Sinfônica, duas orquestras populares (Jazz Paraguari e Jazz Tupan), um conjunto regional, pianistas, orquestradores, organistas, e maestros condutores.

A Orquestra Sinfônica é dirigida pelo maestro Vicente Fitipaldi, de competência reconhecida nos centros musicais do Brasil. As orquestras populares são dirigidas pelos maestros José Caetano (Timosaenko) e José Cosme. O conjunto regional foi entregue ao famoso bandolinista brasileiro Luperce Miranda.

Para maestro arranjador, o Rádio JORNAL DO COMMERCIO contratou o maestro Guerra Peixe, cujos trabalhos musicais já foram até transmitidos pelas Emissoras da Inglaterra, Moscou, Bruxelas, Zurich, Roma e Berlim. Guerra Peixe, cujo prestígio nacional é motivo de orgulho para a Emissora que conta com sua presença no seu "cast", escreveu obras sinfônicas, de câmera e peças para solistas que mereceram consagrações internacionais.

O Departamento de Radioteatro foi entregue ao dr. Joel Pontes e conta com duas companhias para a transmissão das novelas e audições mistas de radioteatro, orquestra e coral.

Trabalham no Rádio JORNAL DO COMMERCIO doze locutores dos dois sexos e uma locutora para programas de lingua inglêsa. E' responsável pelo "Repórter Esso", o locutor Mário Teixeira.

ESTÚDIOS

Internamente, o Rádio JORNAL DO COMMERCIO possui um Auditório, com poltronas estofadas para 600 pessoas, dois estúdios com ar condicionado para transmissões de rotina e um estúdio de emergência, para irradiações diretamente do Transmissor.

A qualidade de som é a mais perfeita porque a intercomunicação entre os Estúdios e os Transmissores é feita por intermédio de dois pequenos transmissores de Frequência Modulada, os quais possibilitam aos possuidores de receptor equipado com êsse dispositivo, uma recepção admirável, em 80 ou 85 megaciclos.

OUTROS DETALHES

A eficiência do Rádio JORNAL DO COMMERCIO se tem feito sentir não sòmente por todo o pais, especialmente o Norte e o Nordeste, através de suas programações caprichosas, como também no Exterior.

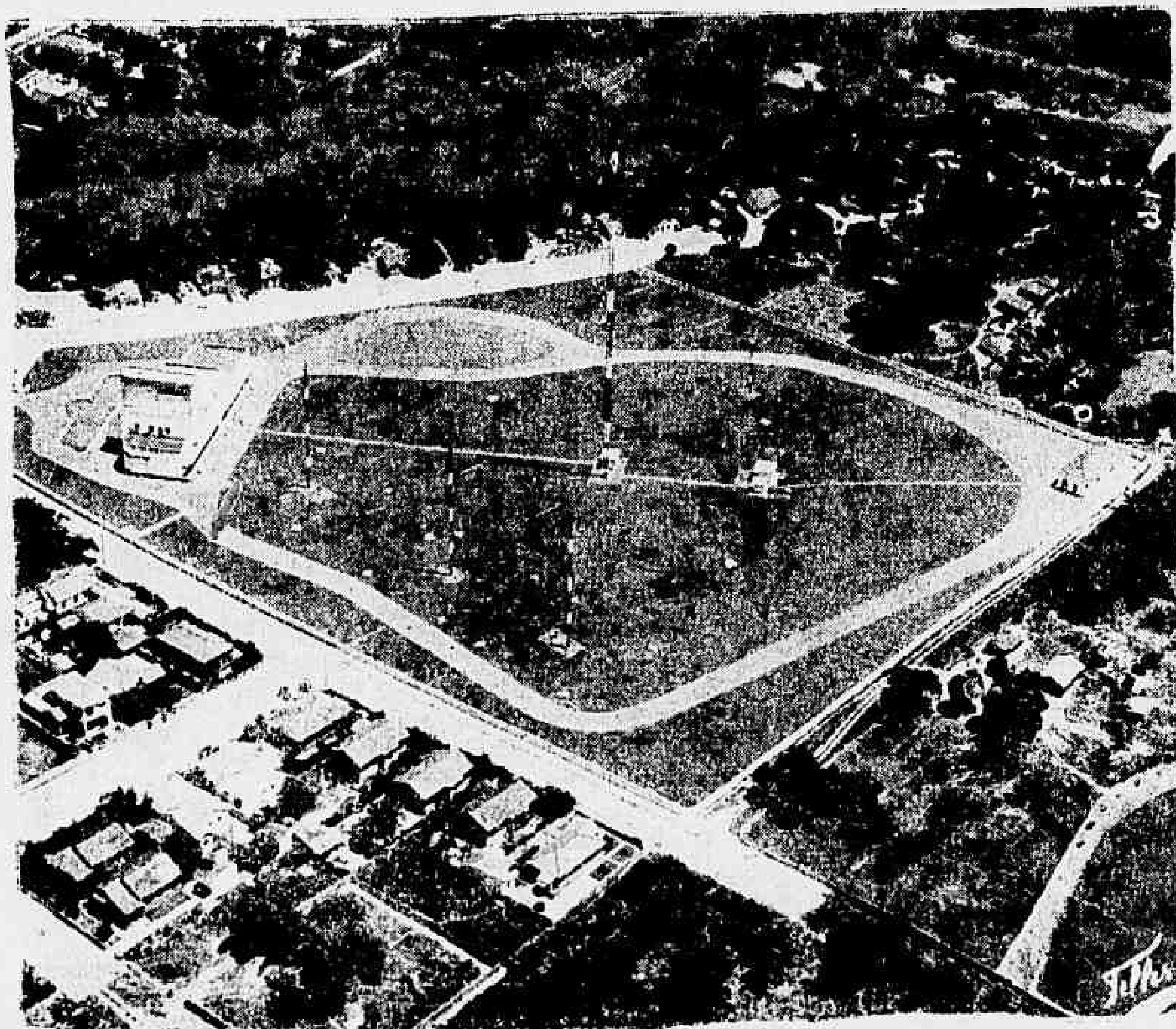
Os programas em lingua inglêsa são feitos pela dra. Janet Slater Swaton, formada pela Universidade de Oxford, e transmitidos, nos dias úteis, às 22:05 e, aos domingos, às 18:30. Êsse programa que é "Brazil Calling", tem ouvintes em todos Continententes, uma vez que possuindo Ondas dirigidas e mantendo, permanentemente, no ar, duas ondas curtas (31 e 49 metros) a Estação pernambucana é ouvida, com absoluta clareza, em todo o Globo, sendo já muito conhecido os seus *slogans*: "Pernambuco falando para o Mundo" e "Pernambuco speaking to the world". Da sua numerosa correspondência, por exemplo, constam numerosas cartas da India, numa das quais a familia do sr. R. Lahiri, de Calcutá, afirma que, tôdas as manhãs, toma chá ao som do Rádio JORNAL DO COMMERCIO. Através dêsses programas em inglês, o Rádio JORNAL DO COMMERCIO recebe centenas de cartas mensalmente, as quais são publicadas, depois de traduzidas, em edição própria, pelo JORNAL DO COMMERCIO.

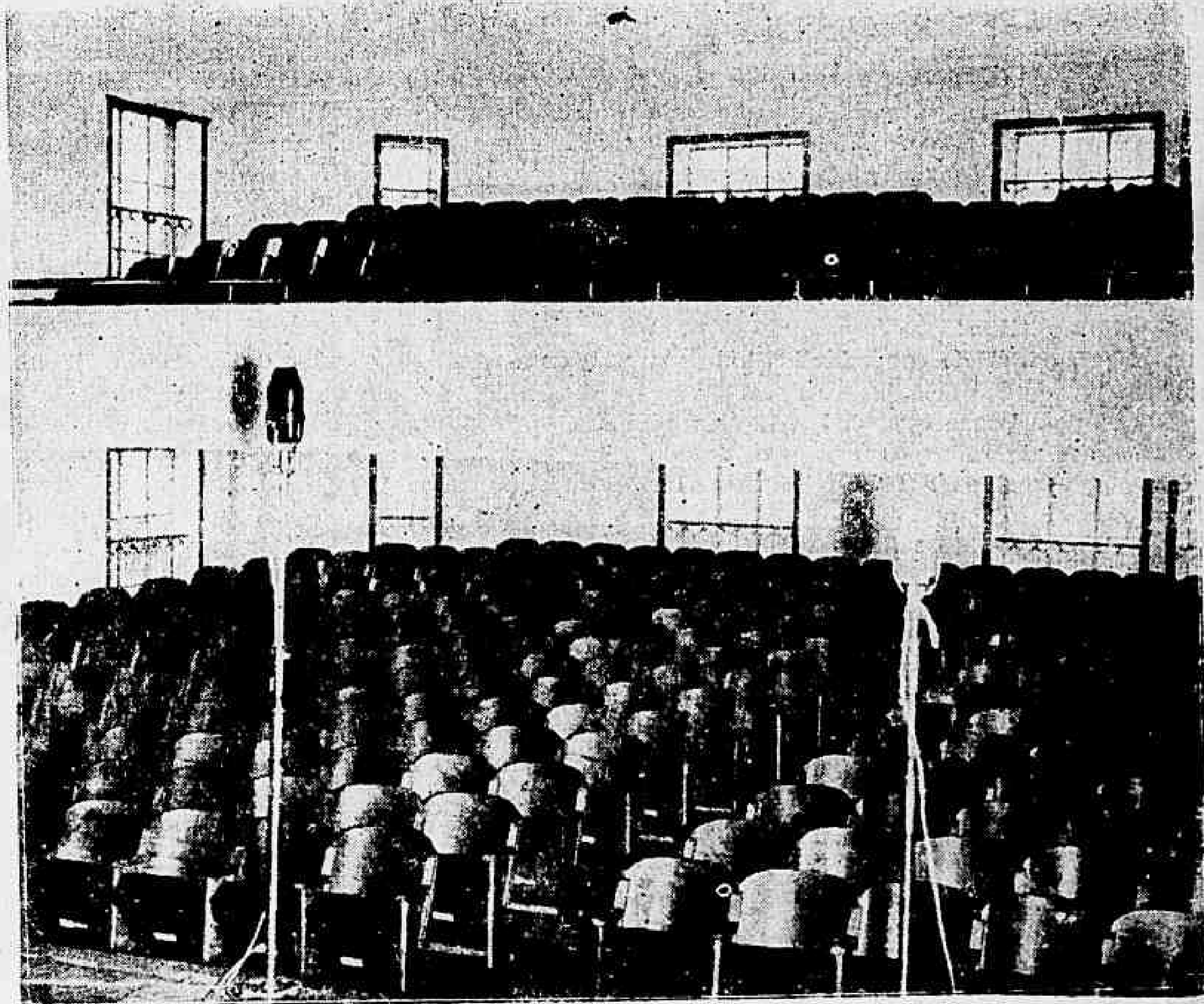
Para transmissões fora dos estúdios, dispõem as emissoras pernambucanas de uma caminhonete de frequência modulada com alta fidelidade de som.

No auditório dessa grande emissora pernambucana já se exibiram em apenas dois anos de vida, cêrca de 120 artistas nacionais e estrangeiros, entre os quais destacamos: Maria da Graça, Carlos Galhardo, Cuquita Carballo, Fernando Borel, Mesquitinha, Lia Ray, Silvino Neto, Silvio Caldas, Mussapère e Cristancho, Jararaca e Ratinho, Orlando Silva, Emilinha Borba, Carlos Ramirez, Francisco Alves, Vicente Celestino, Rayito de Sol, Peter Kreuder, Bob Nelson, Jovita Luna, Principe Maluco, Luiz Gonzaga, Pedro Vargas, Badu, Marlene, Alvarenga e Ranchinho, Naja Kassel, Mr. Broni, Erik Landerer, Izaura Garcia, Pedro Raimundo, Heitor Alimonda, Mexicanita e seus Chinacos, Carmen Brown, Barbosa Júnior, Ester de Abreu, Dick Farney, La Gitanela, Ernesto Bonino, Ivonete Miranda, Chucho Martinez, Ramsay Ames, Déo, Zé Fidélis, Eladir Pôrto, Alcides Gerardi, Antônio Mestre, Fernando Barreto, Carmélia Alves, Oscarito, Marion, Alberto Rabagliatti, Léo Romano, Elvira Pagã, "Black-Out", Ruy Rey, Jorge Goulart, o menino regente Ferrucio Burco, José Mojica, Jean Sablon, Elvira Rios e muitos outros.

ONDAS E FREQUÊNCIAS

O Rádio JORNAL DO COMMERCIO é a única Estação das Américas do Sul e Central que opera, simultâneamente, com duas Ondas Curtas, o que lhe confere maior poder de penetração. Eis as ondas e frequências das suas Emissoras, que são ouvidas com absoluta clareza no Brasil e em todos os Continentes: PRL-6 — frequência de 780 kilociclos, ondas médias de 384,6 metros; ZYK-2 — Ondas curtas de 19,81 e 49,3 metros, frequências de 15.145 e 6.085 kilociclos; ZYK-3 — frequências de 9.565 e 11.825 kilociclos, ondas de 31,37 e 25,37 metros. Essas ondas e frequências são usadas de acôrdo com as estações climatéricas, visando sempre a perfeição das transmissões. As irradiações em Frequência Modulada (Very High Frequency) são feitas em 80 ou 85 megaciclos.





À ESQUERDA — Vista aérea do parque dos Transmissores do Rádio JORNAL DO COMÉRCIO, localizado em Santana, no Recife, vendo-se tôrres, edifícios, jardins e gramados. À DIREITA — Balcão e Platéia, com capacidade para 600 pessoas do Palco-Auditório do Rádio JORNAL DO COMÉRCIO.



NOVELA DE WALDEMAR IGLESIAS FERNANDES

A velha criada da casa trouxe o bôlo de três andares, artìsticamente enfeitado. A criançada a rodeou, enchendo o ar com gritaria:

— Como é lindo!

— Deixa ver!

Era um domingo de sol. Embaixo do caramanchel da bela residência estava posta uma mesa de doces, enfeitada de fitas e vasos de flores. Bandejas de balas com papéis em plumas. Refrescos. Crianças sorridentes. Porfírio José Mascarenhas e Silva III completava seis anos.

Gracioso rebento de aristocrática e tradicional família, lá estava todo risonho, terninho de marinheiro e larga fita de cetim no peito, recebendo parabéns, e presentes que iam cobrindo a mesa da sala de jantar.

O pai, o renomado cirurgião dr. Porfírio José Mascarenhas e Silva II, sentado no terraço, meditava feliz, olhando seu querido Pituquinha, o único filho, o homem que faria continuar o grande nome, através das gerações.

Dona Marina, a espôsa, tôda nervosa, andava pela casa auxiliando a criada, para que não faltasse nenhum detalhe; queria a festa do melhor modo possível. Viu o marido absorto e feliz. Parou de repente:

— Em que pensas, querido?

— Mais um aniversário, hein Marina?

— Sim... Seis anos!

O doutor suspirou fundo:

— Nosso filho!

Uma lágrima de comoção brilhou nas pálpebras da espôsa:

— Sim... Nosso querido!

Ficaram de mãos dadas, com palmadinhas carinhosas, olhos enternecidos a fitar o rebento florido de uma união venturosa e já longa.

— Nosso querido filhinho...

★

— Apague as velas, Pituquinha!

O guri encheu as bochechas e assoprou. "Happy birthday to you"... Gritos. Vivas. Aplausos. O doutor beijou-o, comovido. A mãe o apertou contra o peito.

Ao cair da tarde, a criançada foi deixando com saudade o grande jardim enfeitado e a mesa de doces. As meninas ao despedirem-se, beijavam o rosto do feliz e aristocrático Pituquinha. Meninos apertavam-lhe a mão, convictos na prática do "bom-tom" da alta sociedade.

E o alegre jardim do moderno bangalô ficou vazio de vozes infantis.

★

Dona Marina olhou o relógio de brilhantes, e disse rápido à criada:

— Quitéria, apronte a mesa da sala de jantar. Os convidados chegam às cinco!

O doutor olhou-a:

— Convidaste o embaixador?

— Sim. Mandei convites a todos os nossos íntimos.

À tarde, foram chegando os convivas. Dona Marina naquele feliz dia, organizara para os seus "íntimos", uma reunião particular.

Damas cheias de caras peles e alta importância social, como perus emproados subiam as escadarias de mármore. Dona Marina, o cúmulo da gentileza e solicitude, fazia a recepção entre beijos. Homens de fraque e cartola, apertavam a mão do orgulhoso e feliz doutor. Pituquinha recebia enojado ruidosos ósculos das bochechudas damas.

Tudo isso muito bonito; cheio de flores, coquetéis e doces. No ar, um clima de boa-vontade e genuína elite.

★

A reunião corria alegre. Pituquinha ao lado, ocupava-se em abrir os pacotes com presentes.

Dona Marina pousa o olhar no filho e suspira. O doutor com um cálice de coquetel nos lábios, a olha:

— Ué! Que vem a ser êsse suspiro?

— Ai, meu bem. Estou pensando.

— Em quê?

— Ora em quê! Basta ser mãe para estar inquieta assim. E' no futuro do Pituquinha.

— Ora! Há de ser um médico como eu. Não acham os senhores?

Houve afirmações.

Dona Marina levanta-se:

— Não. Isso é que não! Sofrer como você sofre, essa vida eu não quero para meu filho. Êle será engenheiro como meu irmão.

— Há de ser médico!

— Êle será engenheiro!

O ar festivo e alegre desaparecia. No ambiente luminoso, nuvem negra já estava a caminho. A voz grave do diplomata fêz-se ouvir:

— No meu modesto parecer, acho que a melhor carreira para um homem é a política. Nada mais sublime e elevado do que cuidar dos interêsses de uma nação. E' a carreira abnegada, o ponto mais alto a que um homem pode aspirar.

O dr. Siqueira Nunes, conhecido cientista, voz discreta e calculada também, dá o palpite em seu canto:

— Mas, embaixador, na nossa era, a era que atravessamos, com essa guerra fria a nos ameaçar, a luta na Coréia como um estopim aceso, pronto a explodir em todo o mundo, eu acho que o melhor caminho para um jovem é êsse: preparar-se! Com o nome que o Pituquinha tem (não é por estar na presença do pai, nosso ilustre amigo), acho que a melhor carreira para êle é essa: ser cientista atômico!

— Mas doutor...

Vozes exaltadas. Contradições.

Quitéria, a criada, entra com uma bandeja, ar assustado. Dona Marina a encara:

— Diga-me, Quitéria, você é velha amiga nossa, foi ama do Pituquinha, diga-me, dê o seu palpite. O que você quer que êle seja no futuro?

A preta sorri com ar de veneração exaltada:

— Ói, siá Marina, meu Pituquinha há de sê professô! Ô maravia! Vê êle de livro na mão como Nosso Sinhô rodeado das criancinha! Faça êle estudá prá professô, siá Marina!

O casal olha raivoso para ela:

— Há de ser médico!

— Êle será engenheiro!

O clima, tão alegre como um céu brilhante, torna-se carregado.

Madame Siqueira Nunes, ar moderno, gesto afetado, ergue a mão mimosa, entre volteios graciosos e artificiais:

— Ora, que bobagem, meus queridos amigos! Que médico, engenheiro, que nada! Façam-no estudar algo de acôrdo com a nossa era! Façam-no artista de cinema, escritor, algo de acôrdo com o seu nome! Algo moderno!

Outra dama, tipo maternal e doméstico, dona de casa exemplar, exclama ruborizada:

— Estou em completo desacôrdo com todos os presentes. Eu tenho um filho único também, e soube escolher sua carreira! Vejam bem. O arroz está a sete cruzeiros o quilo. O café a vinte-e-oito! Aonde vamos parar? Fiz meu

(*Cont. na pág. 50*)

O FUTURO DO PITUQUINHA

NICODEMUS REVELA MAIS UMA FACETA DO

VIL METAL

BRINCOS DE MARCACITA, ANEIS DE PLATINA, SORRISO ALVO DE PEROLAS CULTIVADAS...



COSTELA DE PRATA, UM CORAÇÃO DE OURO, NERVOS DE AÇO...

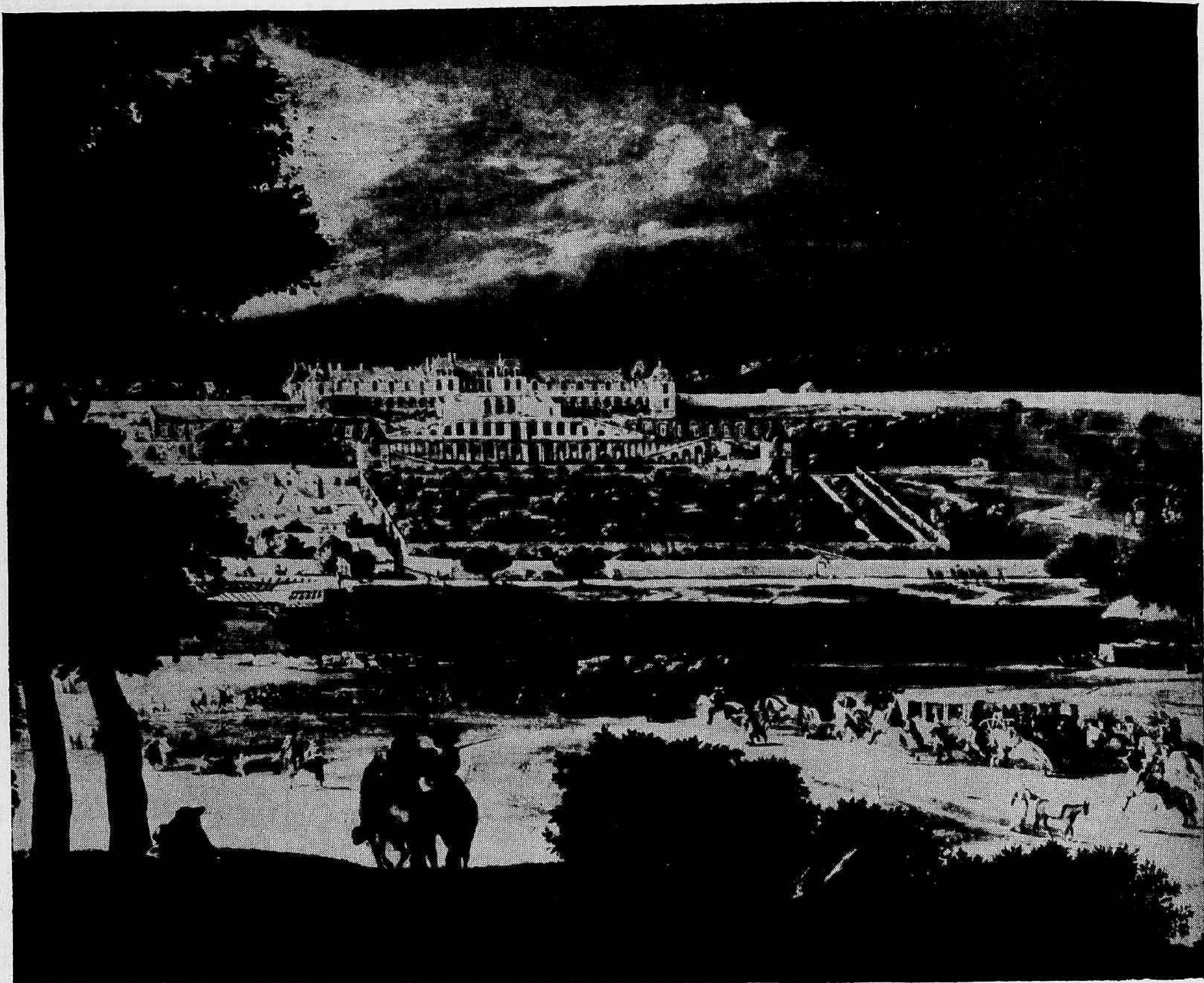






BROTO INFLACIONARIO,
NOTA DE 30 CRUZEIROS,
MOEDA FALSA
QUE SE COSTUMA PASSAR
DE NOITE

NO ESCURO...



UMA REPRODUÇÃO fotográfica de um quadro do pintor belga, Antoine François Van der Meulen, apresentando-nos o Castelo de Saint Germain (S. Germano). Van der Meulen viveu durante o período de Luís XIV, a quem serviu e o acompanhou em tôdas as suas campanhas. Por êsse motivo, realizou na tela a história militar da França, imortalizando uma época.

RESIDENCIAS REAIS DESAPARECIDAS

UMA EXPOSIÇÃO ORIGINAL ★ COMPLETANDO COM O PENSAMENTO O QUE OS OLHOS NÃO PODEM VER ★ O BRASIL DEVE IR PENSANDO NUMA OBRA SEMELHANTE

Texto de JEAN GALLOTTI Fotos S.F.I.

CRIARAM, depois da guerra, um Museu da Ile de France, no castelo de Sceaux.

Êsse belo edifício está situado no meio de um dos mais lindos parques delineados por Le Notre. E, quase ainda em Paris, mas já na zona suburbana que abrange agora uma grande parte da província a que está de hoje em diante consagrado, a sua situação torna-o eminentemente apto ao seu novo objetivo. O seu diretor, sr. Héron de Villefosse, acaba de nele organizar uma exposição com o sugestivo título de: «Residências reais desaparecidas».

A França é ainda rica de castelos e de palácios construidos pelos reis. Não é possível enumerá-los todos aqui. Mas inúmeros são também os que desapareceram. La Muette Clagny, Madrid, são nomes que encontramos em tôdas as páginas quando folheamos as velhas crônicas ou as memórias e outros tanto podemos dizer do Chateau-Neuf de Saint Germain, dos Castelos de Saint-Cloud de Meudon, de Marly, de Choisy le Roi, de Bellevue.

O homem culto, habituado que está, na França, a poder tantas vezes colocar, pelo pensamento, nos seus cenários quase intátos, tantos acontecimentos históricos ou tantos pequenos fatos da vida de outróra, fica decepcionado quando deve renunciar a ver os salões de onde Madame de Pompadour governava o reino ou então o pomar de Saint-Hubert onde Luís XV vinha enxertár as cerejeiras com uma faca de marfim.

E' por isso que devemos ser gratos ao sr. Héron de Villefosse e aos seus colaboradores por terem tido a idéia de reunir os documentos e os objetos que nos permitem imaginar o que os nossos olhos não mais podem vêr.

A mais importante dêssas moradias, aquela pelo menos cuja ausência é a mais sensível, no meio de uma propriedade que, pelo seu esplendor e extensão, se classifica imediatamente depois de Versailles, é, sem dúvida, o castelo de Saint-Cloud.

A sua perda é traço lamentável para a arte, quanto para a história. Foi em Saint-Cloud que foi assassinado o rei Henrique III, que Henriqueta da Inglaterra, cunha-



OUTRA RECONSTITUIÇÃO na tela de famoso Castelo também já desaparecido; o de La Muette, quadro de Grevenbroeck. Diante dêssa obra de arte, voltam os franceses ao passado.

da de Luís XIV, morreu de um modo tão misterioso e repentino que inspirou a Bossuet a sua famosa exclamação. «Madame se meurt, Madame est morte. Foi em Saint-Cloud que foi dado o golpe de Estado de 18 de Brumário, que Napoleão desposou Maria-Luiza, foi de lá que Carlos X partiu para o exílio e que Napoleão III em 1870, se retirou frente ao desastre que devia lhe custar, o trôno.

O velho castelo do século XVI havia sido reconstruído no XVII por Jules Hardouin, Mansart e Jean Girard, decorado por Mignard, Lemoigne, Coypel, enquanto que Le Notre o rodeava de canteiros e terraços e que Le Pantre construia do lado uma cascata monumental. Cascata, terraços e canteiros lá estão sempre, assim como o imenso parque com as suas avenidas retas e os seus altos bosques. Mas, do castelo, que a monarquia, os dois impérios e a restauração tinham enchido de inumeráveis obras primas, nada subsiste. Em 1871, os prussianos puzeram fogo em tudo e só as paredes ficaram de pé. Durante muito tempo vimos aquelas ruínas erguidas no meio das árvores; refletidas pelo Sena. Depois, finalmente, mandaram derribá-las. Um dos frontões, adquirido pela família real búlgara, foi ornamentar um castelo em Enxinogrado.

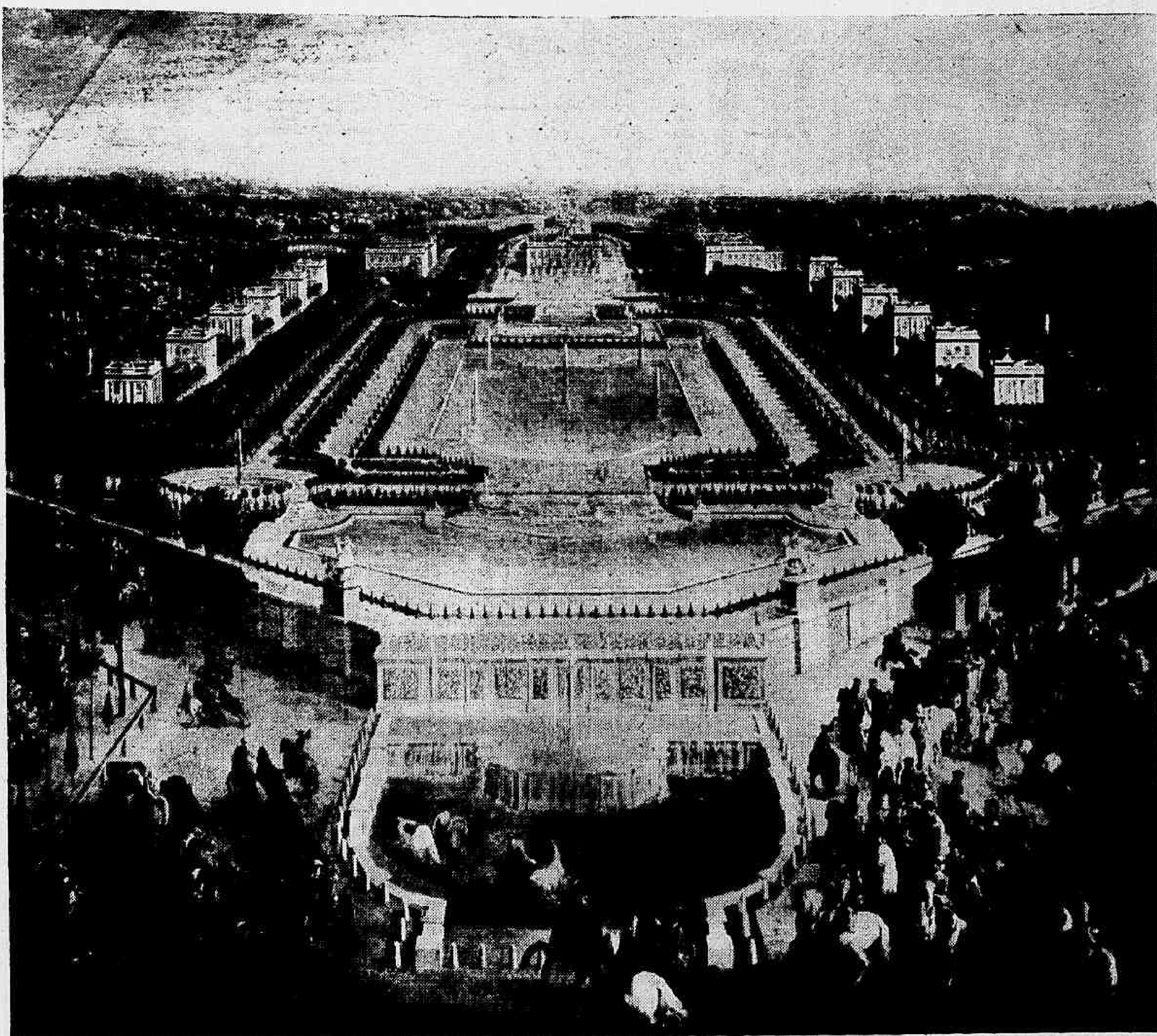
Desenhos de Hubert Robert, de J. B. Rigault, de Israel Sylvestre, esboços, pinturas, nos oferecem as imagens do que era, no seu esplendor, a residência real e imperial. Entre os objetos que escaparam aos saques e ao incêndio notamos um busto de Napoleão I, por Canova exumado das cinzas e que as mutilações fizeram com que fôsse julgado obra antiga, e brinquedo comovente, a pequena carruagem de cabrito do delphim Luís XVII, encontrada, durante o Segundo Império, nos quartos de criadagem do castelo.

Mas outras recordações nos invocam. Marly, antes de mais nada, Marlym êsse capricho de um rei que, tendo querido construir uma cabana onde pudesse escapar das cerimônias da côrte, acabou por levantar um palácio, a respeito do qual dizia Saint-Simon «basta dizer que custou mais caro do que Versailles». Vendido durante a Revolução foi destruido, pedra por pedra, o seu parque, hoje está vazio e do que continha restam apenas os dois fogosos cavalos que ornamentam, em Paris, a entrada dos Champs-Elysée. Ficamos muito interessados na exposição de Sceaux, diante da quantidade de quadros, de aquarelas, de esboços e de desenhos, querendo encontrar aquêle castelo quadrado rodeado por doze pavilhões simbolizando os doze signos de Zodíaco em tôrno do sol, aquelas moitas, aquêles afrescos, aquêles tanques, aquêle rio encachoeirado descendo do alto da colina, tudo isto tão falado na história íntima do fim do reinado de Luis XIV. E' um objeto encantador evocar para nós, melhor do que qualquer outro, a fisionomia da vida faustosa daqueles tempos: é a cadeirinha de Mademoiselle de Chartres, móvel precioso, todo pintado com personagens e arabescos, no estilo de Sebastien Leclerc.

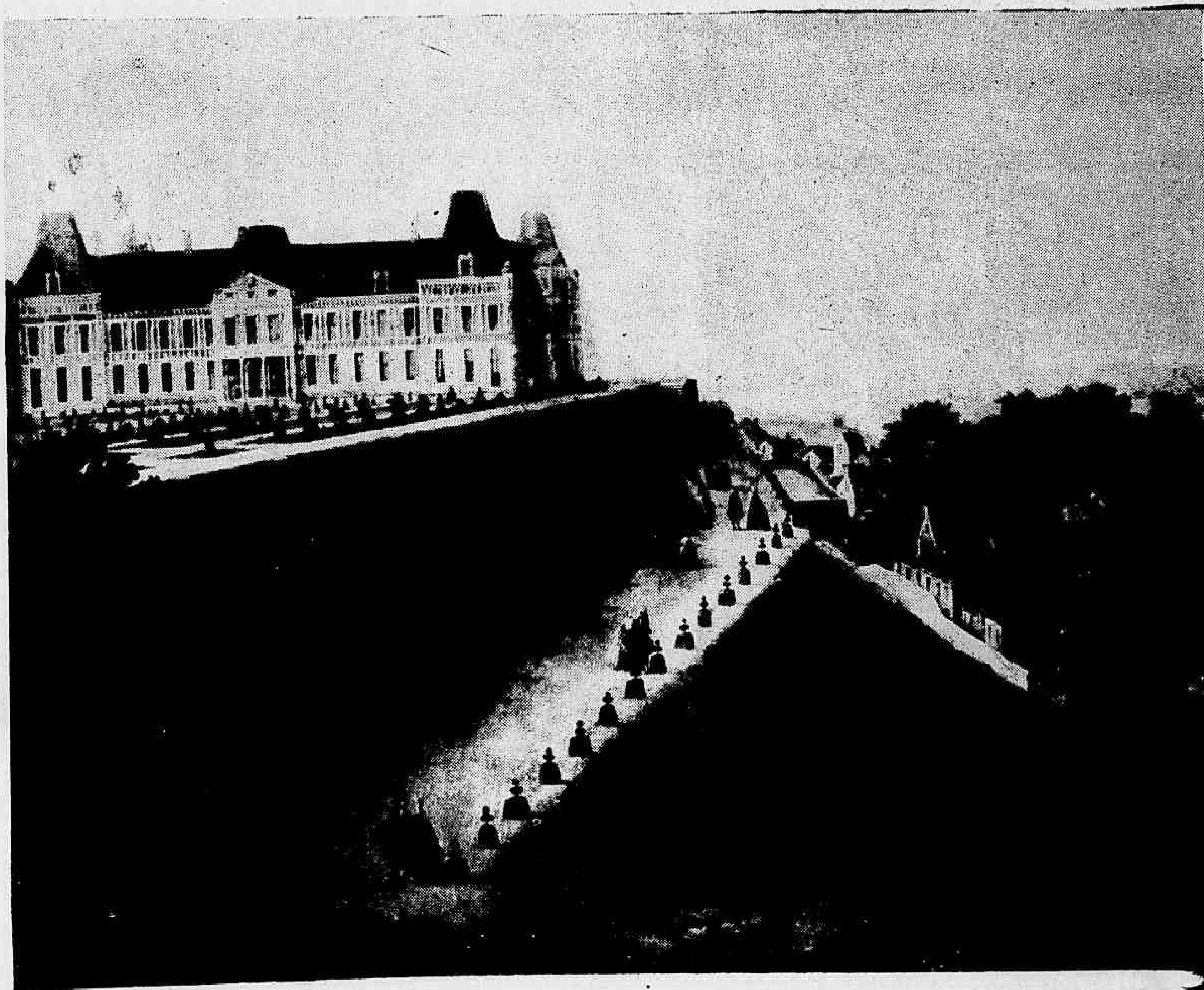
Mais esquecido talvez do que Marly, o Chateau-Neuf de Saint Germain se erguia no flanco da colina, acima do Sena, abaixo do castelo que ainda existe e que tinha o nome, naquela época, de Chateau-Vieux. As gravuras, nos mostram edifícios bem vastos, e os oito terraços sucessivos que desciam até o rio com as suas rampas em degraus, os seus bordados de canteiros, as suas grutas, as suas latadas, tudo obra do famoso Francesco Primaticcio e de Philibert Delorme. Foi a moradia predileta de Henrique IV e, pela posição que ocupava, podia ser o ponto de partida de uma composição prodigiosa unindo as suas perspectivas as dos Tuileries com o Sena para alimentar os canais e os tanques, se Luiz XIV não tivesse dado preferência a Versailles onde tudo, até mesmo o sol devia ser criado pela sua vontade. No fim do século XVIII, o Conde de Artois, futuro Carlos X, mandou demolir o Chateau-Neuf e não pôde reconstruí-lo.

O Chateau-Vieux de Meudon, cuja origem datava da duquesa de Etampes, amiga de Francisco I, o pequeno Castelo de Bellavue, edificado para Madame de Pompadour por Gabriel de Lassurance, enfim o importante castelo de Choisy, levantado por Jacques Gabriel no fim do Século XVII para Mademoiselle de Montpensier, prima de Luis XIV e consideravelmente aumen-

(Cont. na pág. 46)



VISTA PANORÂMICA e deslumbrante do aristocrático Castelo «Marly», devido ao pincel de Martin lê Jeune. Assim como sucedeu com o «Chateau-Neuf de Saint Germain», dos Castelos de «Saint-Cloud de Meudon», de «Choisy le Roi», de «Bellevue», etc., também êste já foi riscado do número dos «vivos», e imortalizado na tela.



ÊSTE É O CASTELO de «Meudon», isto é, FOI. Ficava a uns onze quilômetros de Versailles e seus arredores foram sede de experiências aerostáticas. Os seus jardins seguiram os desenhos de Le Nôtre (André), autor também dos famosos jardins de Versailles, Chantilly, etc. Êste castelo foi incendiado pelos prussianos em 1870.



O LIVRO DAS MULTIDÕES

à venda

O "ALMANAQUE EU SEI TUDO", o livro das multidões, está á venda em toda parte, no Distrito Federal e no interior. Preço: Cr. $ 20,00. Compre, antes que se esgote, o maravilhoso livro dos mil assuntos. Edição da Companhia Editora Americana. - Rua Visconde de Maranguape, 15 - Rio.





PARA A PRAIA

APRESENTAMOS nesta página algumas sugestões interessantes para o seu guarda-roupa de praia, chapéus originais, saídas elegantes, para praia, e «shorts» originais constituem êste punhado de creações dos mais notáveis figurinistas franceses, que submeteremos ao seu apurado bom gosto.



CLARALUNA

NÃO sei se conhecem Claraluna, a fada dos sonhos. Existe, sim. Ainda uma noite dessas encontrei-a. Íamos indo — eu e minha sombra — tristes, por aí afora. Parei, olhando o rio da vida que corre sempre suas águas barrentas. Então, ela veio. Pé ante pé, com seus pés de silêncio. Pôs as mãos sôbre os meus olhos. Conheci que eram as suas mãos, macias, leves, luminosas. Então, em vez das águas barrentas que corre o rio da vida, o que estava vendo passar eram nuvens e sonhos, num alto céu azul, com um claro luar se derramando sôbre a paisagem. Que paisagem? Talvez o mar. Talvez o mar com as ondas, as espumas. As areias brancas. Brancas como as suas mãos. As ondas escuras, com a fosforescência verde dos olhos verdes das Ondinas. E as espumas que parecem a sua túnica de luar. Que paisagem? O mar... ou talvez um recanto na lua, entre árvores, muito quieto, quieto como uma praçazinha do subúrbio, na solidão e no silêncio noturno... Uma praçazinha lírica e anônima da lua — porque era na lua, na lua que tudo isto existia — nuvens e sonhos... E compreendia Laforgue,



"Penser qu'on vivra jamais dans cet astre"...

Bem, Laforgue, às vêzes, vivemos... Era uma paisagem assim... E não era, porque era uma região de sonho e os sonhos são como as nuvens brancas e leves das noites de luar, as nuvens que vemos de longe, mas, perto, não sentimos, nem vemos... Era assim. E tôdas as estrêlas que não brilhavam no céu, todo claro de luar, cintilavam, numa chuva de estrêlas, sôbre os seus cabelos... E o luar a envolvia e ela era mais clara e mais linda, envolta no luar...

Não lhes dizia que ela existe? Existe. Muitas vêzes passamos a seu lado e não percebemos que é ela. Mas, um dia, uma noite, podemos de repente encontrá-la. Ela vem, leve, leve, tôda branca de luar, vem de mãos dadas com os loucos e brancos Pierrots "maquilés d'abandon" de Laforgue e vem rezar conosco a imitação de Notre Dame La Lune. Vem, sim. Estou sentindo ainda sôbre as pálpebras a leve e luminosa pressão de suas mãos longas e suaves...

LYSE

VARIADOS

ESTA coleção de modelos esportes e de passeio, destina-se a tôdas as horas pois seu talhe elegante adapta-se para qualquer ocasião. Vestido em linho. Decote redondo com um viez largo e saia bem franzida. Modêlo em seda preta com decote recortado e saia justa com dois grandes bolsos laterais. Costume em seda pesada. Decote redondo formando recortes, casaco transpassado na frente e cintado atrás. Saia justa. Modêlo com saia justa, inteiramente abotoado na frente, corpo subido com gola redonda.















MODELOS EM ORGANZA



UM dos tecidos mais usados para os vestidos de verão é a organza. Êste tecido é empregado nos mais diferentes feitios, em trajes de passeio ou de noite e em padrões lisos, listrados ou bordados. Vestido sem alças, com um largo viez no decote. A saia com bastante roda é formada por babados. Mangas bem franzidas, separadas do vestido. Vestido sem alças, em organza bordada. A saia forma três babados largos. Modêlo para tarde em organza preta. Gola redonda, saia bem franzida, mangas largas com punhos. Vestido em organza listrada. Corpo inteiro, com mangas japonêsas bem cavadas. Saia franzida e gola em fazenda lisa branca.



REVEILLON



AINDA algumas estrêlas de Hollywood, são quem nos apresenta estas sugestões em modelos para noite. Larayne Day apresenta um modêlo em seda de dois tons. Túnica preta e branca, bordada e saia justa tôda em preto. Ann Miller veste um vestido com saia de tafetá listrado e corpo de veludo. Ava Gardner da Metro veste um lindo modêlo em tule e cetim. Corpo comprido bem justo em tule, com um largo viez de cetim contornando o decote. Saia bem ampla, com alguns pedaços em cetim lavrado.





EMBRUJO
DE SEVILLA
SEVIL
MYRURGIA
Um perfume
de grande classe
MYRURGIA

A "EDIÇÃO ESPECIAL DE FESTAS" DE

A CENA MUDA

APRESENTA

— maior número de páginas!

— parte em côres!

— grande variedade de assuntos e novas seções!

5 REPORTAGENS DE CINEMA!

1 — Néo-realismo: uma nova experiência de cinema.

2 — Ronda dos estúdios argentinos.

3 — Novos horizontes para o cinema brasileiro.

4 — Hollywood em três tempos.

5 — O que é preciso para ser uma estrêla

2 REPORTAGENS DE RÁDIO!

1 — O que êles fazem fora do rádio.

2 — Uma rainha em busca de um trôno.

1 ENTREVISTA!

1 — Encontro com René Clair.

4 CINE-ROMANCES!

1 — Sua última missão (francês)

2 — O Colar da Pantera. (americano)

3 — As aventuras do Capitão Blood. (americano)

4 — Sedução trágica. (americano)

1 SINOPSE ILUSTRADA!

1 — Deportado.

E MAIS: Seções de Rádio, Música, Maiôs, Cinema inglês, Flashes mundiais, humorismo, biografias, coluna do fã, Cine-Teste, Telas da Cidade, Correio do fã, Mexericos, Pausa para meditação, etc.

BELO PRESENTE DE FESTAS !

À venda em tôdas as bancas de jornais do Rio e dos Estados.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

WEEK-END

CAUDA DE FILET COM BATATAS

Aproveite a cauda de 3 k de filet assado. Parta em pedaços grandes, iguais, e com os ossos, e leve a fritar na banha com cebolas picadinhas. Depois, ponha numa panela com tomates, cheiro, 1 cálice de vinho e molhe com 3 xícaras do caldo ou água. Deixe cozinhar lentamente, até a carne ficar macia. Cozinhe 24 batatas pequenas com casca, depois descasque. Tome 24 cebolinhas, toste na manteiga com açúcar. Junte as batatas e as cebolas à carne e cubra bem a panela; leve ao fogo brando, para terminar o ensopado, e reduzir o môlho. Despeje tudo numa travessa e cubra com môlho branco. Sirva com arroz sôlto à parte.

RECHEIO DE CAMARÕES

Leve a cozinhar 1 k de camarões em muito pouca água, sal e



cheiro. Escorra, descasque, separe os doze maiores e parta cada um pelo meio, ao comprido, e guarde. O resto parta em pedacinhos (se fôr para rechear peças pequenas bata com um facão). Toste uma colher de manteiga com uma de farinha, molhe com 1 xícara de leite, junte os camarões, ligue com 2 gemas e leve ao fogo por alguns instantes. Com os camarões separados faça uma cercadura ao redor do prato.

COXINHAS DE GALINHA FALSIFICADAS

Depois de a galinha limpa, parta em pedaços. Toste 1 colher de manteiga com outra de cebola picadinha, junte os pedaços de galinha, 1 ramo de cheiro, água e deixe cozinhar a fogo lento. Estando cozida, retire do fogo e tire as lascas de carne, sem peles (essas peles e os ossos podem ser aproveitados para a sopa). Côe então o môlho, junte meia colherzinha de manteiga, e meia garrafa de leite. Para cada xícara de caldo obtido junte 1 colher de maizena. Ligue com 4 ovos e leve ao fogo para engrossar, mexendo sempre. Deve ficar bem consistente. Ainda quente vá deitando os bocados do creme sôbre uma toalha polvilhada de pó-de-pão torrado e deixe esfriar. Depois, coloque uma lasca de galinha em cada bocado, enrole como croquete, achate um pouco, passe no pó-de-pão, depois em ovos batidos, em seguida em pó-de-pão novamente e frite em gordura quente, sem deixar escurecer. Enfie em cada uma 1 pedacinho de osso, como se fôsse um cabo. Arrume as coxinhas com os cabinhos para fora, enfeite com agrião e sirva o môlho à parte.

MAIONESE EM FORMA DE RELÓGIO

Tome um prato grande de salada e cubra-o com uma camada lisa de salada de legumes picados. Sôbre ela uma camada de frios passados na máquina e sôbre êstes uma camada bem farta e lisa de môlho maionese. Tôdas as camadas devem ser arrumadas em forma de círculo. Ao redor dêsse círculo faça a moldura do relógio com rodelas de tomate e ôvo cozido, umas inclinadas sôbre as outras. Entre uma e outra uma ervilha. Sôbre a camada do môlho de maionese, que é o mostrador, arrume: bem no centro a ponta de um pimentão formando o eixo dos ponteiros que serão feitos em vagens ou pepinos. Corte seis ovos cozidos pelo meio no sentido do comprimento. Retire as gemas, podendo aproveitá-las em outro prato qualquer. Coloque as claras com a parte côncava para baixo formando a posição dos números das horas.

Recorte algarismos romanos de I a XII em pimentão ou cenoura, e coloque cada número sôbre cada clara ou então com pincel e suco de beterraba pinte os números sôbre as claras. Para facilitar, coloque primeiro a clara correspondente ao XII e VI.

MAÇÃ COM CAMARÃO

Tire a tampa da maçã e esvazie. Embrulhe em papel impermeável e leve ao forno razoável. Depois de assada deixe esfriar e recheie com maionese de camarão. Terminar o recheio com uma colherada de môlho de maionese e um camarão limpo, com a cabeça e o rabinho. Enfiar de cabeça nessa maionese. Servir sôbre quatro fôlhas de alface arrumadas em ninho.

BRASULADO

Escalde, sem ferver, pequenos pedaços de carne sêca que não pode ser magra. Temperar com cebola, tomate e pequenos pedaços de toucinho. Cozinha-se com um pouco de água, deixa-se secar e o toucinho derreter para ficar um pouco a carne. Batem-se ovos como para fritada. Cobre-se a carne com um pouco dêsse ôvo batido. Por cima do ôvo uma camada de pirão feito com farinha de mandioca e água fria. Deixa-se cozinhar um pouco e depois coloca-se em cima do pirão o resto do ôvo batido. Em seguida vai ao forno. Serve-se com banana prata.

CREME EM COPINHOS

Quatro gemas, 2 colheres de maizena, merengue, 2 colheres de açúcar, 2 colheres de chocolate em pó. Faz-se um mingau com o leite, as gemas, o açúcar e a maizena. Separa-se em duas partes, acrescentando-se à segunda parte o chocolate em pó. Arruma-se em copinhos que se cobrem com merengue bem batido e se enfeita com confeitos de côr.

SOPA DE FEIJÃO

Pode-se aproveitar o feijão da véspera para fazer-se a sopa. Põe-se a ferver e esmagam-se bem os grãos. Quando êstes estiverem bem desmanchados põe-se cebola picadinha e temperos verdes. Já na hora de retirar do fogo, acres-

NA COZINHA

centa-se uma colher de manteiga. Corta-se pão dormido em quadradinhos, mistura-se uma colher de manteiga e refoga-se.

SORDA

Faz-se um caldo, primeiro pondo a banha a fritar. Quando estiver bem quente, põe-se a cebola e logo depois a água. Não se devem fritar os temperos. Com uma xícara de farinha de mandioca molhada, engrossa-se o caldo. Quando estiver para ser servida, acrescentam-se 4 ou 5 ovos cozidos, cortados em fatias, e uma colher de manteiga.

GELATINA DE DUAS CÔRES

Uma caixinha de ambrosina verde, uma caixinha de ambrosina côr-de-rosa.

Dissolvem-se à parte as gelatinas de côres diferentes. Despeja-se na vasilha ou fôrma primeiro a verde, deixa-se gelar, e sôbre esta camada deita-se outra com a côr-de-rosa. Depois de gelado, serve-se com creme de nata batida, salada de morangos, compota de pêssegos ou de abacaxi. Pode-se arrumar também em taças, enfeitando-as com merengue e frutas à vontade.

CESTINHOS DE BATATAS

Meio quilo de batatas, 1 colher de farinha de trigo, 1 colher de queijo ralado, 2 gemas, recheio de camarão, salsa, sal.

Cozinham-se as batatas, desmancham-se bem, tirando-as uma a uma da água e esmagando-as em massa lisa, sem deixar um grão mais duro. Existem para isso máquinas apropriadas. Deixa-se esfriar, acrescenta-se sal, 1 colher do queijo ralado, uma de farinha de trigo, 2 gemas, mistura-se tudo bem e se fazem bolinhos aos quais se procura dar o formato de cestinhas. Passam-se em ôvo, no farelo de pão ou de biscoito, recheiam-se com camarão, galinha, etc. Com caules de salsa, fazem-se as alças da cesta que se enfeita, na superfície do recheio, com um raminho de salsa. Arrumam-se em forminhas de papel.

COMPOTA DE ABACAXI

Parta um abacaxi bem maduro em rodelas de 1 cm. Cubra com açúcar e deixe macerar por algumas horas. Leve a cozinhar em fogo fraco por uns 15 minutos, junto um cálice de vinho do Pôrto e retire.

GALANTINES DE SALMÃO

Deite de môlho em 4 xícaras de água 4 fôlhas de gelatina vermelha, 4 brancas. Leve ao fogo para derreter e côe num pano. Abra 1 lata de salmão, escorra, tire as espinhas e peles e desfie a carne. Faça môlho maionese. Deite o salmão desfiado na gelatina, junte 2 colheres do môlho e pedacinhos de pepinos em conserva. Misture, deite em forminhas bem pequenas untadas de azeite, e guarde na geladeira. Corte quadrados de fatias de pão de fôrma, deite no meio um montinho de maionese, coloque em cima algumas folhinhas de agrião e bem no centro, deite uma galantine. Este prato serve também para "hors-d'oeuvre".

Neste caso coloque cada forminha no meio de um pratinho, tendo folhinhas de alface ao redor contendo maçãs picadas, e misture com um pouco de môlho de maionese.

CALDO COM OVOS

Faça um caldo comum, com tomates. Côe e tempere de sal. Na hora de ir para a mesa, leve a ferver, e vá quebrando dentro tantos ovos quantos os convidados. Deixe as claras ficarem brancas, sem cozinhar as gemas, e sirva logo. Escolha ovos pequeninos e frescos.

SALADA RUSSA

Cozinhe 3 batatas, 4 cenouras, um punhado de vagens, e uma couve-flor. Tome 2 tomates grandes sem as sementes, 1 pepino, 2 maçãs e parta tudo em quadradinhos de 1 cm e tempere com o seguinte môlho: 2 gemas cozidas e peneiradas, 2 colheres de azeite, o caldo de 1 limão e 1 colherzinha de môlho inglês. Misture tudo e sirva aos bocados dentro de fôlhas grande de alface.

FATIAS DE AMÊNDOAS

Tome 300 gr de amêndoas moídas, 300 gr de açúcar em calda grossa, 12 gemas e 3 claras em neve. Junte as amêndoas à calda e leve a ferver. Retire do fogo, reúna o resto, menos as claras, e leve de novo a fogo brando para engrossar. Quando aparecer o fundo do tacho, retire do fogo, junte as claras em neve e leve a assar em um tabuleiro pequeno, untando de manteiga. Depois de frio, corte em pequenas fatias e passe em açúcar socado e peneirado.

CHUCHUS COMO UVAS

Tome 8 chuchus grandes, descascados e com a colher própria, tire bolas do tamanho de uvas. Leve a cozinhar em água a ferver com sal e 1 colher de açúcar. Escorra, e passe em manteiga derretida. Ficam tal qual uvas verdes. Os restos dos chuchus podem ser aproveitados para sopa, junte ao pirão de batatas, etc.



RAPADURINHAS DE CÔCO

Desmancham-se 24 rapaduras pequenas em 1 litro de água; acrescenta-se uma colher de leite; para limpar, coa-se em fazenda. Vai ao fogo. Ferve-se novamente para dar o ponto, quando estiver fazendo bala bem dura, acrescenta-se o côco. Tira-se do fogo e bate-se bem quando estiver endurecendo, despeja-se em uma vasilha rasa, untada com manteiga e corta-se depois de frio, com a colher, colocando-se pequenas porções para formar as rapadurinhas.

Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

"Êle" depende da Sra...



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



A LUTRA CONTRA...

(Cont. na pág. 31)

fundados, colhêr informações de literatura ciências e artes em originais de absoluta fidelidade. Uma visita ao Real Gabinete Português de Leitura deve constar de todos os prospectos e livros de Turismo de pessoas que vêm passar alguns dias ou horas nesta Cidade Maravilhosa, que ainda oculta tantas maravilhas desconhecidas, apesar de estarem à vista de todos, como sucede com êsse admirável Templo do Saber e da Cultura Universal, alí da rua Luís de Camões, centro da Capital Federal.

E com que prazer o sr. Artur Faria, seu bibliotecário, atende o visitante ou consulente, orientando, pondo à disposição dos estudiosos aquêle inesgotável tesouro de conhecimentos!

RESIDÊNCIAS REAIS...

(Cont. na pág. 37)

tado mais tarde por Luís XV, não passam de recordações.

Do primeiro, arrazado, por Napoleão, nada resta. Do segundo, só existe o terraço, uma ala ainda de pé e algumas construções em ruinas. Do terceiro, só subsistiram os dois pavilhões da entrada.

Ao lado dos esboços e das vistas que recompõe para nós, os diferentes aspectos dêssas residências destruídas com os seus ornamentos e os seus jardins. As paisagens que delas se descortinam, as Assembléias pomposas ou galantes que as animavam, os organizadores da exposição tiveram o cuidado de reunir os retratos das favoritas ou das princesas que as embelezaram com a sua graça ou com o brilho de sua magestade.

Assim, madame de Pompadour, a duquesa de Chateauroux, a marquesa de Flavacourt, Madame Victoire, filha de Luís XV, Anne de Pisseleu, duquesa de Etampes, saídas dos pincéis de Nattier et de Bouche, ou de um lápis desconhecido, pela sua presença enganadora e a sua vida simulada, fantasmas encantadores mas que sabemos irreais acentuam a melancolia que tantos esplendores, para sempre aniquilados, inspiram.

O CABO FILOMENO

(Cont. da pág. 22)

Noel, dominando um mundo de brinquedos: cornetas, locomotivas, carruagens, polichinelos, bolas de borracha, bebês, caixas de armar, bugigangas, jogos, tambores, livros de gravuras, livros de contos, espadas...

Ah, sim! Era véspera de Natal... Como êle andava distraido...

Ia ver que seu Gabi (Gabriel, com cinco anos), não o deixaria mais em paz, ao chegar a casa.

III

Desde o dia em que Gabi tinha surgido em casa com a novidade dos presentes de Papai Noel, conversa que ouvira na bôca dos filhos do desembargador Guedes, com os quais costumava brincar, tôdas as tardes, nas calçadas da vizinhança.

A maiorzinha lhe explicara logo, que Papai Noel é que era o dono dos brinquedos que iam ser distribuidos entre a criançada, porém, os pais é que liam, nos jornais, quais eram os nomes aquinhoados pelo Papai Noel. Os nomes dêles, filhos do desembargador Guedes, tinham já saido no jornal, o papai lhos lera outro dia. Agora, o Gabi procurasse saber do dêle.

Entrara fazendo beicinho e contara tudo ao pai.

Filomeno, logo o sossegou, dizendo que êle teria também o seu presente do Papai Noel, pois o seu nome estava também na lista dos que o jornal publicara.

E, pegando de um jornal velho, esquecido numas prateleiras com honras de guarda-louça, o velho cabo simulou um intróito que rezava que, salvo alguma grande malcriação com os pais, eram êstes e aquêles os nomes dos meninos que Papai Noel viria, dia de Natal, quando estivessem dormindo, encher de brinquedos os sapatinhos ou (muito de indústria acrescentou) o "lugarzinho" onde dormiam. E lá enxertou o nome do Gabi, entre os dos filhos do desembargador Guedes, com tôdas as letras:

— Gabriel Pereira dos Anjos (Gabi).

Desde então, nunca mais deixou o menino de contar os dias que o separavam "daquele dia".

O certo é que andava bem seguro de que não dormiria muitas noites sem que lhe aparecessem, ao alcance das mãos, os sonhados brinquedos prometidos pelo Papai Noel.

A noção do tempo iminente possuía o guri como o único óbice interposto àquela alegria que o iria colhêr, breve, ao acordar na sua tarimbazinha de caixão de cerveja, feita pelo pai.

Naquele dia, entretanto, nem se lembrava o velho cabo de que era chegada a ocasião. Como êle andava... que cabeça...

E como esperava, não lhe falou noutra coisa o pirralho, desde à porta da rua, quando o viu entrar em casa ainda esfalfado pela subida da última ladeira do Morro da Caixa D'Água. O menino não fazia uma frase em que não envolvesse o nome de Papai Noel. Estava senhor de que era chegado o dia. Seria naquela noite. Os meninos do desembargador Guedes tinham-lhe dito outra vez e at prometido mostrar, no dia seguinte, os brinquedos que lhes coubessem — aquêles brinquedos que o Papai Noel lhes traria hoje, quando estivessem adormecidos.

Filomeno tranquilizara-o, ainda uma vez. Êle, Gabi, também teria o seu brinquedo. Podia responder aos filhos do desembargador isso mesmo. O nome do Gabi saira entre os dêles, no jornal.

IV

O miliciano almoçara e saira logo. Iria satisfazer o compromisso daquela lenda criada no espírito do pirralho, e por êle afagada com todo o encantamento exaltado da imaginação infantil, lenda que não poderia marcar a sua primeira e grande decepção na vida (oh! não!), ainda que êle, que ainda há três dias restituira a rica pérola do Governador, fôsse obrigado a roubar, sim, roubar a alguém o suficiente para comprar um brinquedo para o Gabi.

— "Um soldado não deve nunca mentir" — era um dos ensinamentos que, nas preleções da caserna, mais procuravam incutir no espirito da soldadesca.

Pois bem, êle, que não costumava mentir, também não iria agora mentir ao seu Gabi.

Assim pensando, em solilóquio, saiu de casa tanto que acabara o almôço. Pensava de ir ao Quartel e falar com o seu sargenteante um empréstimo de vinte cruzeiros; pagaria no fim do mês, dali a menos de uma semana. Havia de ser servido, estava certo, êle que não costumava abusar da bondade dos seus superiores com pedidos dêsses.

Depois sentia que, com o elogio do Comandante, naquele mesmo dia, diante de todo o Batalhão, haveria de ter algum prestigio, para muito mais até, quanto mais para uns miseráveis vinte cruzeiros.

Seriam 3 horas da tarde quando chegou ao Quartel.

O sargenteante prestava uma informação ao Comandante da Companhia sôbre conta de um soldado que havia desertado naqueles dias. Tinha lesado o dono da "Dispensa da Barateza", que agora surgia com uma ordem do Comandante da Companhia, dando-lhe crédito. Ora, o desertor não havia deixado saldo nenhum, tudo tendo recebido no último pagamento sem sofrer qualquer desconto, por um grave descuido que o sargenteante não sabia por nada explicar ao seu superior. O Capitão Amâncio estava irritadíssimo, uma pelo descuido em si, a outra por que era êle quem, em última hipótese, deveria ressarcir o prejuizo do negociante.

— Isso não, meu Capitão; a falta foi minha, o prejuizo cabe a mim — dizia o sargenteante.

E o Capitão:

— Seja, mas não me conformo com relaxamentos na minha Companhia.

— Preciso apurar isso direito — estrugia.

Filomeno ficou à espera que ultimassem a questão.

Olhou o grande relógio da parede: 4 e 15.

Entretanto, aquela maçada não chegava a um têrmo.

Abriam estantes. Retiravam fôlhas de pagamento. Iam às gavetas de que retiravam pacotes. Abriam grandes maços, desdobravam-nos sôbre a mesa. Verificavam dados, cantavam nomes um a um.

Mas entrou um pé de vento arrepelando tudo. Irritação — um Deus nos acuda.

(Cont. na pág. 48)

Produtos
MYSTIK
de
Mme Campos

Para Maquilage Científica - Rouge Facial em pó - Crême de Morangos - Crême Base - Loção e Crême contra espinhas

À venda nas boas casas

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA Mme. CAMPOS

Assembléia, 115 - 1.º Rio

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

AGUA NAZARETH

CONCLUSÃO DOS ESTUDOS FEITOS PELO DR. JOÃO DE SIQUEIRA SEIXAS DE 1945 A 1948

Conclusão dos trabalhos cronológicos realizados com a Água Mineral Nazareth, desta Capital, em quinze observações feitas em doentes sob meus cuidados clínicos, e cujos nomes constam dos quinze estudos já apresentados ao Departamento Nacional de Produção Mineral.

Constatamos ser a Água Mineral Nazareth de efeitos terapêuticos comprovados nas moléstias dos rins, por haver sempre nos doentes observados grande aumento da diurese no emprêgo dessa água por via oral.

Observamos e constatamos também, em vários dos doentes referidos nos quinze estudos acima mencionados, uma melhora acentuada nas funções digestivas, pelo que afirmamos ter essa água efeitos medicinais nas moléstias dos rins e aparelho digestivo.

Rio, 5 de Novembro de 1948

Dr. João de Siqueira Seixas

(Firma reconhecida no Tabelião do 10.º Ofício)

DESODORIZE O SUOR SEM PREJUDICAR A SAÚDE

ANADORAN tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.

ANADORAN
SEREIA
o desodorante perfeito

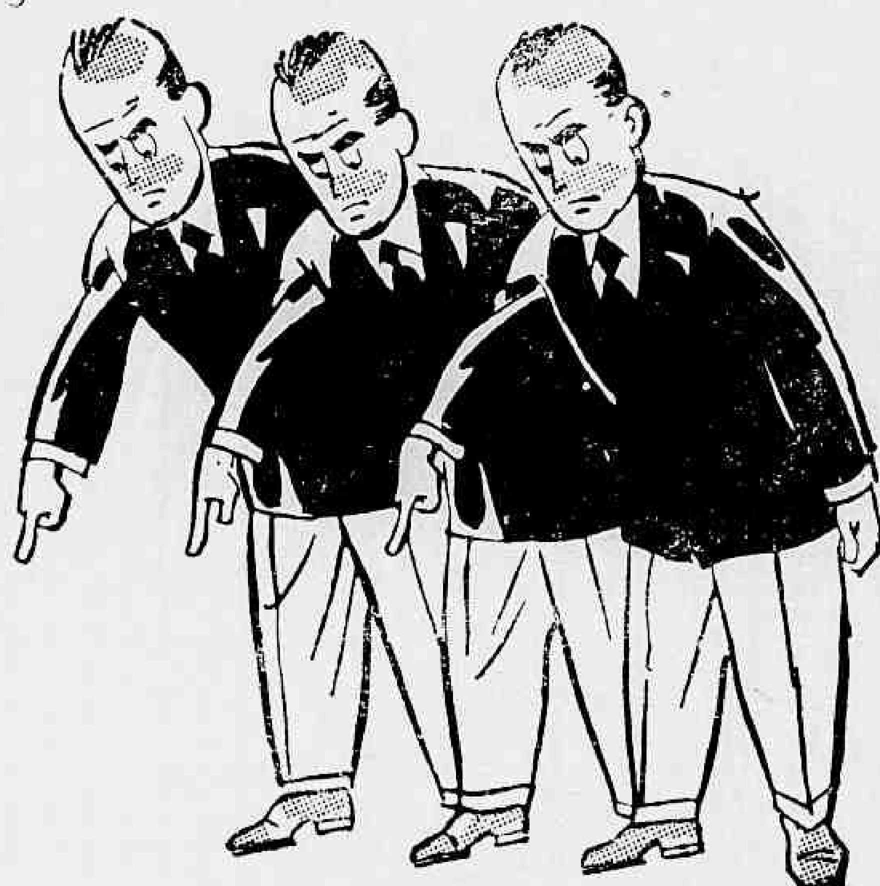
Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda.
República Perú, 326 - Rio

Sino

QUER SER ESCRITOR

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa de programa e bases do Curso.

É lamentável que alguém desperdice eletricidade ...quando muitos estão economizando.





Uma atitude isolada, no caso do racionamento de eletricidade, prejudica aos que estão cooperando para que não se agrave, ainda mais, o problema da escassez de energia elétrica provocada pela baixa contínua do volume de água do reservatório de Ribeirão das Lajes.

Com esta baixa, o volume no momento é de apenas 20°/₀ da capacidade atual do reservatório, consequência essa das duas maiores estiagens destes últimos anos e representa um "deficit" imenso na produção de energia elétrica. Assim, os srs. industriais, bem como os responsáveis pelos grandes edifícios, apartamentos, escritórios, hoteis etc., devem controlar rigorosamente os respectivos consumos de luz e fôrça, mantendo-os dentro da sua quota. Evitem desperdícios, para que a presente situação não se agrave ainda mais, contribuindo eficazmente para atenuar os efeitos desta crise, antes que êles se tornem desastrosos para todos.



ECONOMIZAR ELETRICIDADE É SERVIR À COLETIVIDADE

O CABO Filomeno

(Cont. da pág. 46)

Serenou.

Agora pediam esclarecimentos à Casa da Ordem. O Assistente que mandasse a coleção dos "Boletins" do último mês.

Chegou o cabo-furriel que fizera as fôlhas. Interpelação. Estrilo.

E a faina prosseguia numa espécie de marcha e contra-marcha; gavetas que se abriam e se fechavam, recados aqui, ordens p'ra acolá.

17 horas.

E Filomeno à espera de sua vez.

Afinal, pareceu terminar aquela pendência.

O cabo, então, se dirigiu ao sargento.

Mas, não passou das primeiras palavras:

— Pois você acaba de ver uma embrulhada dessas por causa de "fiados" e ainda tem coragem de vir falar em dinheiro. Tem graça...

Filomeno não gostou. Não gostou daquela maneira desdenhosa e rude do sargento, que nem ao menos ressalvara qualquer conveniência diante dos outros soldados, que até tinham sorrido.

De si consigo, Filomeno acabou pensando que aquilo fôsse u'a manifestação hostil, gratuita pelo bonito elogio que lhe fizera o Comandante diante de todos. O sargenteante lá estava, lembrava-se bem.

Pensou em retrucar-lhe os maus modos indo diretamente ao seu Comandante da Companhia.

E havia de ser servido. Todos sabiam que o Capitão era um superior justiceiro, que sabia dar valor ao bom soldado.

O relógio da Matriz pingou no espaço u'a martelada argentina.

Chi! 17 e meia.

Onde se metera a essa hora o Capitão Amâncio? Sobe e desce escada.

Fareja, aqui, fareja acolá, e nada.

Foi afinal descobri-lo nas baias, nos fundos do Quartel.

Mau. O Capitão não tinha essa cara. Êle aproximava-se, caminho da sede.

E Filomeno, todo perfilado:

— Dá licença, meu Capitão?

— Logo me fale. Agora estou com muita pressa. E' negócio de dinheiro, nem nada.

Filomeno ficou atordoado. Desfez a continência, com pouco, e foi-se arrimar no muro próximo, mole que nem um saco. Ali ficou um longo trecho, vendo tudo como num aquário de vidro.

Tudo aquilo por uns tristes vinte cruzeiros. E dizer que o mendigante era êle, que podia estar com alguns contos seguros na mão se tivesse ficado com a jóia do Governador, indo vendê-la a bordo de algum navio do pôrto, mais tarde, com alguma reserva, já se vê.

Um companheiro, que passava, parou e puxou conversa.

Filomeno ia respondendo quase à-toa, porque como u'a môsca importuna lhe vinham saltear a fraca atenção os pensamentos revoltados da sua condição de fracassado.

O outro se foi, êle continuou ao seu monólogo, cheio, sempre de recriminações a si mesmo.

Filomeno acordou do seu pasmo, ouvindo as 6 fortes pancadas do relógio da Matriz.

Mas, isso era o Diabo se o comércio estava fecha-não-fecha.

Lembrou-se de um negociante, de quem era afreguesado, há já bastante tempo: o Justino do Mercado, quarto 18.

Quem sabia lá? "De onde não se espera"...

Foi.

Ao chegar lá, porém, encontrou as portas fechadas.

Explicaram-lhe o motivo: Morrera-lhe a mulher naquele dia, pela manhã, no Hospital, durante a operação de um tumor maligno.

Filomeno estava aniquilado. Jamais fôra de uma tão pouca sorte. Vez nenhuma, que se lembrasse, durante tôda a sua vida, jamais sua condição humilde lhe obrigara a pedir tão inùtilmente, em circunstâncias tão penosas, como daquela vez, em que a miséria curtida lhe parecia ser a triste paga da riqueza que êle não quisera possuir.

E lembrava-se do broche de gravata do Governador, aquêle broche que tivera nas mãos, no bôlso, sem que ninguém o soubesse...

Mas, uma badalada anunciava 18 e meia, parecendo-lhe mais perto do ouvido a nota percutida, mais gritante.

Um clarão fizera-o pestanejar. Tôda a rua, como por encanto, se pôs seu colar de lâmpadas.

Filomeno descoroçoara de todo. Postou-se na primeira esquina, sentindo as pernas flácidas, esfalfado pelas emoções cruéis.

Ficou ali, estatelado, pensando uma revoada de coisas que lhe ferviam no cérebro, sentindo o sangue escaldar, uma espécie de nó na garganta.

Afinal, reagiu, endireitou-se.

Era voltar para casa, que contra o impossivel não há fôrças (o relógio cantava agora sete compassadas pancadas).

O comércio ia-se cerrando.

Só se ouvia, era rruu...uu...u..., das grandes esteiras metálicas arriando por tôda parte.

Então nem mesmo dinheiro adiantava naquele instante.

Era consolar o Gabi com uma desculpa, no dia seguinte. Adiar o seu Natal.

Até pensou de ler-lhe, no jornal, um recado do Papai Noel nesse sentido.

Naquele dia era sábado. Talvez, na segunda-feira, vendesse o capãozinho do quintal e comprasse o seu brinquedo, até melhor, mais custoso.

Sargenteante, Capitão, elogio do Comandante, que levasse tudo o Diabo!

Deus que lhe havia de valer sem precisar de nenhum.

Dia comprido de verão, nada mais.

Só era noite porque as lâmpadas já estavam acesas. No céu nem uma estrêla para remédio.

Filomeno foi andando pelas ruas da cidade, ruminando a sua revolta, trilhando o seu itinerário, automàticamente, virando onde devia virar, no seu rumo certo.

De repente, olhos postos no chão, bateu-lhe no ombro e lhe caiu aos pés uma linda sanfoninha, nova, novinha em fôlha — reluzindo o papel oleado do fole, reluzindo o metal prateado das chaves e da chapa que a revestia dos lados.

Olhou para cima. Estava debaixo de um sobrado.

Na sacada, através das grades, um garotinho sorrindo-lhe, traquinas, de um canto para outro, e fitando-lhe uns olhinhos vivissimos, as mãozinhas ambas suspensas no ar como borboletas.

Filomeno apanhou as anfoninha. Mirou-a.

Entre ela e êle surgiu-lhe, nítida, a cabeça de Gabi.

Olhou, de novo, para cima.

Ainda, e só, o guri.

Sorrindo-lhe sempre, e agora sacudindo todo o corpinho, as mãozinhas adejando sem cessar.

Filomeno, então, lançou um grande olhar por tôda a rua, numa direção e outra.

Nenhuma pessoa da vizinhança, nem um transeunte.

A noite estava ainda meio lusco-fusco.

(Cont. na pág. 51)

Uma estrada de rosas... sempre desejada...

... mas que todos podem percorrer, experimentando a sensacional e nova coleção Phebo:
pó de arroz, talco e sabonete, em originais embalagens de madeira, próprias também para presente.
Eleja o perfume Rosa de Phebo como seu favorito e passe a sua vida *sobre uma estrada de rosas.*

★ *Nova embalagem do pó de arroz PHEBO, em côres sortidas. Um lindo presente.*

Criações
PHEBO
PERFUMARIAS PHEBO

A SAÚDE DO BEBÊ

ERROS DE EDUCAÇÃO E CRIAÇÃO DO MENINO

DR. SABOIA RIBEIRO

UMA das formas pela qual se patenteiam mais gritantemente os erros de educação da criança é a extrema ligeireza com que muitas mães cultivam certos sintomas dela, indo muitas vêzes ao ponto de sugerí-lo inteiramente e convencer-se de sua existência real apenas porque a criança, não raro graciosamente, os confirmam quando indagada.

Na maioria das vêzes surgem as alusões a «dores».

Dores, nessa ou naquela parte do corpo, se eternizam, assim, pela imaginação, seja que a criança sofreu alguma queda que afinal nada foi porque nada deixou de si, seja que, lá um dia, teve a sua cólica intestinal por motivo de alguma intemperança do alimento menos digestivo, etc.

Ora, sempre é preciso ter presente que muitas crianças, quando adoecem, experimentam a certeza de algumas vantagens, como o excesso de carinhos, presentes e, se na idade escolar, o dia livre de aulas e deveres. Daí uma certa tendência natural em cultivar seu ponto fraco de estimação, que lhes rende sem dúvida alguma coisa afinal. De maneira que é preciso proceder com tato, de um lado, para não exagerar os sintomas mórbidos acaso existentes, de outro, para também não ver sòmente manha no que pode ser, de fato, a expressão de um acometimento mórbido.

Males podem resultar dêssas concessões, devendo o caso ser resolvido com perspicácia e segurança. Um exame consciencioso da criança para a apuração da existência real de alguma coisa que justifique suas queixas, e uma metodização do regimen de vida na prática de certas medidas ainda não observadas, eis o que, em primeiro lugar, há a fazer.

«As bases do caráter do menino se desenvolvem desde tenra idade, sendo influenciada durante êsse período por dois fatôres principais: a educação e o estado de saúde. Latentes sadios são, quase sem exceção, alegres; estão sempre dispostos a brincar, manifestando constante e vivo interêsse pelos fatos que se passam em suas proximidades. Depois de se terem observado inumerosos bebês nêsse estado, chega-se à convicção de que a seriedade não é qualidade inata no homem. O ambiente influi, aliás, sôbre o recém-nascido, solicitado que é pela imitação à sisudês ou à alegria. São realmente tristes, e assim sempre se conservam, crianças enfêrmas durante o primeiro ano de vida. Perturbações nutritivas, mesmo leves, transformam-nas, de alegres, em tristinhas».

Quando menino tem a saúde perturbada durante o primeiro ano de vida, ou mesmo o segundo, por distúrbio nutritivo e infecções sucessivas (....) não apresenta idêntico aspecto de caráter de um outro da mesma idade e que sempre foi sadio» (Czerny).

Por aí se vê quanto importa, na criança, a observância estrita dos cuidados que visam protegê-las das perturbações nutritivas menos com remédios do que com a observância das boas normas da puericultura.

O hábito das refeições excessivas contraído nessa fase se constitui, mais tarde, em necessidade, e tantas vêzes sendo a responsável por perturbações do aparêlho digestivo de espaço a espaço que vão dar o motivo da descoberta daquêle ponto fraco de estimação a que já fizemos, asima, alusão.

Se não é isso, outras vêzes é o alimento impróprio por pesado e indigesto para a criança, com muitos temperos e sobrecarga de ácidos ou gorduras nem sempre de boa qualidade.

Outro êrro das mães diante de certos estados mórbidos da criança é essa perigrinação pelos consultórios à procura do «remédio ideal» para o caso já crônico, quando então sua solução depende, antes, de série de cuidados e não sòmente por via de «um» remédio que o último médico não acertou mas que o seguinte, porventura, possivelmente acertará, prescrevendo-o.

E' assim que vemos, por motivo de gripes e resfriados, crianças andarem de consultório, de médico em médico, não poucas vêzes expostas a tôdas a intempéries, ao vento e à chuva, resultado sòmente de erros da alimentação e dos erros domésticos, convencidos que alguma fórmula, que o último médico não encontrou ainda, mas que outro poderá acertar, — bem conseguirá curar tudo quanto sofre por motivo de sua gripe ou de seu resfriado.

E' preciso ter sempre presente no espírito que raro, na criança, um determinado estado de doença se cure sem o concurso de medidas que, antes de tudo, representam as boas normas de sua criação, em que a alimentação e uma vida higiênica e saudável ocupam um lugar insubstituível.

Nos casos tão freqüentes de cólicas, é de ver a simplicidade com que muitas mães procuram resolver a situação procurando, na consulta médica, o remédio capaz de debelar o mal que se repete mais ou menos amiúde, quando o que o médico apura, o mais das vêzes, é a desordem da alimentação ensejando, em conseqüência, as digestões mal feitas com seus sintômas costumeiros.

Essas crianças não seguem, em geral, nenhum horário de alimentação, comendo de tudo e sem pausa, muitas vêzes «pratos» absolutamente inadequados, pela sua maneira de preparo, à fragilidade natural de seu aparêlho digestivo.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

N.C. — Nesta — A dificuldade da respiração nasal de seu filhinho, tanto pode ser devida a um coriza, agúdo ou crônico, como a vegetaçes adenóides, desenvolvendo-se no espaço rinofaringeu.

Na criança de tenra idade, o coriza é um dos sinais de sífilis congênita, de modo que só o exame direto pode induzir ao diagnóstico preciso. O médico de garganta resolverá bem a situação, pois ainda pode-se tratar de **difteria nasal que** é a forma mais freqüente no primeiro ano.

B.G. — Meyer — Sem uma chapa radiográfica não é possível precisar nada a respeito. Mesmo não basta escutar o torax de seu filhinho sem essa primeira medida que deve logo pôr em prática.

L.N. — Nesta — Ventre dilatado desde o nascimento com obstipação renitente, faz supor, em primeiro lugar, uma dilatação congênita do colon. O exame radiológico também é, aqui, indispensável.

Todavia a suspeita de dilatação congênita do colon aumenta de probabilidade quando a criança passa muitos dias sem defecar e quando o faz, mais tarde, a evacuação é volumosa e fétida.

NOTA — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA — com menção desta secção, ou seja SAÚDE DO BEBÊ — R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

O FUTURO DE PITUQUINHA

(Cont. da pág. 34)

filho estudar para engenheiro-agrônomo! Hoje possui uma fazenda modelar em Barra do Piraí! Cultiva o que pode em artigos de primeira necessidade. Não faz muito, mas é uma parcela, uma migalha na cooperação contra o custo da vida. E' um herói anônimo!

Outra descansa no pires, o doce que estava trinchando:

— Meu filho é arquiteto. Conhecem aquêle prédio enorme na Avenida Copacabana, que tem no andar térreo a casa de modas de Madame Szavinska?

Era um bom assunto para mulheres. Elas se interessaram:

— Sim! Sim!

— Pois foi êle quem o construiu!

Um velho trêmulo, bate a bengala no chão:

— Na união com a minha saudosa espôsa, que Deus haja, tive dois filhos. Gêmeos, por sinal. Dois rapazes de que muito me orgulho. Êles quiseram escolher seus futuros, mas a minha autoridade de pai sempre estêve de pé e inflexível. Eu os fiz soldados dêste grande país. Sou veterano do Paraguai e tenho um nome a zelar! Meus filhos seguiram essa bela carreira, e seus filhos, meus netos, cursam atualmente a Escola Militar de Rezende. Isso que é futuro!

E a discussão continua. Nisso entra tio Gregório. Velho amigo da família, filósofo prático, conhecedor de almas e da vida. Vem mancando amparado na bengala, com aquêle seu ar enjoado e ranzinza de quem muito já viveu e aprendeu. Encara todos e cumprimenta-os entre pigarros. Percebe na atmosfera, que uma questão se desenrola.

— Desculpem o atraso. Êsses ônibus... Ué! Que é que há? Morreu alguém?

Dona Marina se move:

— Não é nada. Estamos discutindo o que o Pituquinha vai ser quando ficar grande. Eu quero que êle seja engenheiro (e com desdém) e o senhor meu marido quer fazê-lo médico. Mas eu não quero ver meu filho sofrer o que Porfírio sofreu e sofre. Há de ser engenheiro!

Dr. Porfírio levanta-se e diz em altos brados:

— Meu pai foi médico, meu avô também, eu sou, êle tem que ser! Tem que seguir a tradição da família. Sou pai e mando nêle. Êle será médico! Por favor, dê-nos o seu palpite, tio Gregório!

Tio Gregório ergue o braço com ar de enfado:

— Ora que bobagem, meus filhos! Que falta de senso! Vocês não vêem que estamos no Brasil?

Desembrulha um pacote que trouxera debaixo do braço e e atira uma bola de borracha ao guri:

— Vai, meu filho. Vai jogar futebol...

NA TERRA DOS MARECHAIS

(Cont. da pág. 21)

para apenas três navios de cada vez. Isso faz que agora só haja navio do Lóide de mês em mês, de outra forma teria que gastar muito tempo na fila, à espera de vaga. Idêntica situação não se verifica no Rio? Elevada a vila em 1815 e a cidade em 1839, isto é, quando também recebeu o título de capital do Estado, que pertencia até então à velha cidade de Alagoas. Será êsse assunto para um de nossos próximos trabalhos, quando focalizaremos, inclusive com farto material fotográfico, a histórica cidade que viu os natais do fundador da República. Terra dos marechais, assim é chamada Alagoas. No povoado Ipioca nasceu Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, enquanto que Deodoro é de Alagoas. Terra cobiçada por franceses, holandeses e espanhóis, é freqüentemente citada nas páginas da história pátria. Até hoje conserva alguma coisa da arquitetura flamenga e descendentes há dos primitivos invasores de Nassau. A população apresenta mesmo os característicos das várias nacionalidades que por aí tiveram sua predominância. Atualmente, a grande maioria é formada pelo caboclo e pelos descendentes dos africanos. A indústria do lugar é a usina para beneficiamento do açúcar. Nas ruas de paralelepípedos as carrocinhas carregadas de sacos de açúcar bruto, procedem silenciosamente, pois a Prefeitura obrigou o uso de rodas com pneus, a fim de não estragar o calçamento. E' nas ruas que encontramos os tipos "típicos". Descalços, chapéu de palha, chicote pendurado no ombro, pito de palha apagado na bôca, ou mascando fumo, roupa branca, de brim ou caroá, rosto largo, luzidio e imberbe de nortista, vivem êles uma existência ùnicamente a favor da sobrevivência. Pequenos produtores das redondezas da capital, vivem mercadejando os artefatos simples e quase primitivos que expõem no mercado, na "feira de passarinhos", nos tabuleiros ou nos cestos que carregam nos ombros. Mansamente, percorrem as ruas batendo de porta em porta ou penetram no recinto da pitoresca feira de passarinhos ou ainda fazem ponto do lado de fora do mercado. Nesse, de linhas modernas e construção de concreto, há de tudo para a vida cotidiana, desde as ervas para remédios, nas drogarias que só vendem produtos vegetais, numa evidente preferência do Zé do povo pela homeopatia, aos mais saborosos doces de côco, abóbora, aipim. Frutas em quantidade, frescas, cheirosas, baratas (abacaxi a 50 centavos cada um!), ovos, a Cr$ 1,80 a dúzia. Artefatos de couro, primando as populares sandálias do sertão. Terracotas de todos os tamanhos, peneiras, chapéus, cestos, tudo habilidosamente trançado em palha. E a "feira dos passarinhos"? Numa baixada fronteiriça ao mercado, sombreada por grandes amendoeiras e paineiras, nota-se uma confusão de pessoas, artigos, barraquinhas e objetos exóticos. Passarinhos, uns poucos lá no fundo. Refrescos de maracujá, gramofones velhos e enferrujados, livros de estatística, espelhos e pentes, facas e tecidos, tudo é oferecido ao matuto e ao turista. A máquina fotográfica que levamos a tiracolo atrai os olhares, não é fácil despistá-los para bater umas fotos, enquanto não olham para a objetiva. Um garôto nos seguiu durante tôda a nossa peregrinação por aquêle antro de folclore, sentando num caixote que carregava, sempre que parávamos. Mais uma coisa nos prende a atenção, as peixeiras. A quase totalidade da população usa armas, inclusive pessoas da alta-sociedade. Isso dá um pouco idéia de "far-west", empresta aos homens caras de mau, o que às vêzes no íntimo não são, mas que são impelidos a representar papéis de vilão, seja pela presença das armas, seja pela lei da honra que diz que "homem" não leva desafôro para casa.

Chegamos, enfim, aos jangadeiros. Quem não os conhece, depois do feito do inesquecível Jacaré e seus companheiros? Aquêles eram cearenses, e nós estivemos em Alagoas, mas jangadas e jangadeiros são os mesmos em todo o nordeste. A maravilhosa praia de Pajussara, perto da qual Copacabana não vale nada, era outrora o paraíso dêsses bravos do mar. Aos poucos está sendo invadida pela civilização, isto é, pelas pessoas endinheiradas que freqüentam o lugar e já constroem não os antiestéticos arranha-céus, mas bonitas vivendas. Todavia, ainda existem coqueiros na praia, choupanas de pescadores, barcos para a pesca e arrastão e as lendárias jangadas. E' um primitivismo encantador. Compreendemos tôda a sua simplicidade e repetimos com Caymmi: "O mar é bonito, é bonito". De fato, sua coloração é estranhamente verde, convidativa e sentimos o seu feitiço. O cenário poderá ser monótono, sempre o mesmo, especialmente para quem aí nasceu e vive, mas para quem o admira pela primeira vez, sugere verdadeiros hinos à natureza, pela versatilidade com que brinda os homens ingratos em todos os recantos da terra. E' por aí na "Ponta Verde", que se ergue o famoso "gogó da ema". Coqueiro diferente, com certeza ficou assim porque, quando ainda na fase do crescimento, quis acompanhar com seu comprido pescoço as evoluções acrobáticas de algum avião maluco, não podendo mais voltar à posição normal. Seja como fôr, é gozado, exótico e constitui visita obrigatória a quantos aproem pela primeira vez em Maceió. Dizem que o governador do Estado não gosta do "gogó" por considerá-lo um coqueiro doente, uma aberração da natureza. Mas, o homem prefere isso mesmo, tudo o que é fora do normal. O lugar é afastado, em noite de lua deve ser romântico, por isso dizem que convidar uma moça para um passeio até o "gogó" é a mesma coisa que aqui no Rio convidá-la para ir até o Joá.

A cidade de Maceió pode ser dividida em três partes distintas: as praias e os bairros adjacentes, o centro que ocupa posição um pouco mais elevada e o Alto do Jacutinga. Os bairros praianos já sofrem a preferência do povo. Constroem-se avenidas atlânticas, com largas calçadas em mosaico português, há trechos que dão a impressão exata de estar em Ipanema. No centro, cortado por umas poucas ruas mais importantes e sinuosas e outras secundárias, porém novas, largas e retas, situa-se tôda a vida da cidade, com suas praças, cinemas, bancos, igrejas e escolas superiores. Do Jacutinga, bairro residencial, descortina-se linda vista para a lagoa do Manguaba e para o mar. Clima ameno, sêco, correspondência à Tijuca do Rio.

Disseram-nos que de todos os Estados nortistas, Alagoas é o pior. Tínhamos tanta prevenção contra o norte que tivemos agradável surprêsa ao constatar a realidade. Boa terra, boa gente. Quanto ao atraso, mesmo nós cariocas nada podemos dizer, basta olhar para os monturos de lixo em plena Avenida Presidente Vargas; para os desmandos das autoridades federais em todos os setores da Capital da República; para os abusos de confiança das pessoas que ocupam posições-chaves; para a repetição crônica de erros seculares contra a economia popular; para o atraso psico-somático de grande parte da população dos subúrbios, dos morros e também de certos bairros. Devemos ser menos bairristas, olhar com benevolência para as falhas dos outros se quisermos que nos desculpem as nossas e lembrar uma vez mais que o exemplo vem de cima, nesse caso é o Rio de Janeiro, a Capital da República, com seu govêrno federal que deve olhar com mais cuidado para os rincões abandonados de seu imenso território.

Sentimos em Maceió uma vontade incipiente de melhorar. Moços do interior estudam na capital estadual, entram em contacto com os outros centros do país, procurando adquirir uma mentalidade nacional. Instrução é o que procuram para poder fazer juízo consciente e não apriorístico da verdadeira situação da capital com relação ao interior produtor do Estado no âmbito nacional, da nação na comunidade internacional. Ainda existem é verdade, resquícios de mentalidade feudal, em que porém já não dizemos a servidão, mas pelo menos a servidade submissa do braço do caboclo, por exemplo, nas usinas. A consciência trabalhista ainda está longe. A igualdade de direitos ainda não é concebida com a liberalidade que empregamos. Vamos dar outro exemplo. As moças, como em tôda parte anseiam pelo príncipe encantado, isto é, pelo casamento. Têm mêdo de ficar solteiras e por isso agalardoam os homens com direitos que a ciência, a religião, a sociedade e a justiça moderna absolutamente não



"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

ihes reconhecem. Já aqui no Rio sente-se a revolta da mulher contra os abusos dos representantes do sexo forte. O que prevalece aqu: é a lei do talião: se quiseres que a mulher ande direito, homem, sejas tu o primeiro em dar o exemplo, ou então saiwas perdoar. Em Maceió, mesmo antes de se unirem pelos laços do matrimônio, reconhecem as moças nos homens a necessidade de aventuras extra-conjugais, admitem e perdoam, sem revolta, apenas exigindo uma posição na famı..a e na sociedade que nós comparamos à das favoritas dos harens. Restos do patriarcado colonial, não há dúvida nenhuma, que sòmente a instrução será capaz de corrigir com o tempo. Por tudo isso somos levados a dizer: Brasil, país de futuro, serás grande pelo teu esfôrço!

O CABO FILOMENO

(Cont. da pág. 48)

Quis ser honesto, outra vez, como na vez do broche.

Mas, pensou, finalmente, na sua promessa ao Gabi, e sobretudo, no seu sofrimento quando, no outro dia, não encontrando um brinquedo junto a si, ao acordar — fôsse depois deparar os filhos do desembargador Guedes, cada um com o seu brinquedo, os seus ricos brinquedos.

Olhou, outra vez, para a rua e para a sacada.

Ninguém.

E estugou o passo, entre medroso e alegre.

Ao dobrar a primeira esquina, ainda olhou a sacada e a rua.

A rua continuava deserta.

O garotinho dava-lhe adeus com ambas as mãozinhas, agachando-se, soltando gritos alegres.

TOMARA QUE CHOVA...

(Cont. da pág. 12)

os inquilinos ameaçados e fêz muitos senhorios ficarem indignados. «Tomara Que Chova» é irônica e encerra uma fina crítica à administração do Prefeito General Angelo Mendes de Morais, que, aliás, é francamente carnavalesco. E' uma marcha que já nasceu vitoriosa e está fadada a ser cantada de qualquer modo. Se chover durante o carnaval, como comumente acontece, o povo há de cantar:

«Tomara que chova
Três dias sem parar...»

Se não chover o povo cantará:

«A minha grande mágoa
E' lá em casa não ter água
E eu preciso me lavar...»

Enfim, sem favor, «Tomara Que Chova» é um dos maiores sucessos do carnaval de 1951. E se por ventura não retrata o drama dos compositores, focaliza, no entanto, o problema de cinqüenta por cento da população carioca, nessa época de verão, inclusive o do autor desta reportagem.

★

David Násser e Haroldo Lôbo compuseram «Motorneiro Chapa 13», que vem agradando muito. Pela escôlha do tema e pela interpretação graciosa de Linda Batista, tudo indica que será a música que o povo cantará nos bondes. A querida «estrêla» da Tupi vai lançar uma fantasia que terá o nome — «Chapa 13». Também a sua irmã Dircinha Batista lançará a fantasia «Nêga Pelada», simbolizando a batucada de Benedito Lacerda e David Násser, que ela canta, emprestando tôda a sua graça e o seu talento em mais êsse sucesso dêsses dois veteranos compositores patrícios.

E por falar de fantasia, a bela Marion já lançou a sua majestosa «Jockey», na boite Casablanca, que, agora, se acha em

(Cont. na pág. 54)

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERGUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmin — Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super	13.00	22.00	30.00
Q. Fleurs — Super	15.00	25.00	35.00
F. Amor — Super	15.00	25.00	35.00
Mitziko — Super	18.25	25.00	35.00
Arp. S. — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.0[illegible]
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit.N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narciso N — Super	25.00	35.00	40.00
Pretx. — Super	35.00	45.00	55.0[illegible]
Rumores — Super	35.00	45.00	55.0[illegible]
Escândalo — Super	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super	35.00		
Flor Maçá LF	50.00	70.00	90.00
Souppless LF	50.00	70.00	90.00
Biarritz LF	50.00	70.00	90.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	90.00
Arabesque LF	60.00	80.00	100.00
Heno del Campo LF ...	60.00	80.00	100.00
Casino LF	60.00	80.00	100.00
Violette Feuilles LF ...	85.00	105.00	125.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	125.00
Champagne LF	60.00	80.00	100.00
Despesas Reembolso ...	9.00	9.00	9.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BEL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: quando fôr ao contrário demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura media	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE É «TIROXINA»:

Hormônio da glândula tiróide?
Sub-produto do carvão de pedra?
Um veneno vegetal?

2 — EM QUE CIDADE NASCEU CARLOS GOMES:

Belém do Pará?
Campinas, Estado de S. Paulo?
Distrito Federal?

3 — QUAL DESTES REVOLUCIONARIOS MINEIROS SUICIDOU-SE NA PRISAO:

Claudio Manuel da Costa?
Alvarenga Peixoto?
Thomaz Antônio Gonzaga?

4 — DE QUE TERRITÓRIO FEDERAL É PORTO VELHO A CAPITAL:

Amapá?
Guaporé?
Rio Branco?

5 — DE QUE FALECEU RAUL POMPÉIA:

Afogamento?
Colapso cardiaco?
Suicidio com um tiro no coração?

6 — COMO SE CHAMOU O POETA ABOLICIONISTA QUE FOI VENDIDO COMO ESCRAVO AOS DEZ ANOS DE IDADE:

José do Patrocinio?
Luis Gama?
Manuel Quirino?

7 — QUAL O PRIMITIVO NOME DO AUTOMÓVEL CLUBE DO BRASIL:

Cassino Fluminense?
Clube dos Janotas?
Silogeu da República?

8 — QUAL DÊSTES PONTOS FICA A ILHA DE MARAJÓ:

Na foz do S. Francisco?
Na embocadura do Amazonas?
Ao largo do Maranhão?

9 — QUAL O PAULISTA QUE RECUSOU SER REI DO BRASIL:

Pedro Taques?
Fernando Dias Paes Leme?
Amador Bueno?

10 — DE QUE ESTADO ERA FILHO JOAQUIM NABUCO:

De S. Paulo?
De Pernambuco?
Do Ceará?

11 — QUAL O GRANDE HOMEM DA INGLATERRA QUE, AO MORRER, PRONUNCIOU ESTAS ULTIMAS PALAVRAS: «ESTOU SALVO»:

Oscar Wilde?
Shakespeare?
Cromwell?

12 — QUEM INVENTOU O TERMOMETRO:

Lavoisier?
Galileu?
Edison?

13 — QUAL O GRANDE HOMEM DE LETRAS DA FRANÇA QUE SÓ ENTROU PARA A ACADEMIA, DEPOIS DE MORTO E EM ESTATUA:

Molière?
Anatole France?
Sainte-Beuve?

14 — QUAL O IMPERADOR QUE, ANTES DE MORRER ENFORCADO, FOI POSTO SÔBRE UMA CAMADA DE BRASAS:

Guatimozin, do México?
Jayme I, da Inglaterra?
D. Pedro I, do Brasil?

15 — DE QUE ABOLICIONISTA ERA ESTA DIVISA: «A ESCRAVIDAO E' UM ROUBO»:

De Joaquim Nabuco?
De Luis Gama?
De José do Patricinio?

16 — QUEM FUNDOU O POSITIVISMO:

Lao-Tsé?
Augusto Comte?
Benjamin Constant?

17 — QUANTOS ANOS OCUPOU S. PEDRO A CADEIRA DO PAPADO:

Dez?
Cinco?
Vinte e Quatro?

18 — A QUE NÚMERO TINHA VICTOR HUGO GRANDE OGERISA:

Treze?
Cinco?
Onze?

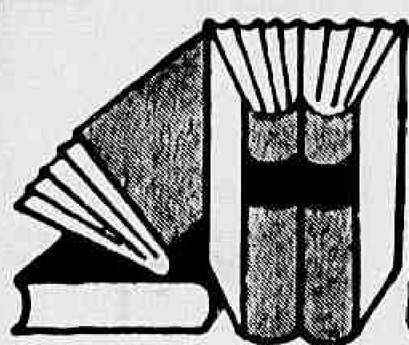
19 — QUAL DESTES ROMANCES FOI ESCRITO POR NAPOLEÃO:

O Lírio Vermelho?
A Dama das Camélias?
Clisson e Eugênia?

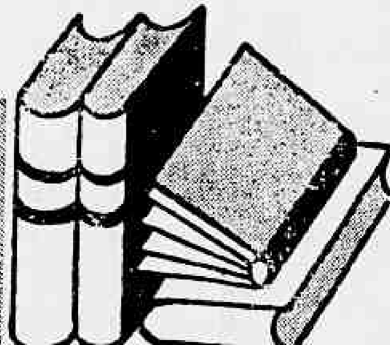
20 — A QUANTAS ESQUADRAS ANCORADAS NO PORTO DO RIO, DEU FLORIANO PEIXOTO AQUELA FAMOSA RESPOSTA: «A BALA»:

Uma?
Duas?
Três?

(Respostas na página 58)



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMILÍA



ALPHONSUS DE GUIMARAENS, num desenho de Pacheco.

AFONSO Henriques da Costa Guimarães que, desde a adolescência, começou a assinar-se "Alfonsus de Guimaraens", nasceu em Ouro-Prêto a 24 de julho de 1870. Alphonsus de Guimaraens representa um dos mais curiosos fenômenos da história literária brasileira. Foi um solitário — o "Solitário de Mariana", como o chamaram — um arredio, um isolado. Na sua vida, como na sua poesia. O simbolismo, que atingiu nêle ao que de mais alto apresenta a inspiração brasileira — êle o requintou por tal forma que só hoje podemos penetrar o hermetismo de certas imagens suas, só hoje podemos alcançar a altitude de certos vôos de seu estro. Era um autêntico "raro", conforme o ideal da escola. Mais raro ainda porque a sua super-sensibilidade desabrochava como uma flor de requinte na adusta paisagem montanhesa, e se criava, repassada de delicadas nuances, à luz forte do céu mineiro, da mesma forma que seu misticismo se filigranava em rendilhados sutis sob o céu barroco e monumental das igrejas do Aleijadinho.

Pois acontece que êsse poeta solitário e raro é cada vez mais estimado e compreendido. E vai, todos os anos, crescendo em prestígio, não sòmente nos meios letrados, mas, assim mesmo, na estima carinhosa do povo. O culto de Alphonsus ganhou em número e expressão, neste quarto de século, a ponto de tornar o "Solitário de Mariana", sem dúvida alguma, no grande poeta de Minas, aquêle que melhor representa a sua terra e a sua gente, na sua arte que falou a linguagem da solidão e do êrmo, clima de nossa terra de montanhas e de largos horizontes, onde o homem só conversa consigo mesmo ou com os céus — que são os seus únicos vizinhos, no alto das serranias, cuja grandeza é de uma eloqüência que faz emudecer e pasmar.

Minas está devendo ao "Santo Alphonsus", de sua comovida devoção, um monumento digno de sua memória.

Ao lado, publicamos um dos mais belos poemas de Alphonsus, "Ysmalia", com a ilustração de Enoia, com que foi anteriormente divulgado em "Artes e Letras", suplemento literário de "A Manhã".

EDMUNDO LYS

NOTICIAS LITERÁRIAS

HAROLD SMITH

É interessante saber que um Juiz da Suprema Côrte dos Estados Unidos se deixe dominar pela beleza da natureza; e que tão eminente cidadão de uma grande nação se sinta humilde perante a grandeza de uma montanha. E' isso que aprendemos em «Of Men and Mountains» (Homens e Montanhas), um livro autobiográfico do Juiz William Douglas e que acaba de ser publicado. De sua vida ativa e útil, o Juiz Douglas tem aproveitado os momentos de lazer para escalar as altas montanhas dos Estados de Washington e Oregon, no oeste dos Estados Unidos, explorando florestas e lagos, caçando e pescando. Êsse livro agradável, que nos fala à alma, ensina os melhores sistemas de pescar truta e as melhores maneiras de fritá-la (em óleo de urso!) E' um confôrto o descobrir tanto amor e compreensão para com a natureza, em um homem endurecido pelos problemas máximos da lei.

★

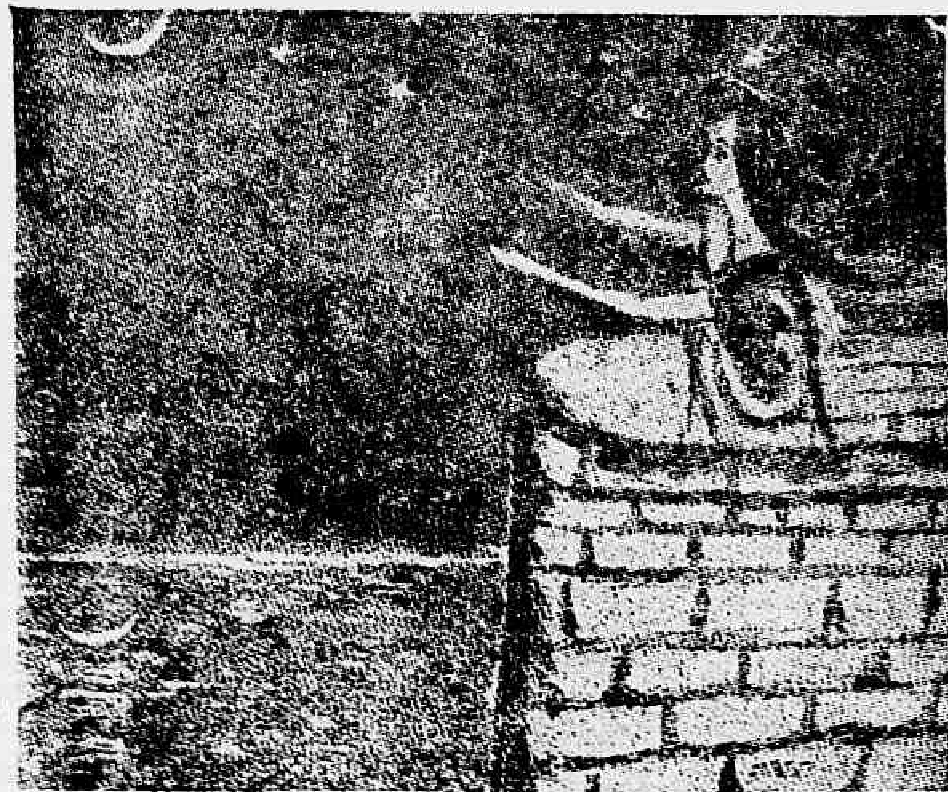
Depois do tremendo sucesso de «Gone With the Wind» (E o Vento Levou...), muitos outros autores tentaram obter êxito semelhante imitando a fórmula inventada por Margaret Mitchell. Ninguém igualou aquêle sucesso, mas Kathleen Winsor quase alcança o mesmo resultado com o seu «Forever Amber» (Sempre Amber), uma novela cuja personagem central é uma aventureira, na Inglaterra do século dezoito. Agora Miss Winsor escreveu outro romance que promete ser tão popular quanto o anterior, pois mantém a fórmula original. Trata-se de «Star Money» (Dinheiro de Estrêla), cuja diferença principal para o outro romance de Miss Winsor reside no fato de ser a heroína uma mulher do século atual; os outros fatores permanecem essencialmente os mesmos. E' claro que milhares de leitores gostarão dêsse livro. Predição: «Star Money» será outro «best-seller» de tremenda popularidade.

★

SESSÃO LITERÁRIA

Teve lugar no dia 8 de dezembro, na Phoenix Naval, sociedade acadêmica dos Aspirantes de Marinha, uma concorrida e

YSMALIA



QUANDO YSMALIA ENLOUQUECEU
PÔS-SE NA TÔRRE A SONHAR...
VIU UMA LUA NO CÉU
VIU OUTRA LUA NO MAR...

NO SONHO EM QUE SE PERDEU,
BANHOU-SE TÔDA EM LUAR...
QUERIA SUBIR AO CÉU,
QUERIA DESCER AO MAR...

E NO DESVARIO SEU,
NA TÔRRE PÔS-SE A CANTAR...
ESTAVA PERTO DO CÉU,
ESTAVA LONGE DO MAR...

E COMO UM ANJO PENDEU
AS ASAS PARA VOAR...
QUERIA A LUA DO CÉU,
QUERIA A LUA DO MAR...

AS ASAS QUE DEUS LHE DEU
RUFLARAM DE PAR EM PAR...
SUA ALMA SUBIU AO CÉU,
SEU CORPO DESCEU AO MAR...

ALPHONSUS DE GUIMARAENS



Rubens Pery, jovem poeta bahiano que vem de publicar uma coletânea de poemas sob o título «Sêca».

bem programada sessão literária, para a qual a REVISTA DA SEMANA foi gentilmente convidada.

★

HOMENAGEM A EÇA, EM PARIS

O sr. Marcelo Mathias, embaixador de Portugal na França, e o sr. Paretti, prefeito de Nuilly sur Seine, desceram a placa que, colocada no prédio n. 38 da avenida Roule, recordará às gerações futuras a casa onde viveu e morreu, há cinquenta anos, o célebre escritor português Eça de Queiroz, que durante longos anos e até a sua morte representou o seu país na França na qualidade de cônsul geral. A solenidade deu motivo a uma emocionante manifestação de amizade franco-portuguêsa.

★

CEIA DE ESCRITORES

Continuando a tradição que há 16 anos vem mantendo o P.E.N. Clube, organizou para a noite de 22 de dezembro sua ceia de escritores, que se realizará no Vogue. As inscrições estão abertas apenas até o dia 18 no escritório do «Jornal do Comércio».

★

LAUREADA GABRIELA MISTRAL

Gabriela Mistral, eminente poetisa chilena, recebeu a maior honraria da Academia Americana de História Franciscana, o Prêmio Serra, das Américas, para 1950, numa cerimônia realizada na Universidade Católica da América.

CINEMA E LITERATURA



Um dos livros célebres que o cinema mais uma vez vem de aproveitar é «Alice no País das Maravilhas», de Lewis Carrol, um clássico infantil de imperecível popularidade. No clichê, a atriz inglêsa, Carol Marsh, de dezessete anos, que foi escolhida, entre quinhentas, para o papel-título do celulóide francês que evoca a história encantadora da heroina de Carrol.

Fora do Prelo

MOLDURA VASIA — Célia de Cássia — Pongetti — Rio. A vocação poética feminina é uma vocação de amor. Podemos entendê-la como uma fuga ou como um excesso de sensibilidade que procura, no verso, evasão ou completação. Nêste livro de estréia de Célia de Cássia, a par de legítimas qualidades líricas, com inspiração e apreciável domínio da técnica, podemos constatar que a poesia transborda como uma segunda fase da experiência do amor. Aqui está o verso definidor:

«Porque meu verso é tudo que ficou [do amor
E é só o que ainda posso te oferecer...»

Poesia confidencial, mais, confessional, êste livro nos apresenta uma história de amor fragmentária, disfarçada em poesia, onde encontramos os instantes maravilhosos do romance vivido, tôdas as suas etapas, inclusive as personagens, pois não é difícil perceber que o herói dêste conto azul é um engenheiro. Por isso, pelo fato de não estarmos diante de um amor infeliz, muito pelo contrário, êste romance lírico se torna agradável, aliciante nas suas evocações e bem feminino, como se deseja de um livro de mulher.

★

MUNDAÚ — Pedro de Carvalho Villela — Pongetti — Rio Um interessantíssimo livro de evocações o que nos dá êste escritor que retardou sua estréia nas letras, com grande prejuízo para as letras.

Segundo o que estamos informados, Pedro de Carvalho Villela é banqueiro. Antes de fazer literatura, quis fazer uma situação na vida, lutador de infância pobre, sofrendo, pois, na própria carne as agruras da miséria. Sàbiamente, relegou a segundo plano sua vocação de escritor. Sàbiamente, dizemos, porque a carreira literária no Brasil é uma aventura desanimadora sempre, de um lado, porque não oferece estímulos espirituais, de outro porque não proporciona recompensas materiais. Viver de literatura é o sonho de todo escritor. Por isso, os escritores brasileiros, certos de que isso não é possível, têm que construir, antes, uma vida confortável, à margem das letras, para depois se dedicarem a elas. Em geral, as duas atividades seguem paralelamente. Em raros casos, acontece como neste, em que o escritor sofreia os seus pendores e, antes, cria uma situação. Por todos os motivos, embora seja melancólico constatar o fato — é o melhor alvitre.

Nesses anos de espera, Pedro de Carvalho Villela apurou seus meios de expresão e adquiriu seguro domínio da auto-crítica. Assim, sua estréia se faz em livro do maior merecimento, no seu gênero, com breves capítulos de recordações que mostram o escritor de estilo formado, capaz de manchar — na linguagem dos pintôres — uma paisagem, uma impressão, um tipo, com absoluta segurança. «Mundaú» é um livro que se lê com interêsse e que nos prende e arrasta, através de suas páginas, dando-nos a impressão de convivermos no mundo que o autor tão bem sabe estruturar, em estilo ameno, original e colorido, tornando-nos, de certa fórma, como o Daudet das «Lettres de mon Moulin», um personagem seu, tal a nossa participação interessada, nos episódios que evoca.

★

CONTOS DA GRÉCIA ANTIGA — N. Hawthorne — Melhoramentos — São Paulo. A afirmativa trivial de que o espírito imortaliza as pátrias assume fôrças de dogma quando se trata da Hélade. Ainda hoje, o poder irresistível da mitologia fala-nos dos fatos e dos homens, das coisas e dos deuses, tão vigorosamente retratados na tradução célebre de Latino Coelho, ao apresentar a «Oração da Coroa», de Demóstenes. E' a terra helênica com seu conjunto de beleza e graça, de heroismo e tragédia, que as lendas nos põem diante dos olhos, como se fôsse tudo modernissimo.

Nathaniel Hawthorne escreveu «Contos da Grécia Antiga», que Edmund Dulac ilustrou admiràvelmente e Oscar Mendes verteu para as Edições Melhoramentos, em volume luxuosamente artístico, verdadeira coroa de glórias de nossas realizações gráficas. As páginas, tão maravilhosamente evocativas, de «Contos da Grécia Antiga», recordam: O minotauro, Os pigmeus, Os dentes do dragão, O palácio de Circe, As sementes de romã, O tosão de ouro. Quanto material a ler e a sentir!

Parece-nos que poucas vêzes terá a humanidade alcançado alturas tão nobres e tão ricas de essência quanto aquelas a que chegaram os helenos. Em consequência, êstes «Contos da Grécia Antiga» valem por uma leitura de poesia imortal, uma visita ao gênio dos gregos. E, em harmonia com os desenhos, o equilíbrio da versão merece também vivos louvores.

★ **PORTUGUÊS PRÁTICO** ★ **Marques da Cruz — Melhoramentos — S. Paulo.** Nota-se, entre nós, um fenômeno curioso — mais curioso do que os fenômenos em geral: Escritores, cujo instrumento de trabalho, lògicamente, é o idioma, adotam uma atitude cômica de desprêzo ao mesmo. (Evidente que é cômoda esta maneira de fingir uma superioridade que, de fato, é apenas inferioridade). Como a ignorância é, quando apoiada em alguma inteligência, mais perniciosa do que a ignorância dos menos providos de qualidades mentais, segue-se que o exemplo de tais escritores concorre para aumentar o número dos inimigos da formosa língua que falamos. Ou por incapacidade, ou por falta de compreensão do valor que êle tem como veículo do sentimento, certos profissionais da pena fogem de estudar o idioma e, em consequência produzem aleijões. As vêzes, embora focalizando coisas interessantes, não conseguem transmitir, com nitidez que impressione, suas observações objetivas e suas análises subjetivas, porque lhes falta o poder exato da palavra. Não nos alistamos entre os puristas, os caçadores de gramatiquices, os filólogos de palmatória mas, confessemos ser desagradável o desmazêlo com que determinados escritores ofendem a língua falada por nós.

Ocorrem-nos estas considerações — feitas esportivamente, longe de intuitos dogmáticos — a respeito do «Português prático» para as 4 séries do Curso Ginasial, do professor José Marques da Cruz, magnífico trabalho, assim pelo conteúdo como pela realização gráfica das Edições Melhoramentos. E' livro que, arejadamente, lembra, corrige, orienta e ensina!

★

OUTROS LIVROS — A figura do Pato Donald é dessas que conquistaram a simpatia de adultos e crianças. Daí o êxito dos filmes e dos livros em que êle aparece, pondo sempre em ação as mais extraordinárias travessuras.

Muitas dessas aventuras estão em «Pato Donald na Escola», elegante volume das Edições Melhoramentos, que também nos apresentam, num gênero que fala ao coração das crianças, «O burrinho de Nossa Senhora», pequeno álbum lindamente desenhado. E' justo assinalar que a ilustração concorre, de maneira decisiva, para impressionar favoràvelmente o leitor, e com maiores motivos o leitor de idade reduzida. E' um trabalho que colabora na obra de apurar o gôsto artístico da infância, a que, aliás, a Melhoramentos dá uma contribuição valiosa.

★

Músico, professor, teólogo e médico, Albert SchWeitzer é uma das mais estranhas e fascinantes figuras de apóstolo de nossos dias. Podendo viver à maneira de Fradique Mendes podre de civilização, condoeu-se das selvas africanas e rumou para lá, depois que a espôsa aprendeu enfermagem, para auxiliá-lo. Abandonou todos os confortos e tôdas as glórias rumurosas, para dedicar-se a fundar hospitais e postos de socôrro material e espiritual aos africanos.

Bela personalidade a dêsse vulto que, em seu livro «Decadência e Regeneração da cultura», versão das Edições Melhoramentos, de Pedro de Almeida Moura, acentua com indiscutível agudeza: «Em todos os setores do saber de cada povo se trabalha com afinco para que tôdas as manifestações da sensibilidade, de sua compreensão e de sua maneira de pensar se destaquem com a maior evidência possível».

LITERATURA E CARICATURA

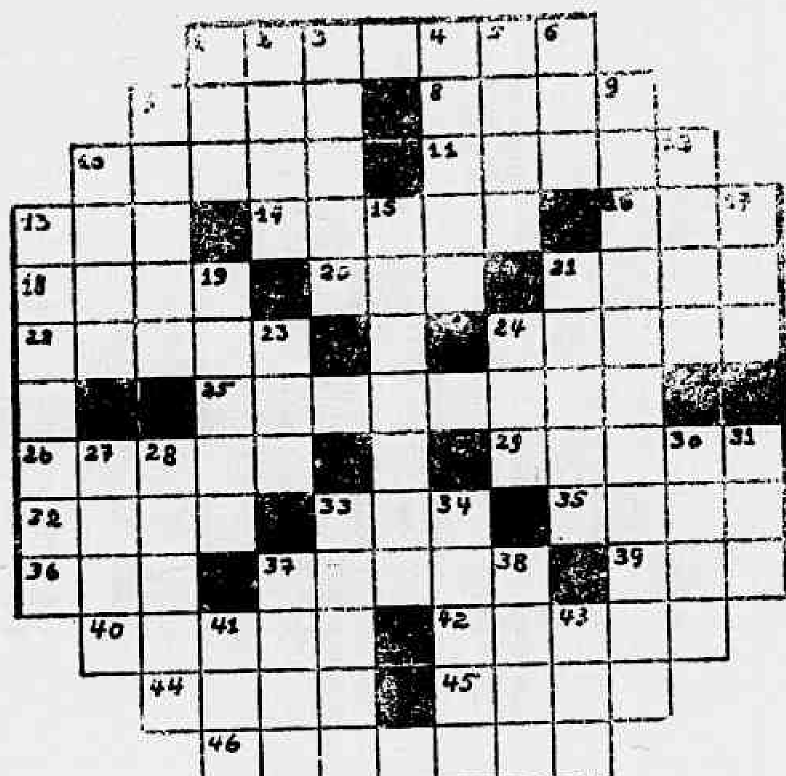


De uma série de caricaturas de Gubellini, publicadas em «Rico Tipo», de Buenos Aires, com a respectiva legenda: — Hoje editam-se livros para tôdas as idades, mas os leitores escolhem de maneira diferente.

PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 33 PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Repreensão — 7. Relação — 8. Dialeto português falado em Macau — 10. Separei — 11. Porção (pl.) — 13. Encerrar — 14. Conserva indiana com vinagre e sal — 16. Permissão — 18. Corte — 20. Planta medicinal — 21. Medonho — 22. Rio da Alemanha, afluente do Elba — 24. Planta medicinal da família das Liliáceas — 25. O que se colheu na caça, na pesca (Amazonas) — 26. Nome dado à pesca amarela na Bahia — 29. Combinar — 32. Maré forte — 33. Rio da Itália, afluente do Pó — 35. Asneira — 36. Asa de inseto — 37. Aspiração — 39. Gênero de plantas da família das Leguminosas — 40. História — 42. Coral azul — 44. Vertigem — 45. Espécie de lagosta — 46. Macularа.



VERTICAIS: — 1. Imensidão — 2. Escolhe — 3. Leiga — 4. Seguí — 5. Senhor (pop.) — 6. Contração plural — 7. Sacho de monda — 9. Triste — 10. Espécie de tatu de cabeça chata — 12. Tratamento que se dava aos senhores feudais — 13. Mordera — 15. Obscuro — 17. Atos exteriores — 19. Pequena ala — 21. Grito de guerra — 23. Bebedeira — 24. Altar dos sacrifícios — 27. Rolão — 28. Afã — 30. Da antiga Espanha — 31. Espécie de palmeira — 33. Pretêxtos — 34. Cobro de água — 37. Iri — 38. Escavar — 41. Palavra bérbere que significa filho — 43. medida grega de comprimento.

★

PROBLEMA N. 33 - PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Hora de descanso ou dormida depois do almoço — 6. Nocivo — 8. Carta de jogar — 10. Alto lá! — 11. Heróico — 12. Símbolo químico do alumínio — 13. Pêlo que cobre o corpo de certos animais — 14. Madre — 16. Parte interior de alguns frutos.

R. Donato - Rio

VERTICAIS: — 2. Preposição que indica lugar, tempo, modo — 3. Indivíduo que se tem em conta de muito criterioso e vive a dar conselhos — 4. Pronome pessoal — 5. Revolver a terra — 7 Aerostato — 9. Cloreto de sódio — 10. Sinal gráfico — 14. Nota musical — 15. Forma arcaica do artigo «o».

Soluções dos Problemas do número anterior.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Grama — 5. Avido — Rumânia — Cucu — Oro — Siar — Acre — Ami — Uruá — Momices — Eramá — Omega.
VERTICAIS: — Gnú — Arú — Mu — Amo — Ano — Vi — Ias — Ora — Ar — Cola — Rata — Cré — Ema — Ama — Mi — Icó — Use — Ura — Om — Em.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Imoto — Mafarrico — Rol — Ara — Umã — Era — Grã — Bra — Ato — Agoranomo — Gré — Uço — Bro — Iso — Lai — Cat — Nau — Monacatos — Exata.
VERTICAIS: — If — Mal — Or — Tra — Oi! — Mourariam — Almagesto — Carambano — Oratórias — Traça — Bru — Ano — Nox — Vat — Ne — Ca — Ta.

★

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

TOMARA QUE CHOVA...

(Cont. da pág. 51)

funcionamento graças ao empreendimento do simpático casal de artistas César Ladeira-Renata Fronzi. A fantasia refere-se à marcha que compôs juntamente com Jorge Murat e que se chama «Eu Quero é Galopar». Nesse carnaval vamos ter muitas fantasias novas sugeridas pelos próprios motivos musicais. Todavia, não podemos discriminá-las tôdas, assim como não nos é possível focalizar aqui tôdas as músicas carnavalescas, uma vez que o seu número, como ficou dito, sobe a 800.

Quando dizemos que determinada música está sendo mais cantada, não afirmamos que A é melhor compositor do que B. Não. Em absoluto. Todos têm o teu valor intrínseco. Se atualmente A não produz coisas que agradam a todos, contudo já o fêz ou poderá fazê-lo. E' o caso de Lamartine Babo. Quando o abordamos, foi logo dizendo: — «Vá entrevistar os novatos. Eu já dei o que tinha que dar. Para êste ano fiz «E Elas Voltaram...», só para não passar por borocochô, pois não me fica bem como presidente da U.B.C. E, saudosamente, passou a recordar-se, cantarolando, os seus três maiores sucessos: A Mulata, a Morena e a Loura:

«O teu cabelo não nega
Mulata, por que és mulata na côr,
Mas como a côr não nega
Mulata, eu quero o teu amor...»

★

«Linda morena...
Morena que me faz penar...
A lua cheia... que tanto brilha
Não brilha tanto como o teu olhar..»

★

«Lourinha...
Teus olhos claros de cristal...
Desta vez em vez da moreninha
Serás tu a rainha
Do meu carnaval...»

★

Ao lado de Lamartine estava o locutor Jonas Garret, que é o secretário do «Clube Toca Discos», interessante programa da Rádio Globo, que o criador da «Canção do Dia» organizou.

★

Entre os «brotos» que apresentam músicas carnavalescas figuram o jovem Domício Costa, que, de parceria com Nestor de Holanda, fêz «Gastei Tudo», gravado por José Ramos; Airton Amorim e Ari Macedo, com o samba «Madalena», gravado por Linda Batista e que constitui um dos grandes sucessos; e Claribalde Passos, que compôs, especialmente para as Irmãs Meireles, «Morena de Copacabana», cuja repercussão já chegou aos Estados Unidos, sendo irradiado constantemente na Broadcasting System, no programa International Disc Jockey.

Os veteranos apresentam muitas músicas. Nenhum com menos de quatro, sendo notáveis os repertórios de David Násser e Haroldo Lôbo. No do primeiro, além das músicas já citadas, destacam-se: — «Deus lhe Pague» e «Lily», ambas gravadas por Francisco Alves. Do segundo: «O Retrato do Velho», também na voz de Francisco Alves, e «Já Cansei de Chorar», samba, cantado por Gilberto Milfont.

Ari Barroso lançou «Ai Geni», «Beira do Cais» e «No Mar». Os demais compositores fazem mais fé nas músicas que vamos nos referindo ou que aparecem publicadas no final desta reportagem.

Milton de Oliveira de parceria com **Haroldo Lôbo** — «Estou com o Diabo no Corpo», na voz de Marlene, e que vem sendo muito cantada; **Mário Róssi** com **Carvalhinho** — «Frango Indigesto», gravado por Risadinha; **Geraldo Medeiros** — «Saia Curta», na voz de Sofira; **Henrique de Almeida** com **José Rosa e Neufar** — «Meu Fraco é Mulher»; **Luís Soberano** com **Jorge Gonçalves**, «Por que Será», samba cantado por Carlos Galhardo; **Marino Pinto** com **Haroldo Lôbo** — «O Retrato do Velho»; **Fernando Lôbo** — «Ai Cachaça», gravado por Black-out; **Jorge Murat** — «A Vaca Vitória», na voz de Jorge Veiga; **Otolindo Lopes** — «Eh Rapaziada», batucada, gravada por Ivan de Alencar; **Arnô Provenzano** e **Eul de Almeida** — «A Mentira Acaba», cantado por Elisete Cardoso; **Humberto Teixeira** — «Martírio», samba, gravado por Helena de Lima — «a mais cheirosa flor da Boite Meia-Noite — e «Bate o Bombo», baião, cantado por Emilinha Borba — a soberana intérprete dos últimos tempos; **Nestor de Holanda** com **Fernando Lôbo** — «O Vizinho é do Contra», cantado por Estelinha Egg; **Ataulfo Alves** e **Augusto Garcez** — «Sambou de Pé no Chão», gravado por Carlos Galhardo e **Roberto Martins** e **Ari Monteiro** — «Não Me Abandones», cantado por Gilberto Milloni.

SUCESSO PARA O CARNAVAL DE 51

TOMARA QUE CHOVA
MARCHA

Paquito-Romeu Gentil — Gravado por "Vocalistas Tropicais" e Emilinha Borba

Tomara que chova } *Bis*
Três dias sem parar }
A minha grande mágoa
É lá em casa não ter água
E eu preciso me lavar.

De promessa eu ando cheio
Quando conto a minha vida
Ninguém quer acreditar
O trabalho não me cansa
O que me cansa é pensar
Que lá em casa
Não tem água
Nem prá cozinhar.

Oi.

★

ESTOU COM O DIABO NO CORPO

Samba de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira. — Gravado por Marlene

Me larga, me solta, me deixa
Que eu quero sambar
Tô com diabo no corpo
Não posso sossegar.

Eu hoje estou indócil, indócil pra [brincar
Estou em carne viva
Não posso mais parar
Eu hoje me acabo
E viro até saci
Pois vai haver o diabo
Se me tirar daqui...

★

MADALENA

Samba de Ari Macedo e Airton Amorim. — Gravado por Linda Batista

Chorar como em chorei
Ninguém deve chorar
Amar como eu amei
Ninguém deve amar
Chorava que dava pena
Por amor a Madalena
E ela me abandonou diminuindo no [jardim
Uma linda flor.

(Bis)

Ela que para mim
Era um anjo de bondade
Partiu me deixando saudade
Eu que era feliz
Tornei-me um sofredor
Porque perdi meu grande amor...

AOS QUE COMEÇAM A PERDES CABELOS E AOS CALVOS

TONICO VEGETAL SEM ÓLEO

... Sabemos que entre as coisas exploradas pelos inescrupulosos se encontram com destaque, as «descobertas» de remédios para Calvície. Como não podia deixar de ser, esta exploração gerou a descrença que é obstáculo, agora, para que muitas pessoas se beneficiem com a verdadeira descoberta feita na Bahia e da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente, AMARALINA é o nome do produto. Para melhor orientação de V.S. citamos alguns nomes e endereços de pessoas de absoluta idoneidade, tôdas residentes em Salvador-Bahia, que obtiveram os resultados esperados com o uso de AMARALINA: — EVERTON VISCO, diretor artístico da Rádio Sociedade Bahia, rua Carlos Gomes, 9; JOSÉ CARIAS, industrial, rua Alvaro Adorno, 79; NATON RALES, comerciante, rua Saldanha da Gama, 32; JOÃO PEIXOTO, comerciário, rua Lucaia, 22; MANOEL PATO, comerciante, rua João Gomes, 49; COPERNICO MAGALHAES, comerciante, rua Amparo Tororó, 1; Sra. BERNARDES CHAVES, rua Jardim Cruzeiro, 82; DILTON DE CARVALHO, funcionário público, rua Amâncio Sousa, 23; DORIVAL SILVA, comerciante, ladeira S. Francisco, 27; MANOEL SOARES, rua Santos Dumont, 19.

AMARALINA é encontrada em qualquer Farmácia, Drogaria ou Perfumaria.

AMARALINA pode ser adquirida também pelo reembôlso postal a Cr$ 45,0, livre de porte, diretamente dos distribuidores: — M. M. BURLE & CIA. LTDA. — AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º andar, sala 616, onde, também, pessoalmente, quaisquer esclarecimentos serão prestados. — Telefones: 32-9309 e 32-9415. — RIO DE JANEIRO.

WILLA IRÁ PASSAR NOVAS HUMILHAÇÕES? OU GARVIN A SALVARÁ

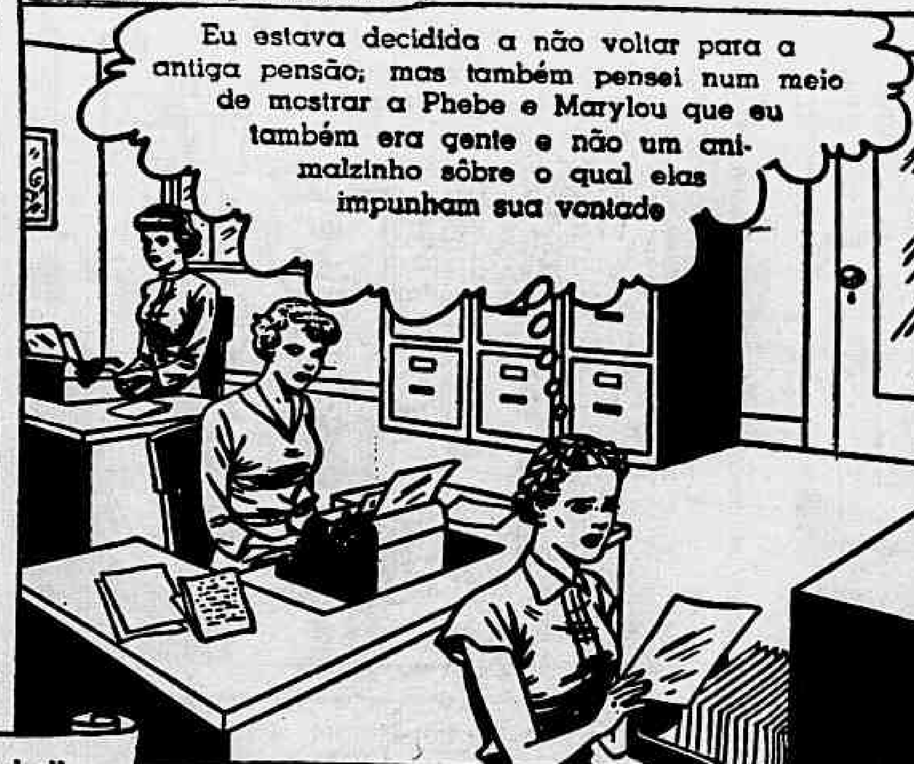
SUA PRIMEIRA CONQUISTA



















Tudo isto aconteceu



ESTA É UMA RARA FOTOGRAFIA do Estado Maior comunista tomada numa cena nas cercanias de Pequim, durante recentes manobras do Exército Vermelho da China comunista. Sentado junto ao chofer, está o comandante das fôrças chinesas, Tchiu-Teh. Em pé, mãos nos bolsos, o primeiro ministro e ministro do Exterior, Tchiu-En-Lai. Ao centro, no instante em que colocava uns óculos de côres, Mao-Tse-Tung, presidente da República Democrática Chinesa. Quando Mao assumiu o poder, espalhou-se a notícia de que iria ser uma espécie de Tito asiá tico, rompendo com Moscou; mas, até agora, não se confirmou o boato, embora seja êle advogado de uma federação de Estados Asiáticos.

UMA VIDA DRAMÁTICA

HÁ, residindo atualmente em Bar Harbor, no Maine, Estados Unidos, uma senhora de rara beleza e de tal expressão de serenidade no olhar e no sorriso, que dá a todos a ilusão de que se está diante da imagem da inocência. Entretanto, essa mulher, espôsa atualmente de um campeão de ski e que está prestes a ser mãe, tem uma história das mais dramáticas, dignas de folhetim policial ou de filmes de aventuras.



Sua vida anterior ao casamento se caracterizou pelos golpes de tragédias noturnas. Sua notoriedade se fêz através de sua amizade com os mais famosos "gangsters" de Chicago, entre jogadores e malandros da pior espécie. Chicago, Nova York, Miami, todos êsses centros de piratarias e delinqüências de tôda espécie, são familiares a essa bela dama de rosto sereno e sorriso infantil. Fazendo amizade íntima com um delinqüente da marca de Bugay Siegel, ela ganhou fortunas. Êle era o mais célebre e inveterado dos jogadores, e ela, excelente chamariz para as falcatruas do companheiro... Em 1947, viajou ela para a Europa, em excursão de "férias", deixando em sua vivenda de Los Angeles, o parceiro Siegel. Estava ainda na Riviera francesa, a veranear, quando soube que Siegel havia sido assassinado na casa dela. Ao voltar da Europa, foi vista em clubes noturnos de Chicago em companhia de outra "peça", o contraventor J. Epstein, de quem se dizia que recebia oito mil dólares por mês. Mas, apesar de tôdas essas aventuras e dramas, um dia ela resolveu casar-se. E agora é uma bela senhora, esquecida do passado e que vai ser mãe: Virginia Hills, ou melhor: Mrs. Hans Hauser.

CEREBROS MECÂNICOS

CONFORME telegramas vindos de Londres para a imprensa desta capital, foi apresentado à imprensa daquela cidade, pelo "National Physical Laboratory", o protótipo de novo cérebro eletrônico, destinado à rápida execução de operações aritméticas e que permite realizar-se num minuto as operações que exigiriam dos matemáticos o trabalho de um mês. Êsse aparelho seria capaz de dar, em quinze minutos, o resultados de operações que exigiriam mais de 500 mil páginas de cálculos. O aparelho que recebeu o nome de "Ace", utiliza a numeração binária e abrange apenas oitocentas lâmpadas. Os dados são fornecidos ao aparelho em cartões perfurados antecipadamente e a solução é oferecida da mesma forma para ser convertida depois em numeração decimal. A "memória eletrônica" é realizada sob a forma de colunas de mercúrio em que se deslocam as ondas supersônicas. O preço do protótipo foi de quinze mil libras esterlinas, mas o da máquina definitiva, duas vêzes maior, será de 40 mil libras. E' provável que os leitores ainda pouco versados em questões eletrônicas fiquem sem saber muito bem o que quer di-



zer aquela história tôda de ondas supersônicas, oitocentas lâmpadas de mercúrio, etc.. Mas, de uma coisa estejamos certos: não tardará muito que, ao nascer, venham as crianças a receber cérebros eletrônicos com o fim de evitar-se a desigualdade entre os homens. Uns são gênios, enquanto outros não conseguem somar um mais um... O mundo, realmente, está marchando para novidades incríveis e, nesse andar, vamos também comprar nas lojas o direito de ter inteligência...

O CARA-FEIA

ESTA é espantosa e daria um filme. John Glaefke era um sujeito feíssimo. Horrorosamente feio. Certo dia de 1940 foi prêso como ladrão e remetido para o Reformatório de Ohio. Mas, nem assim, conseguiu vida social. Os demais detentos não tinham coragem de aproximar-se dêle. Ao deixar o Reformatório entrou para o Exército. Lá também sua horrível cara se converteu em uma barreira e não conseguiu uma só amizade. Meditando nisso, John decidiu morrer. Obtendo licença no quartel, dirigiu-se para um lago e caiu n'água com roupa e tudo. Sem saber nadar, com o pêso do indumento, John ia morrendo afogado se não surgissem algumas pessoas que o retiraram d'água. Assim, nem mesmo a morte podia aproximar-se dêle. Como que também tinha mêdo do desgraçado Glaefke. Também assim já era de mais. Desesperado, já pensava numa outra maneira de suicidar-se, quando recebeu a notícia: "Foi desligado do Exército como doente mental..." John deixou a farda e teve uma idéia: se recorresse a um médico especializado em cirurgia plástica? Mas... e o dinheiro? Pensou em roubar até perfazer a importância necessária a mudar a "fachada". Infelizmente, porém, na primeira tentativa foi prêso numa confeitaria. Levado à presença do Juiz de Cleveland que, depois de ouvi-lo atentamente, resolveu ajudá-lo. Após ouvir cirurgiões e psiquiatras, o bondoso Juiz arranjou meios de submeter aquêle homem feio a uma operação plástica. Resultado: John ficou muito mais simpático e... acaba de casar-se e arranjar ótimo emprêgo, graças à humanidade de um Juiz que estava no Tribunal para condená-lo.

CUIDADO, COMERCIANTES!

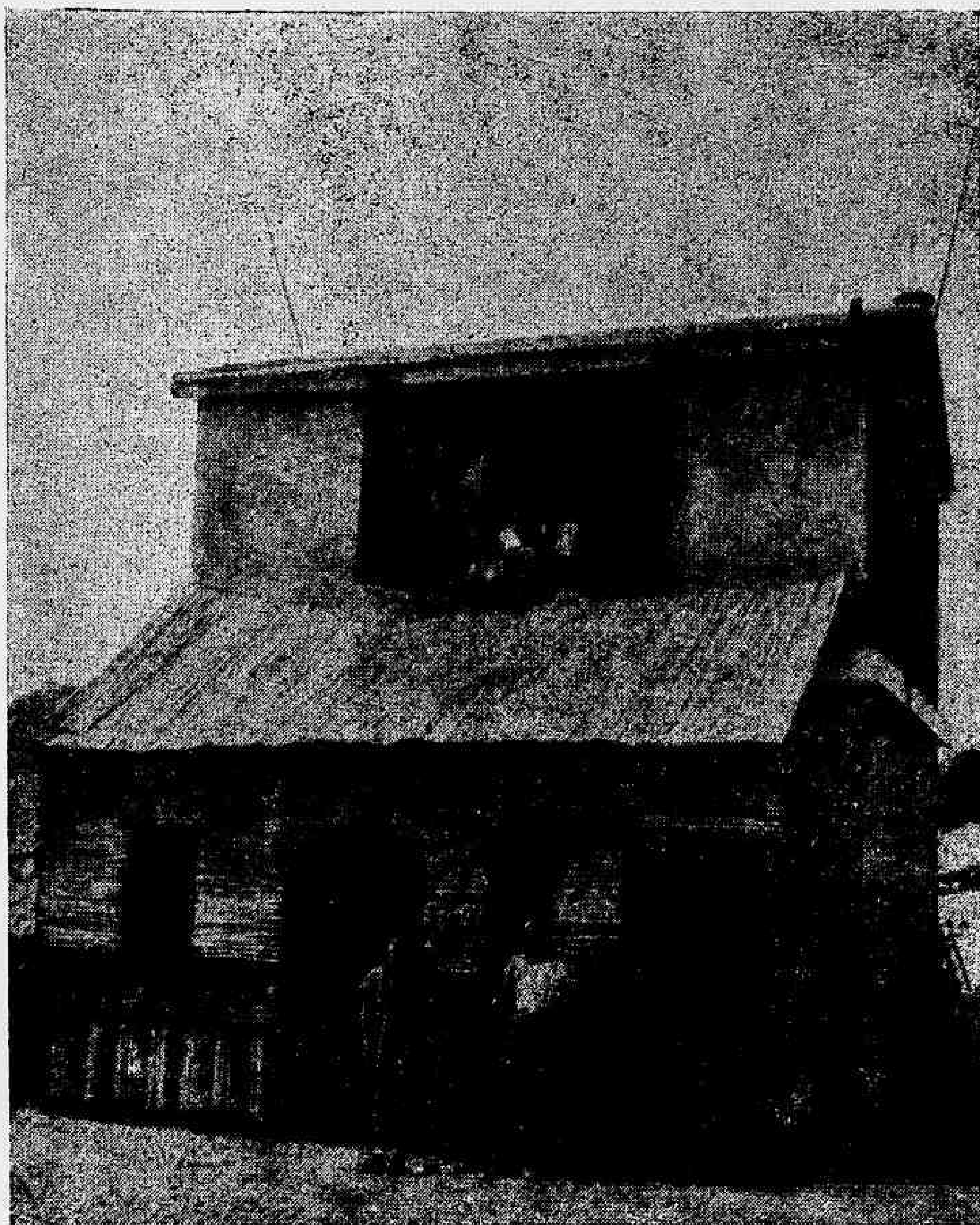


COMO é fértil a imaginação dos gatunos! E essa imaginação cresce muito mais, torna-se muito mais rica em "meios" quando se trata de um cérebro de mulher elegante e... formosa. Roberta Chrystal, elegantíssima "senhora" de atitudes distintas, sorridente e muito gentil, não entrava num "Magasin" para comprar bugigangas. Tudo tinha que ser do melhor e do mais fino. Entretanto, segundo o seu sistema, ela comprava mercadorias no valor de três mil dólares, mas gastava uma décima parte. Como podia ser isso? Nada mais simples: Miss Chrystal, antes de penetrar nos salões das casas "chics", já levava uma "Nota de Venda" do mesmo estabelecimento. Fazia então suas compras, digamos, uns duzentos dólares, pagava religiosamente e pedia ao gerente que remetesse a encomenda para o seu apartamento na avenida tal, número tanto... Logo depois recebia ela as compras. Pedindo ao portador o obséquio de esperar um pouco, ela começava a conferência. Mas, como não podia deixar de ser, não conferia a remessa com a "Nota de Venda" da casa. O rapaz telefonava à gerência, enquanto a espertalhona fingia estar aborrecida. De lá vinham mil pedidos de desculpas enquanto o resto lhe era enviado... Lá um dia, porém, a "casa cai". E houve uma que caíu em si da surprêsa. Desconfiando da história, o gerente mandou chamá-la. A lindíssima elegante compareceu e... foi explicar essa história de "Nota de Venda" com a polícia que também já a esperava. E a encantadora Miss Chrystal, com tôda a sua "transparência" de boa gente, foi passar o Natal nas grades... de Nova York!

QUE CONTRABANDO!



O contrabandista tem expedientes assombrosamente perfeitos. Os inspetores de Alfândega podiam publicar ótimas páginas a respeito dêsse gênero de delinqüência contra a renda das nações. Parece mesmo que ainda não se escreveu uma obra dessa espécie. E está na hora. De quando em quando os jornais do Rio publicam nomes e fotografias de indivíduos que vêm lá de suas terras e são desmascarados aqui na aduana brasileira, quando pretendiam passar vultosos contrabandos. Um dêsses foi registrado pela polícia e se prendia a duzentos colares de pérolas, fechos de ouro, etc.. A que sistema recorreram os fraudadores? Eram dois: marido e mulher, Sr. Josef Heroz Langer e sua espôsa, ambos passageiros do transatlântico norte-americano "Argentina", que passou pelo Rio a 15 de dezembro. Uma denúncia chegada com dias de antecedência fêz que o guarda-mór da Alfândega designasse um fiscal para seguir o casal suspeito, quando chegasse ao pôrto o navio em que ambos viajavam. O Sr. Langer e sua senhora vinham para o Rio. Logo que sua volumosa bagagem foi enviada para a inspeção, o funcionário incumbido de seguir tudo direitinho acompanhou-os. Lá no armazém de bagagem já havia ordem para que o sr. Langer e espôsa fôssem inspecionados de maneira tôda especial. E surprêsa! Por baixo da roupa de ambos foram sendo descobertos colares e mais colares de pérolas tudo amarradinho ao corpo, como se fôssem esparadrapos! E, ao lado de tanta pérola, objetos de ouro também foram encontrados. Que mina!



Não é sòmente no Rio que se vêem grandes multidões a morar em mocambos e casebres aí pelas favelas desarmoniosas e sem higiene. Também na Europa a crise de habitações força o homem, pai de família, a construir seus "barracos" sôbre pedras e morros alcantilados. Esta fotografia é a de um "cabanon" de dois pavimentos onde vive um casal com sua numerosa prole. Tudo serve: esteiras, paus, zinco... O tipo perfeito de habitação de emergência. Segundo as estatísticas, havia em Marselha trinta mil dessas casas. Hoje, estão reduzidas a quatro mil, nos subúrbios.



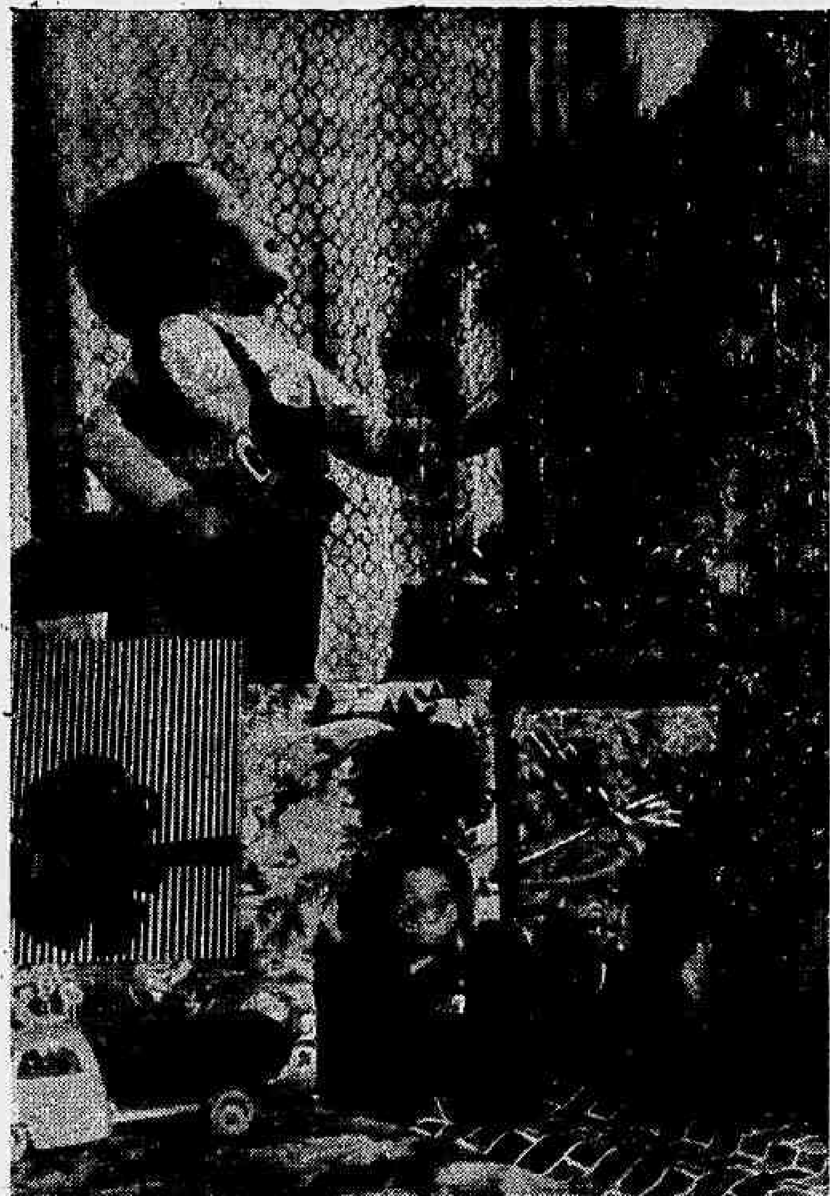
LUIS TRENKER É UM ARTISTA austríaco dedicado ao cinema. Já filmou várias películas, tôdas elas com motivos de dramas nas montanhas, o seu fraco. E' que êle já foi alpinista. Mas, ao lado da arte cinematográfica é louco por cerveja. Sabendo que, em Mônaco, muito próximo onde filmava com Marianne Hold (a estrêla na estrema esquerda) iam dar festivais com cerveja à bessa, desceu apressadamente e ei-lo aqui, ao lado de sua companheira e de vários amigos, salvando a Deus e ao Diabo, pois êle não gosta de ficar comprometido entre a «cruz» e a «caldeirinha». E viva «la birra!»

POBRE MILLER!

SHERMAN Miller é mesmo um cidadão sem sorte. Pelo menos em amôres. Certo dia êle viu a encantadora Janet e se apaixonou por ela. Janet, uma jovem de dezoito anos, aceitou o namôro e deram um passeio; mas, ao regressar a casa, a jovem achou que Miller não era o Príncipe de seus sonhos. No dia seguinte desfez o namôro. Entretanto, com o coração de Sherman se dava o contrário Êle cada vez mais se achava louco de amor pela ingrata. Um dia êle viu que a bela Janet estava com outro amor. Era um jovem de compleição robusta, diretor de uma casa de negócio lá do Staunton, na Virgínia, e que, todo fim de semana, vinha de avião para Nova York, a fim de encontrar-se com a namorada, já sua noiva. Miller ardeu em ciúmes e arquitetou uma vingança. Daria uma surra em Don Shorr. À noite de um sábado, sorrateiramente, penetrou em casa de Janet e se escondeu por detrás de um móvel. O ponto era estratégico. Logo que o Don chegasse, iria ver com quantos paus se faz uma jangada... Janet, deitada a um divã, dormitava um pouco, quando percebeu um barulho dos diabos no vestíbulo. Logo depois o noivo saía como uma bala atrás de alguém pelo meio da rua. Que seria? Dom Shorr, ao regressar com um cidadão pelo gasnete, disse à noiva que, ao entrar fôra atacado a socos por êle. Janet reconheceu então o ex-namorado e tudo ficou explicado pelo mesmo à polícia. Quisera dar uma sova no seu rival; mas, sendo êste mais forte do que êle, levara a melhor e, além de esmurrá-lo, ainda o alcançara na disparada... E Janet teve que acariciar o rosto do noivo, que também recebera dois munhecaços valentes. Que idiota, êsse Miller!

Os festejos de Natal

O Natal é sempre comemorado na Inglaterra com muito mais pompa do que em qualquer outro reino da Europa, — escrevia um padre, o Pére Cyprian, que teve oportunidade de visitar a Grã-Bretanha na Idade Média. Entretanto, apesar de êle haver descrito as cerimônias religiosas e os estranhos e encantadores costumes que auxiliaram a criar o espírito que deu nascimento ao apelido de "Merry England" (Feliz Inglaterra) naqueles velhos dias, é difícil que qualquer Natal do passado pudesse ter alcançado mais elevada nota de regozijo para os católicos inglêses do que êste Natal de 1950, que encerra um dos mais momentosos anos de sua história. Como Ano Centenário da Restauração da Hierarquia Católica na Inglaterra e no País de Gales, os últimos meses têm presenciado inúmeras comemorações em muitos santuários sagrados, inclusive nas abadias de Glastenbury, Walshingham, Aylesford e Kirkstall. Culminaram na grande passeata histórica da concentração final em Wembley, perto de Londres. Lembranças gloriosas do passado foram reacendidas e entre os milhares de visitantes do além-mar que vieram assistir às celebrações do Centenário encontravam-se muitos britânicos velhos que vivem em terras distantes da Comunidade e nos Estados Unidos. Outros muitos viajantes passaram pela Grã-Bretanha em sua Peregrinação de Ano Santo a Roma. Assim, depois de todos êsses excelentes encontros, os católicos prevêem um Natal particularmente feliz.



MISSA DA MEIA-NOITE

O amor inglês ao Natal é imutável. Os católicos se dirigem à Missa da Meia-Noite cada vez em maior número, de modo que as igrejas ficam apinhadas e os fiéis têm de reunir-se em capelas laterais. Milhares de católicos (e também de não católicos) assistem à Missa de Meia-Noite cantada por coros de monges, irradiada pela BBC, dos grandes mosteiros modernos, Downside, Buckfast e Ealing que com outros, substituíram as famosas abadias que floresciam nos séculos passados. "Waits", pequenos bandos de cantores amadores ou coros belamente exercitados, ainda percorrem as ruas cantando as velhas canções de Natal que se encontram entre as mais belas canções populares religiosas do mundo. Nos últimos anos essas canções de Natal se tornaram no aspecto mais encantador da festividade. Imensas multidões se reúnem tôdas as noites durante uma semana antes da festa, na Praça de Trafalgar, em Londres. Ali se encontra uma gigantesca árvore de Natal, iluminada com luzes coloridas, e muitos coros, inclusive católicos, dão concertos de cantos de natal e coletam dinheiro para as ceias de Natal para crianças e velhos. Só um clube católico coleta anualmente centenas de libras desta maneira para organizar uma festa para os órfãos. A caridade sempre foi uma nota carinhosa do Natal inglês. Nos velhos tempos, os muito pobres costumavam, no dia de S. Tomás (21 de dezembro) visitar os vizinhos, inclusive fazendeiros e comerciantes. Levavam sacos consigo nos quais essas pessoas generosas punham carne, legumes e outras coisas para o Dia de Natal. Costume encantador entre as crianças é o da "Caixa Milly". "Milly" é uma corruptela de "My Lady" (Nossa Senhora) tendo êsse nome porque dentro da caixa havia duas figuras ou bonecas, uma representando Nossa Senhora e outra, o Menino Jesus. Depois de cantarem a velha canção "The Seven of Our Lady", do lado de fora das casas, as crianças ganhavam bolos, doces, maçãs, moedas e outras coisas. O costume se conservou até quase nossos dias, apenas sob nome diferente: "The Vessel-Box" ou "Vassail-Box".

"O REI DO NATAL"

Outro costume que perdurou até há poucos anos se chamava "O Rei do Natal", praticado no colégio beneditino inglês de Downside, perto de Bath, no sudoeste da Inglaterra. No princípio do século 19 os transportes eram tão maus que os meninos não saíam dos internatos por ocasião do Natal. Em Downside os meninos elegiam um "Rei" para presidir os companheiros e organizar as festividades. Era considerado grande honra, e reconhecimento do caráter do menino, pois o "Rei" detinha contrôle absoluto e podia até convidar o Diretor e o Abade para comparecerem aos festejos. Cerimônia que nunca desapareceu foi a da Cabeça de Varrão, no "Queen's College" na Universidade de Oxford. Depois do corpo docente haver feito suas orações e tomado seus lugares numa grande mesa, a cabeça de varrão, coberta de uma guirlanda de louros, e com uma laranja na boca, é levada ao refeitório numa grande bandeja de prata carregada por quatro empregados, enquanto um cantor canta a "Canção da Cabeça do Varrão", todos os presentes se juntam no côro "Caput apri defero, Reddens laude Domino". E' costume muito antigo, datando, diz-se, de quando um professor do Colégio se salvou do ataque de um javali, metendo um livro em sua guela. As palavras da canção aparecem em um dos primeiros livros impressos na Inglaterra por Wynkin de Worde. Outro colégio de Oxford, o St. John's, conserva ainda o pedestal de pedra para vela, ornamentando como o "Agnus Dei", que suportava a vela que queimava durante 12 dias em que o Natal era celebrado nos velhos tempos. Essa vela ainda é usada por muitos católicos quando os sinos da igreja proclamam o nascimento de Jesus.

BELOS PRESÉPIOS

Em tôdas as igrejas católicas da Inglaterra se encontram presépios por ocasião do Natal. Também se encontram em igrejas não católicas, havendo um na Catedral de São Paulo, em Londres. Muitos são belas e trabalhadas obras de arte. A Igreja Carmelita de Kensington, Londres, antes de ser bombardeada durante a segunda grande guerra, reservava tôda uma capela para o presépio. Por meio de engenhosa disposição de espelhos, via-se a caravana de camelos dos Três Reis, que se aproximavam, a certa distância, enquanto à frente os pastôres estavam ajoelhados adorando o Menino. E' um dos principais passeios da criançada católica durante o tempo de Natal, visitar muitas igrejas católicas para ver os presépios. As famílias que têm criança preparam sempre um em seus lares e recitam orações familiares ao redor do mesmo. Muitos artistas estão voltando sua atenção para fazer belas imagens para essa finalidade. O Natal, com efeito, é a grande festa familiar da Inglaterra, aquela em que o espírito religioso é real e profundo. E', assim, uma ligação entre os povos de fala inglêsa de todo o mundo; principalmente porque o correio, por ocasião do Natal, transporta mensagens de simpatia e boa vontade. Isso se notará ainda mais êste ano, quando aconteceu tanta coisa para unir os povos de fala inglêsa, para reavivar lembranças mútuas e prendê-los com um forte "sentimento de família" que muito promete.

DOUGLAS NEWTON

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Tomara que chova (Abdias Rodrigues) 8/13
Maceió, sua terra e sua gente (Sabino Canalini) 18/21
Política na zona rural (Daniel Caetano) 23/25
A luta contra a ignorância (Renato de Alencar) ... 28/31
Residências reais desaparecidas (Jean Galotti) ... 36/37

ATUALIDADES

Só restam saudades 4/5

LITERATURA

Na reta do século XXI (Renato Alencar) 3
O cabo Filomeno (Sabóia Ribeiro) 22
O futuro do Pituquinha (Waldemar Iglésias Fernandes) 34
Semana Literária (Edmundo Lys) 52/53
Os festejos de Natal (Douglas Newton) 58

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 6
A personagem da semana . 6
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 49
Puxe pelo cérebro 51
Palavras cruzadas 54
Tudo isto aconteceu 55/57

HUMORISMO

Ano novo, vida nova (Théo) 7
Êste mundo e o outro (Darcy) 27
Vil metal (Nicodemus) ... 35

FEMININAS

Claraluna (Lyse) 39
Para a praia 39
Variados 40
Modelos em organza 41
Reveillon 43
Week-end na cozinha 44/45

FOLHETIM

Sua primeira conquista .. 55

FOTOS

Walter Morgado — Sabino Canalini — Arnaldo Vieira — S.F.I. — B.N.S.



ILUSTRAÇÃO

Abelardo Zalnar

BONECOS

Rafael

★

NA CAPA

Virginia Mayo

(Foto Warner-Bros.)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Hormônio da glândula tiróide.
2 — Campinas, São Paulo.
3 — Cláudio Manuel da Costa.
4 — Guaporé.
5 — Suicídio com um tiro no coração.
6 — Luiz Gama.
7 — Cassino Fluminense.
8 — Na embocadura do Amazonas.
9 — Amador Bueno (1642).
10 — De Pernambuco.
11 — Cromwell.
12 — Galileu.
13 — Molière.
14 — Guatimozin, do México.
15 — José do Patrocínio.
16 — Augusto Comte.
17 — Vinte-e-quatro.
18 — Treze.
19 — Clisson e Eugênia.
20 — Três (inglêsa, francesa e italiana).

MÓVEIS e DECORAÇOES

Orçamentos e sugestões executados por técnicos especializados



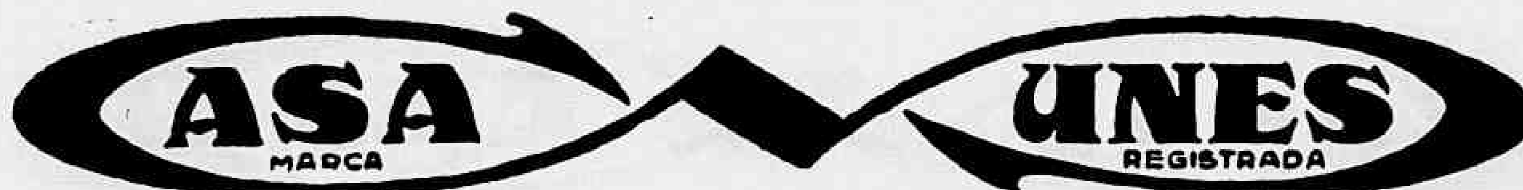
Projeto e execução da CASA NUNES

GRUPOS ESTOFADOS

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

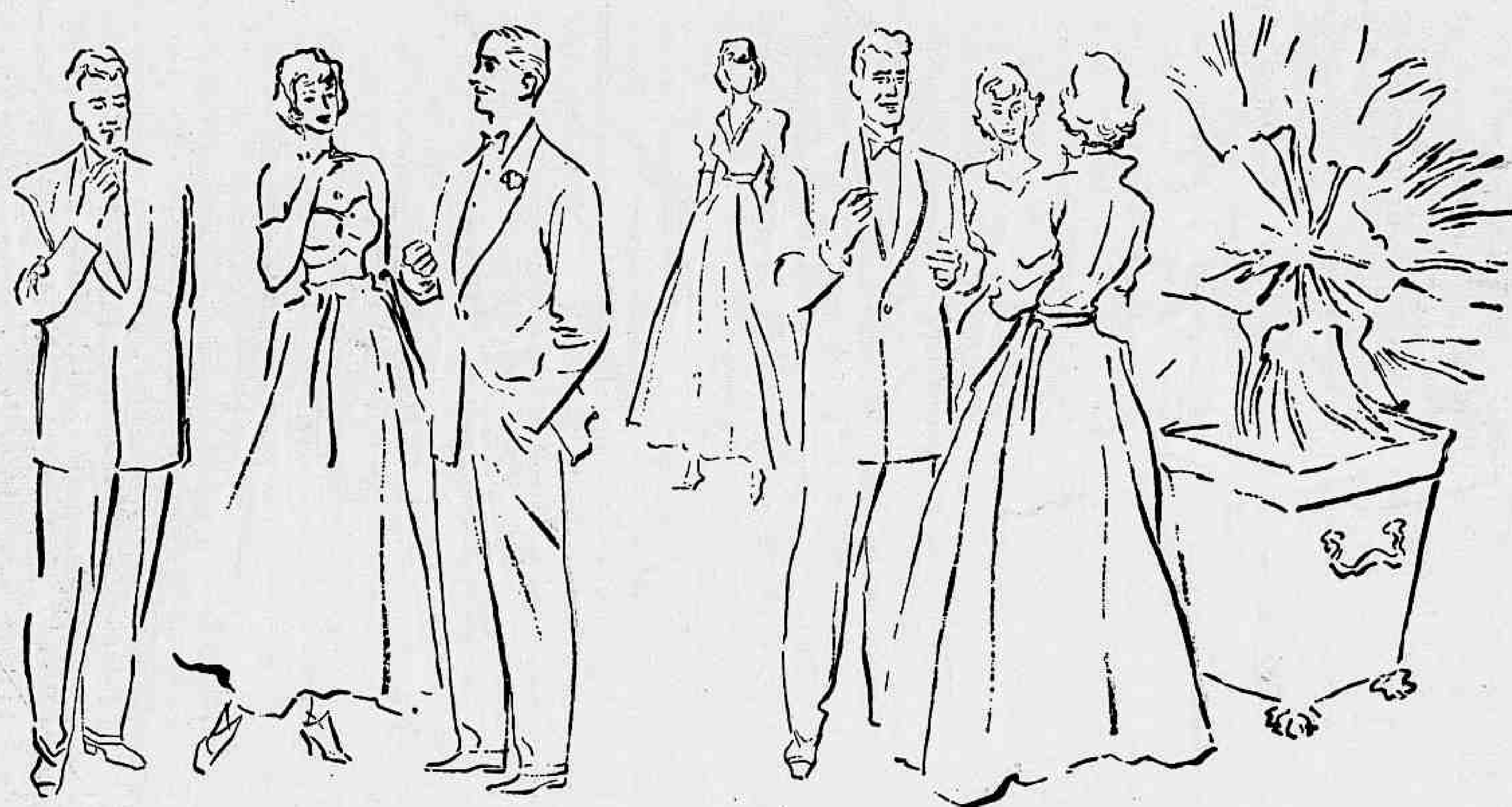
TAPETES E PASSADEIRAS

DE FORRAÇÃO, LISOS E COM FLORES
EM TODOS OS TAMANHOS E CÔRES



65 Rua da CARIOCA 65 — RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

88.062